

REVISTA DA SEMANA

Ano XLV = = = N.º 22 = = = Cr\$ 1,50 em todo o Brasil = = = 27 de Maio de 1944



No texto!

Por que

você aboliu as meias?
Vaidade ou economia?



Enlace CAMPOS MATARAZZO - GARCIA DALE

Constituiu um acontecimento de elevada expressão social o enlace matrimonial da senhorinha Helena Maria de Campos Matarazzo com o sr. Luiz Gonzaga Corrêa Garcia Dale, pertencentes a duas ilustres famílias da nossa alta sociedade. A noiva é filha do sr. Fausto Matarazzo e de sua esposa, sra. Aryc de Campos Matarazzo, e o noivo do sr. Guilherme Dale e de sua esposa, sra. Luiza Corrêa Dias Garcia Dale. Oficiou a cerimonia religiosa, levada a efeito na Igreja da Candelaria, frei Romeu Dale, primo do noivo, servindo de padrinhos da noiva a sra. e sr. Francisco Castro e Silva, e do noivo os seus pais. Durante a solenidade foram executados a Marcha Nupcial e trechos de musica de autoria do pranteado politico e compositor dr. Carlos de Campos, avô materno da noiva. O tradicional templo esava repleto do que de mais fino e representativo possui a nossa haute-gomme", o que imprimia ao ambiente uma nota de rara elegancia e distincção, ao tempo em que os nubentes e suas familias eram cercados do carinho e do afeto de todos. O ato civil realizou-se na residencia da noiva, à rua General Barbosa Lima 35, sendo testemunhado, por parte da noiva, pela sra. e sr. Heitor Marques Corrêa, e por parte do noivo pelo sr. Guilherme Dale Filho. Após a cerimonia religiosa, a familia Fausto Matarazzo ofereceu recepção aos convidados nos salões do Copacabana Palace Hotel, onde os nubentes e seus progenitores viram repetidas as manifestações de estima e apreço por parte de todos os presentes.

A nossa reportagem fotografica colheu dos esponsais os flagrantes que ilustram esta pagina.



Ao alto — Os noivos perante o altar. Ao lado — O ato da aposição das alianças. Em baixo — Aspecto da assistencia que enchia a nave da Candelaria, colhido no momento em que a noiva era conduzida ao altar pelo braço de seu pai, sr. Fausto Matarazzo.



(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

CABELUDOS OU CARECAS?



Carecas triunfam na arte e carecas triunfam, também, na política, nas letras e na guerra. Mac Arthur, por exemplo, embora na gravura apareça de cabeça coberta pelo "kepi" de general.



CONTRISTOU-ME a notícia, vinda da Inglaterra, de que ali foi descoberta a vitamina H e de que essa nova combinação química tem o dom de restaurar as cabeleiras que só existem na lembrança dos seus antigos donos e nos retratos dos alburns de família... Fiquei contristado, porque a paisagem masculina vai ficar uniforme e banal, sem a diversidade esplêndida dos nossos dias, quando todos os homens, graças a essa vitamina, se converterem em Sansões e Absalões, de cabeleiras abundantes e sem falhas... Lamento também o fato de, mais uma vez, o progresso científico, a magia dos laboratórios, extinguir de um só golpe várias profissões e indústrias que dão trabalho a muitos milhares de operários. Si é verdade que a vitamina H faz com que renasçam florestas capilares nos crâneos masculinos, é evidente que desaparecerão, em breve, as variadas indústrias de tônicos do couro cabeludo, quinas, petróleos perfumados, bem como os massagistas que nos convencem, facilmente — falo como careca em perspectiva — de que uma boa esfregadela fortifica os pêlos existentes e faz nascer pêlos novos...

A vitamina H vai tirar aos homens um dos processos mais singelos e eficientes de identificação dos indivíduos. Quem é fulano? É um rapaz alto, de meia idade, meio careca. Essa descrição já transmite uma imagem fortemente definida, precisa e sugestiva. Encontramos esse homem no meio de cem. Tirem-lhe a careca e não o identificaremos no meio de dez. O público que frequenta os teatros, em frisas ou balcões, vai perder, também, um dos seus divertimentos favoritos, enquanto espera a subida do pano, invariavelmente atrasada. Esse divertimento é o de contar as carecas que resplandecem na platéia, lá embaixo: uma, duas, três... Tudo isso com espírito de verificação, com uma admirável vocação estatística, afim de apurar si diz a verdade o anúncio que insistentemente proclama que, nos teatros, setenta por cento são calvos. Não é verdade: nos teatros, quase sempre, setenta por cento são mulheres...

A descoberta da vitamina H vem também tirar aos que não têm muito cabelo uma das mais belas ilusões que um calvo possa ter. A medicina, que vive de retificar os seus próprios conceitos, por outros que também são muitas vezes retificados, a seu tempo, sustentou durante anos que a calvície representava um documento de virilidade. Nos símbolos clássicos, nos deuses pagãos, nos faunos gregos, a calvície representava um detalhe indispensável. Agora vem a bioquímica e descobre que a calvície é apenas uma avitaminose...

Contudo, avitaminose ou não, o momento atual é um momento propício aos carecas ou aos quase carecas. Os sambistas cariocas, com o dom que têm de fixar numa canção o espírito da época, já celebraram os não-cabeludos em estrofes deliciosas:

"Nós, nós os carecas,
Com as mulheres
Somos maiores..."

No cinema, atores carecas ou quase carecas muitas vezes arrebatam a pequena a camaradas que têm a caixa das idéias protegida por verdadeiras florestas. É verdade que, embora esses atores usem "toupets", a publicidade cinematográfica habilidosamente evita quaisquer referências a essas peças postiças. Um ator famoso, que certa vez entrevistei, se recusou a tirar uma fotografia comigo, a menos que eu pusesse um chapéu na cabeça... E ficamos os dois, de chapéu, num apartamento do

Waldorf Astoria, porque ele não tirava o seu nem à mão de Deus Padre, a menos que já tivesse colado no couro descabelado um bom chinó...

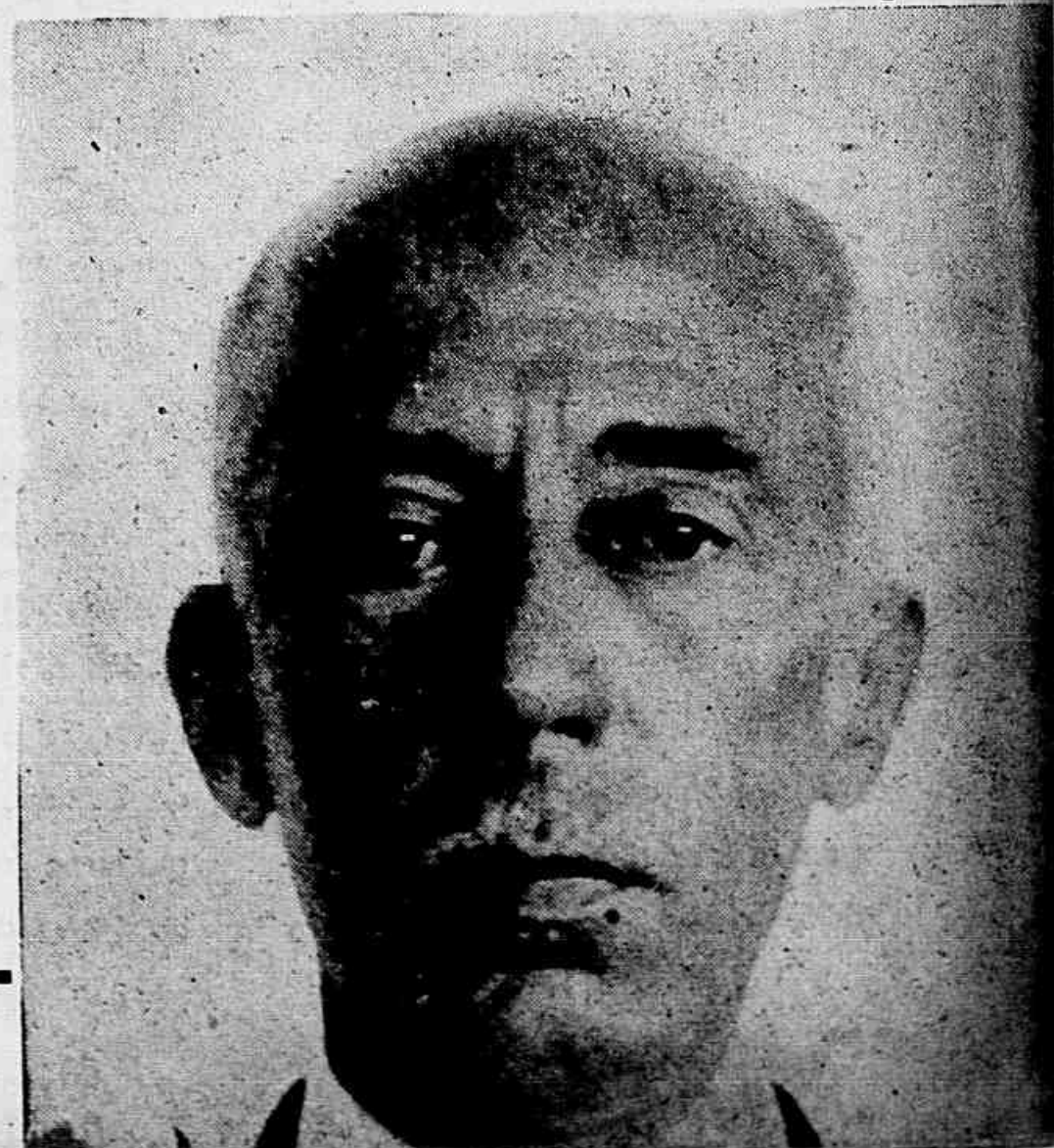
Quando Charles Boyer esteve em Nova York, para o lançamento de um filme francês, "Coração da França", profundamente anti-nazista, produzido antes da invasão e, com grande risco, contrabandeado no ano passado para os Estados Unidos, uma instituição patriótica francesa, das muitas que mantêm vivo o verdadeiro espírito da gloriosa noção latina, sob a invocação de Charles De Gaulle, convidou-o para fazer uma conferência. Charles Boyer, que escreve e fala muito bem, sendo um dos líderes da esquerda católica, marcou a conferência, mas surgiu, depois, um problema sério, que o fez cancelar a palestra. Charles Boyer, como figura do mundo intelectual e político, decidira falar sem "toupet", mostrando sua calva já bastante provecta. Contra isso insurgiram-se a Universal Pictures e a Metro-Goldwyn-Mayer, que iam apresentá-lo como galã romântico, a primeira em "Flesh and Fantasy" e a segunda em "Gaslight". Charles Boyer achou que podia aparecer, como ator, de cabeleira postiça, no palco ou no teatro, porque isso era parte da caracterização do personagem que representava, mas nunca numa tribuna de conferências. E, assim, a idéia foi enforcada.

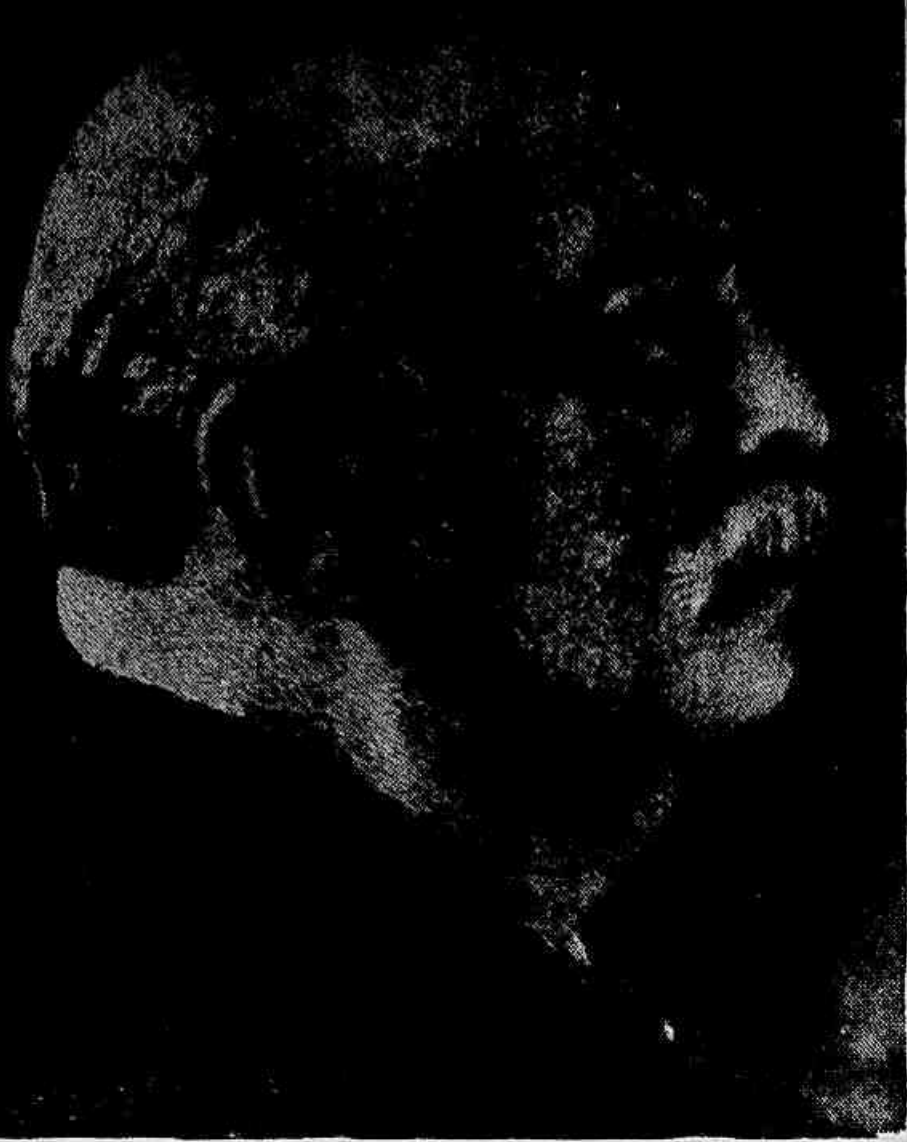
Outro ator com um bom princípio de calvície é Brian Aherne. Simples, modesto, de uma extrema afabilidade, Brian Aherne não dá a menor importância à sua queda de cabelo. Mas as companhias que o contratam dão grande importância a isso. Resultado: Brian Aherne pode passear tal como é por toda a parte, mas não pode se fotografar sem ter colocado, primeiro, o seu "toupet" postiço, magnificamente preparado. Quem o vê na tela, conquistando Rosalind Russell e Claudette Colbert, com aquela magnífica e ondulada cabeleira, talvez lhe inveje a pujança capilar.

(Segue)



Caréca é o maior
inventor brasileiro:
Santos Dumont;





O nosso maior chanceler foi um careca:
Rio Branco.

Mas não há razão para tal inveja. Em qualquer loja de artigos para caracterização de Nova York ou Hollywood os invejosos podem obter uma cabeleira igual.

O prêmio da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas do ano passado, para a melhor interpretação masculina foi concedido a um ator careca, Paul Lukas, que em "Watch on the Rhine" tem vigorosíssima criação, obscurecendo com o seu talento dramático a própria Bette Davis. Paul Lukas só usa cabeleira postiça no palco. Fora do palco exhibe o seu crânio reluzente, tal como realmente é. Nenhuma careca encontrei, entre os atores de cinema, tão luzidia, tão completa e acabada como a de Conrad Nagel, que fez tantos filmes com Greta Garbo e que, ainda há dias, aparecia em Nova York, no palco, ao lado de Miriam Hopkins, na peça "The Skin of Our Teeth", fantasia satírica de Thornton Wilder. Conrad Nagel, conhecido também como a voz do programa literário do "Reader's Digest",

não terá, ao todo, cem fios de cabelo. Em vez de um simples "toupet", tem êle de usar uma cabeleira completa, quando aparece em papeis como o de Mr. Antrobus, da peça discutidíssima de Wilder.

Brian Donlevy, o massa-bruta, o herói agressivo de tantas películas, hoje carrasco nazista, amanhã "gangster" de Nova York, possui também uma respeitável calva, cuidadosamente coberta com uma bela cabeleira postiça. Bing Crosby, que tem ainda algum cabelo, se limita a usar um "toupet" quando faz a côrte a Dorothy Lamour e implica com Bob Hope.

Carecas triunfam na arte e carecas triunfam, também, na política, nas letras e na guerra. Os dois comandantes em chefe norte-americanos — o da Europa e o do Pacífico — são ambos carecas: Eisenhower e MacArthur. O presidente Roosevelt não consegue mais disfarçar a sua calvície em franco progresso, e Winston Churchill não faz a menor questão de mostrar a sua. O nosso maior chanceler foi um careca:



Winston Churchill não faz a menor questão de mostrar a sua calva;



Eisenhower, outro grande careca da guerra atual. Detalhe importante: Muitas vèzes os carecas preferem fotografar-se assim, de cabeça coberta..;

Rio Branco. Careca era o maior inventor brasileiro: Santos Dumont. Na Academia Brasileira de Letras há calvas respeitáveis. A calva não é um obstáculo ou um "handicap". A falta de cabelo tampouco incompatibiliza o herói com a admiração das multidões. Por isso mesmo, acho que o sábio inglês que descobriu as miríficas propriedades da vitamina H devia ter levado para o túmulo o segredo da sua descoberta. Os atores continuariam a usar postiços. O espetáculo dos crânios masculinos seria mais variado. Os barbeiros teriam um pretexto para aumentar as férias. As indústrias de tónicos e quinas continuariam a dar emprego a muita gente e a enriquecer o erário público com o produto dos seus impostos. E continuariam, sobretudo, a manter ilusões, o que é importantíssimo no mundo de hoje, em que quase já não podemos crêr em coisa alguma, nem nos homens, nem nas doutrinas, nem nos tratados...

OS NOVOS COLABORADORES DA

"REVISTA DA SEMANA"

Nossos leitores devem estar acompanhando, com o natural interesse de quem nos dispensa a sua atenção, a fase de melhoramentos que se vem processando, de tempos a esta parte, na REVISTA. Mantendo suas tradições de quase meio século e um nível de elevado sentido artístico e intelectual, procuramos, assim, corresponder a essa preferência. Agora mesmo estamos proporcionando a quem nos lê, uma série de crônicas assinadas por nomes de real prestígio em nossas letras. De fato, nada menos de quatro novos colaboradores têm desfilado por

estas páginas: Henrique Pongetti, Alvaro Moreyra, Genolino Amado e, a partir d'êste número, também Raymundo Magalhães Jr. São interessantes crônicas, pequenos comentários dos acontecimentos da cidade, do país ou do mundo, confiados a tão acreditados comentaristas, dos que maior evidência desfrutam, no momento, e aos quais se associam os velhos colaboradores desta publicação. Pro-

curamos ainda desenvolver e ampliar as demais páginas da REVISTA, de molde a oferecer aos leitores, em cada número, uma súmula dos mais importantes acontecimentos da atualidade em todos os setores. Colunas de teatro, de rádio, de belas artes, de cinema, ocorrências da guerra, reportagens locais e páginas femininas, tudo está sendo gradativamente cuidado. De par com os colabora-

dores citados, podemos incluir ainda as "charges" e ilustrações de Orlando Mattos, as entrevistas sobre momentosos assuntos — eleições da Academia, o papel da mulher na guerra e no após-guerra, etc. — tudo sem prejuízo da leitura que habitualmente se encontrava.

Esse laborioso esforço, empreendido ao limiar das comemorações do nosso 44.º aniversário, permite-nos assegurar aos leitores crescentes melhoramentos introduzidos, sem quebra de continuidade, na mais antiga publicação ilustrada do País.



RUDYARD
KIPLING

SI...

TRADUÇÃO DE SAMUEL RIBEIRO

ILUSTRAÇÃO DE
MIGUEL H.

SI puderes conservar a tua calma quando todos em torno de ti desnortearem e por isso te culparem;

SI puderes confiar em ti mesmo quando todos os homens de ti duvidarem, mas também tolerar a duvida deles;

SI puderes esperar, sem por isso te fatigares, ser caluniado, sem teceres intrigas, ser odiado, sem te renderes ao odio. E, mesmo assim, não exaltares a tua bondade e nem fales com excessiva sabedoria;

SI puderes sonhar, sem te deixares vencer pelos teus sonhos;

SI puderes pensar, sem resumires no pensamento o teu unico objetivo;

SI puderes aceitar o Triunfo e o Fracasso sem as distinções que os separam;

SI puderes ouvir a verdade que disseste, deturpada pela má fé, para assim iludir os parvos;
Ou contemplar, desfeitas, as coisas a que devotaste a tua vida, reunindo-as e reconstruindo-as com recursos gastos;

SI puderes juntar tudo quanto ganhaste e tudo arriscar num golpe de aposta, perder e começar novamente do inicio sem nunca murmurares uma palavra sobre o teu prejuizo;

SI puderes estimular o teu coração, nervos e musculos e te servirem mesmo depois que eles se tiverem esgotado e assim resistires quando nada mais sobrar da tua energia exceto a vontade que exclama: "Resiste!"

SI puderes falar com as multidões e manter as tuas virtudes, frequentar os reis sem perderes a tua simplicidade;

SI nem os inimigos nem os devotados amigos puderem ferir-te

SI confiares em todos os homens mas em nenhum cegamente;

SI puderes preencher o inexoravel minuto da tua vida com os sessenta segundos que representam o seu valor passado:

— O mundo será teu e tudo o que nele se contém, e, o que é mais ainda, serás um Homem, meu filho!



ÊLES SERVIRÃO SEMPRE A HUMANIDADE

SÃO êstes os grandes mortos que deram ao homem os meios de combater a doença e a morte prematura! Graças a êles podemos dominar muitas infecções que solaparam e destruíram vidas humanas — varíola, difteria, tuberculose, febre tifoide e muitos perigos da cirurgia e do parto. Milhões de pessoas devem a vida e a saúde a êstes pioneiros, bem como ao grande exército da ciência médica de ontem e de hoje.

Seu trabalho nunca será esquecido pela humanidade, a quem fizeram inestimáveis presentes. A luz da tocha do saber que

êles nos legaram nunca diminuirá de intensidade; pelo contrário, será cada vez mais brilhante.

A ciência médica alcançou os seus maiores sucessos nos últimos três quartos de século. Durante êste longo período, a Casa Squibb vem trabalhando de mãos dadas com a classe médica e tornou-se grande e respeitada. Há, e sempre houve, apenas um padrão de qualidade para os produtos Squibb. Cada um dêles é tão puro, seguro e eficaz como a maior habilidade científica e o cuidado inexcusável possam fazê-lo.



Quando comprar um creme dental, um produto vitamínico, um preparado medicinal para a casa ou um soro para o hospital, verifique se traz o Sêlo da Casa Squibb — um nome de confiança.

E·R·SQUIBB & SONS, NOVA YORK

QUIMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

O INGREDIENTE DE VALOR INESTIMÁVEL DE TODO PRODUTO É A HONRA E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE

1. NIGHTINGALE — Cuja vida dedicada à reorganização de hospitais e ao treinamento de enfermeiras modificou a atitude da sociedade para com hospitais e enfermeiras.
2. LONG — Pai da anestesia com éter, a mais piedosa das descobertas médicas, que evita dor ao paciente e permite uma técnica operatória refinada.
3. MORTON — Que previu a possibilidade da anestesia com éter e persuadiu o cirurgião Warren a usá-la numa demonstração clínica, que foi o ponto de partida do seu uso em todo o mundo civilizado.
4. LISTER — Desenvolveu uma técnica antisséptica que revolucionou a cirurgia e venceu um aterrorizante índice mortuário por infecção.
5. WELCH — A quem se deve em grande parte o desenvolvimento da medicina científica e o seu ensino sistemático nos Estados Unidos.
6. KOCH — Descobridor do germe da tuberculose, que abriu o caminho para o controle desta enfermidade.
7. PASTEUR — Cujas experiências clássicas em microbiologia abriram a porta à prevenção de moléstias infecciosas.
8. EHRLICH — Iniciador da ciência de imunidade e criador de um remédio químico para a mais insidiosa e destruidora das moléstias sociais — a sífilis.
9. JENNER — Suas experiências cientificamente exatas resultaram no controle universal da varíola pela vacinação.
10. SEMMELWEIS — Cujo trabalho redundou na identificação da febre puerperal e na prevenção desta infecção, antes tão devastadora.
11. BERNARD — Que desempenhou um papel importante na fundação da fisiologia experimental moderna.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7886
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.
Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

ANO XLV --- 27-5-1944 --- N. 22

Sumario

LITERATURA:

Cabeludos ou carecas? (R. Magalhães Junior).....	3-4
Si... (Rudyard Kipling).....	5
Livros Novos.....	12-13
Natal Sangrento (Steve Fiskier).....	15
Mania de Suicídio (Galvão de Queiroz).....	24
Garrett (Escragnolle Doria).....	34
De mal... a melhor. (Norah Ryott).....	38

REPORTAGENS:

A mulher na guerra e no após-guerra (Juanita B. Machado).....	8-9
Joquei Clube.....	14
Por que você aboliu as meias?.....	25-28
E desta vez a linha Maginot resistiu!.....	29
Figuras e Fatos.....	30-31
Uma visita ao Juízo de Menores.....	32-33
Cidade Maravilhosa.....	42-45

FOTOGRAFICAS:

Casamento.....	2
Coisas do Brasil.....	35
Aconteceu no Rio.....	39

FEMININAS:

Para recepções de inverno — e outros assuntos femininos a começar de... ..	36
--	----

SEÇÕES:

De Cinema.....	10-11
De Teatro.....	18
De Rádio (Djalma Maciel).....	46
A Guerra em Marcha — A luta no Pacífico.....	19-21

A nossa Capa

As preliminares da política de boa-visinhança entre o Brasil e os Estados Unidos, céram-se pouco antes do deflagrar desta guerra, quando também as primeiras figuras femininas do rádio e dos "night-clubs" se viram contratadas pelos grandes empresários norte-americanos. Foi nessa ocasião que Ciro Rimac e sua banda, uma das mais famosas nas terras de Tio Sam, nos visitou e daqui levou Alzirinha Camargo, nome de certo prestígio como interprete da musica popular brasileira e moça de reais encantos. Facilmente ela se aclimatou a America do Norte de onde nos manda, agora, festivas noticias. Continua excursionando e divulgando as melodias bem brasileiras. Veste-se dentro dos figurinos típicos e estilizados das nossas baianas. E figura nas grandes publicações americanas. Onde quer que se apresente, é um pouco do Brasil, da sua gente, traduzida em seus ritmos, que se faz sentir. E quando um brasileiro volta da America, entre suas impressões fixadas no "carnet" de apontamentos, invariavelmente figura mais



esta: "Ouvi Alzirinha e senti saudades, muitas saudades do Brasil..."
E' essa a artista de quem damos hoje a fotografia em nossa sobre-capa.

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudencia.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

E' esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use *Regulador Gesteira* sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador Gesteira*

AVULSAS:

As "estrelas" também são mães.....	16-17
------------------------------------	-------

CARICATURAS:

Acabou-se o blackout (Orlando Matos).....	25
"Charge" de Raul.....	50

REALIZADO NA ARGENTINA O MAIOR CONTRATO DE PROPAGANDA NA AMÉRICA DO SUL, COM A STANDARD DE PROPAGANDA

A propaganda comercial, tecnicamente orientada e executada, conta pouco mais de uma década de existência no Brasil. Entretanto após um natural período de ajustamento, para a formação e seleção de técnicos brasileiros, conhecedores dos hábitos e da psicologia de nosso povo, e também para vencer a resistência daqueles que têm hoje na propaganda a sua mais poderosa alavanca de progresso, constatamos que a evolução publicitária em nosso país já atingiu um alto grau de adiantamento.

Realizada com pessoal e recursos brasileiros, a propaganda em nosso país vem conquistando, assim, apreciáveis vitórias, cuja repercussão vai além de nossas fronteiras, já concorrendo no mercado internacional, com elevado padrão técnico e artístico, à preferência de grandes anunciantes.

Estas considerações nos veem a propósito de um acontecimento que ilustra perfeitamente o alto conceito que goza a propaganda brasileira no estrangeiro: uma das maiores firmas anunciantes do mundo — a Colgate-Palmolive-Peet Co., Ltd. — que há alguns anos confia a publicidade de seus produtos no Brasil à Empresa de Propaganda Standard, Ltda. acaba de firmar com esta o maior contrato de propaganda da América do Sul, pelo qual esta organização nacional passará a dirigir toda a propaganda Colgate-Palmolive na

República Argentina. Para esse fim, o sr. Cicero Leuenroth, superintendente geral da Standard, esteve recentemente naquele país amigo, onde, no curso de uma permanência de apenas três dias, concluiu as negociações e assinou o importante acordo na sede dos escritórios de sua filial em Buenos Aires. Confiando a uma das mais acreditadas empresas de publicidade nacionais a vultosa propaganda de seus produtos no mercado argentino, a Colgate-Palmolive-Peet Co., Ltd. vem confirmar não somente a idoneidade técnica de uma instituição brasileira como especialmente elevar o Brasil à liderança da propaganda no Continente, muito justamente merecida pela invejável posição que o nosso país desfruta no cenário cultural e econômico das Américas. Desse modo, a vitória conquistada pela Empresa de Propaganda Standard converteu-se em vitória para os publicistas brasileiros e o melhor exemplo e incentivo para outras organizações nacionais.

No seu regresso de Buenos Aires, o sr. Cicero Leuenroth — que agora projeta realizar uma viagem à América Central e do Norte, via Pacífico, afim de estudar especialmente as possibilidades dos mercados de Cuba e México e retomar o curso dos seus negócios nos Estados Unidos, que haviam sido suspensos em virtude da guerra — foi cumprimentado pelo sr. Richard Penn, gerente geral da Colgate-Palmolive-Peet Co., Ltd. do Brasil e altos funcionários dessa organização, e grande número de amigos e publicistas patrióticos que o felicitaram pelo notável acontecimento publicitário que a assinatura daquele vultoso contrato representa.

A MULHER NA GUERRA E NO APÓS-GUERRA!

"A MULHER BRASILEIRA, QUE SENTE NO FUNDO DE SUA ALMA O RUDE GOLPE QUE SE ABATEU SOBRE MILHÕES DE LARES DOS NOSSOS ALIADOS, NÃO SERÁ, NESTE TRANSE, MENOS HEROICA NEM MENOS EFICIENTE DO QUE A AMERICANA, A INGLESA E A RUSSA", PALAVRAS DA SRA. MENDONÇA LIMA — "NÃO É NECESSÁRIO SER PROFETA PARA PREDIZER QUE, DEPOIS DA GUERRA, A MULHER INFLUIRÁ COMO JAMAIS INFLUIU EM TODOS OS SETORES DA VIDA"

Por JUANITA BOREL MACHADO

A snra. Mendonça Lima não é apenas a esposa do snr. Ministro da Viação e Obras Publicas, pela graça de um Destino amavel; ela é uma personalidade que se destaca no cenário da terra brasileira, com o brilho invulgar de uma inteligência cultivada, de um temperamento artístico votado a obras de benefício social.

O NOBISMO comum e vasio, ela o transmutou em bondade útil e bem dirigida tão necessaria á pobre humanidade de nossos dias, degradada por credos subversivos, pela miseria e pela dôr. Ela compreendeu que uma vida sem significação, é uma vida auto-destruidora, é uma alma dentro do caos, e dedicou a sua ao serviço da Pátria no momento de angustia fremente; organizou obras para o esforço de guerra, creando em torno do seu trabalho o hábito da cooperação bem dirigida, o alto sentido de solidariedade.

Sua mão fidalga, que ergue taças de champanha em galas e festas aristocraticas, tambem se estende num gesto simples e amigo de assistencia ao Soldado do Brasil.

E' notavel o seu esforço para elevar a moral do homem dos quartéis proporcionando-lhe, num ambiente de con-

forto, alegrias espirituais, com a organização de programas artisticos e de uma vasta biblioteca. *"Espalha livros ás mãos cheias"* para os nossos combatentes em todo o país, criando o hábito da leitura entre os humildes, redimindo-os, desse modo, da miseria ancestral da ignorancia, dando-lhes meios para encontrar a verdade. E um filosofo já disse: A verdade não nos tornará ricos, mas nos libertará.

"Os livros governam o mundo" disse Voltaire; *nada libertará como a educação.* Sua tarefa pois, em prol de bibliotecas para o soldado, por si só, tem o mérito de uma obra fecunda e duradoura. E' a tarefa do semeador da Parábola e o nosso voto é que a semente caia em terra uberosa e dê frutos de liberdade e de progresso. Nenhum galardão será mais digno de cingir-lhe a bela fronte senhoril.

"Não devemos exigir qualidades excepcionais de pessoas comuns" mas essas pessoas comuns bem assistidas materialmente e bem educadas moralmente terão ao seu alcance os meios capazes de as tornar aptas a colaborar na futura reconstrução da vida nacional.

E' dentro desta visão civica que a snra. Mendonça Lima está enquadrando o seu programa de cooperação eficiente e contínua. Desde a fundação da Legião Brasileira de Assistencia pela snra. Darcy Vargas ela tomou o seu posto com decidida energia e inteligente organização. O hábito da caridade cristã vem-lhe da mocidade. Nasceu em São Paulo, filha do Snr. Manuel Carvalho Penaforte e D. Alice Espinola Penaforte; foi educada em Colegio Americano e desde os bancos escolares sua atividade girava em torno das obras de benefício organizadas pelas alunas; mais tarde casada em segundas nupcias com o general João Mendonça Lima, hoje Ministro da Viação e Obras Publicas; não abandonou sua missão apostolar e trabalhou na Campanha das tres Cruzes, na Sociedade de Combate á Lepra e na Assistencia á Tuberculose. E foi assim que ela sempre compreendeu a vida: repartindo com os outros os largos dons que Deus lhe deu. Sua radiosa simpatia e bondade tornam facil e agradável a tarefa dos que com ela trabalham, cooperando, como força ativa, em prol da Paz como em prol da reconstrução do nosso amado Brasil.

FALA A SRA. MENDONÇA LIMA:

1 — *Como encara o papel da mulher brasileira na hora em que nossos soldados estão prontos para rumar ao campo de batalha?*

— A guerra, que estamos travando, é uma guerra total, não só porque nela se lançam todos os recursos de cada país mas tambem porque dela participam todas as classes e ambos os sexos. Na Inglaterra, na América do Norte e na Russia, as mulheres cooperam com os soldados em todas as suas tarefas, até mesmo, muitas vezes, na luta armada, acompanhando-os ás frentes de batalha. E, por toda parte, exposto aos perigos e azares de indiscritível tragedia, o uniforme branco das enfermeiras da Cruz Vermelha diz ao mundo que a mulher não se esquece do seu mais belo dever, que é o de anjo da consolação nas trevas do sofrimento e do martírio. As mulheres das Nações Unidas se incorporaram á imensa milicia anonima dos estaleiros das usinas e das fabricas de material belico. E alem de calejarem as mãos na labuta pesada dos gigantescos parques industriais, que produzem os instrumentos da vitória, quase todas estão dando á Pátria algo de mais precioso do que as suas proprias energias: a vida de seus esposos, de seus filhos, de seus pais e de seus noivos. A mulher brasileira, que sente no fundo de sua alma o rude golpe que se abateu sobre milhões de lares dos nossos aliados, não será, neste transe, menos heroica nem menos eficiente do que a americana, a inglesa e a russa, e cumprirá certamente com grandeza d'alma sua missão de amor e de trabalho. E' seu dever acompanhar, na qualidade de enfermeira, o Corpo Expedicionário Nacional para que não falte jamais aos nossos feridos a carinhosa assistencia de mãos brasileiras; aprestar-se para substituir o homem em todos os lugares onde ele estiver faltando; confortar com sua visita os lares donde partiu um defensor do Brasil, socorrendo as suas familias sempre que houver necessidade; manter-se vigilante contra os inimigos da Pátria; desempenhar, enfim, com ardor e devotamento, qualquer tarefa que lhe fôr confiada no esforço de guerra do Brasil.

2 — *Em sua opinião, que orientação espiritual terá a primeira geração de após-guerra?*

— A guerra, quando não mutila os corpos, deixa sempre cicatrizes na alma de todos, principalmente daqueles que participaram da luta ativa. As gerações que voltam dos campos de batalha sentem, primeiro, a embriaguez do triunfo, mas logo depois se deixam envenenar pela desesperança, pela desilusão e pela melancolia. O sacrificio que fizeram parece-lhes inutil. O pessimismo tende a invadir traiçoeiramente o intimo

dos homens fortes, que não hesitaram em aceitar, com um sorriso, os mais dolorosos holocaustos. Muitos mitos e muitas ilusões deleterias podem germinar então na fantasia morbida dos que sofrem essa doença complexa e indefinida: o mal da guerra. Depois da primeira conflagração mundial, não foi isso que aconteceu? E quem nos dirá que identico perigo não ameaça a geração cuja bravura estamos aplaudindo agora? Contra essa maré sinistra devemos lançar a onda benefica da fé, do otimismo, da confiança no futuro. A mulher, educadora por natureza, pode ser a alma dessa indispensavel campanha: a campanha que destrua todas as infiltrações nocivas do desencanto e da decepção na mentalidade dos jovens. E' de esperar ainda que a tragedia sanguinolenta seja o preludio de um mundo melhor. Assim, a orientação espiritual que deverá animar as gerações de após-guerra precisa se apoiar nas verdades eternas do Evangelho, nos luminosos ensinamentos de Christo, para que se estabeleça a verdadeira fraternidade entre os homens, a genuina democracia, onde todos os cidadãos terão direitos iguais e, pelo menos, um minimo de conforto, de higiene e de instrução; onde a miseria, o desemprego e o analfabetismo serão eliminados; onde haverá, em uma palavra, a verdadeira paz social.

3 — *Nas artes, letras e em todas as atividades materiais, acha que a mulher terá participação mais destacada no mundo de após-guerra?*

— Respondo com um "sim" bem grande. Não é necessario ser profeta para predizer que, depois da guerra, a mulher influirá, como jamais influiu, em todos os setores da vida. Aliás, isso é apenas um direito, que ela conquistou, e desta vez com o seu sacrificio. Assim como, em plena guerra, pode-se dizer que a mulher está presente em tudo, é indubitável que, após-guerra, ela nem desejará nem precisará ceder a posição que heroicamente ganhou.

4 — *E no terreno sentimental?*

— A onipresença da mulher, digamos assim querendo exprimir a sua intromissão, voluntária ou forçada, em todos os campos da atividade humana, apresenta um sério perigo para o nosso sexo, o perigo da masculinização. Seria uma catástrofe, no terreno sentimental, se a mulher emergisse desta guerra sem aquele conjunto de predicados, que a fazem, como lá diz o poeta, "maior do que a criação". Só há um remédio para isso. E' a decisão firme de cultivar, em nós mesmas, aquilo que outro poeta chamou "o eterno feminino". Sejamos feministas, sim. Mas sejamos, antes e acima de tudo, femininas.



DE

Cinema

HOLLYWOOD, MAIO (*Por avião*) — A escassêz dos bons elementos masculinos, para o cinema, agrava-se cada vêz mais. Ainda agora, a Metro vem de perder a colaboração de um de seus mais novos e promissôres contratados, Van Heflin, quando justamente começava a destacar-se em papeis de maior importancia. Depois de ter feito *Lili a teimosa* com Martha Eggerth e Judy Garland, o referido artista teve de apresentar-se ás autoridades militares e até segunda ordem não voltará a filmar. Também Jean Pierre Aumont se despediu de sua esposa, Maria Montez, filiando-se às tropas Francêsas libertadoras. Agora, quando Marlene Dietrich empreendeu sua excursão artistica aos campos de batalha, para divertir os soldados, lá encontrou Pierre Aumont, que por



Irene Dunne faz parte, agora, do "cast" da Metro, que espera fazer dela a mais "romantica lady" destes próximos tempos. A veterana "estrela" de "Esquina do Pecado" é, agora, o tipo acabado da mulher balzaqueana e nesse gênero de papeis, certamente, será aproveitada para substituir — quem sabe? — a propria Crawford...

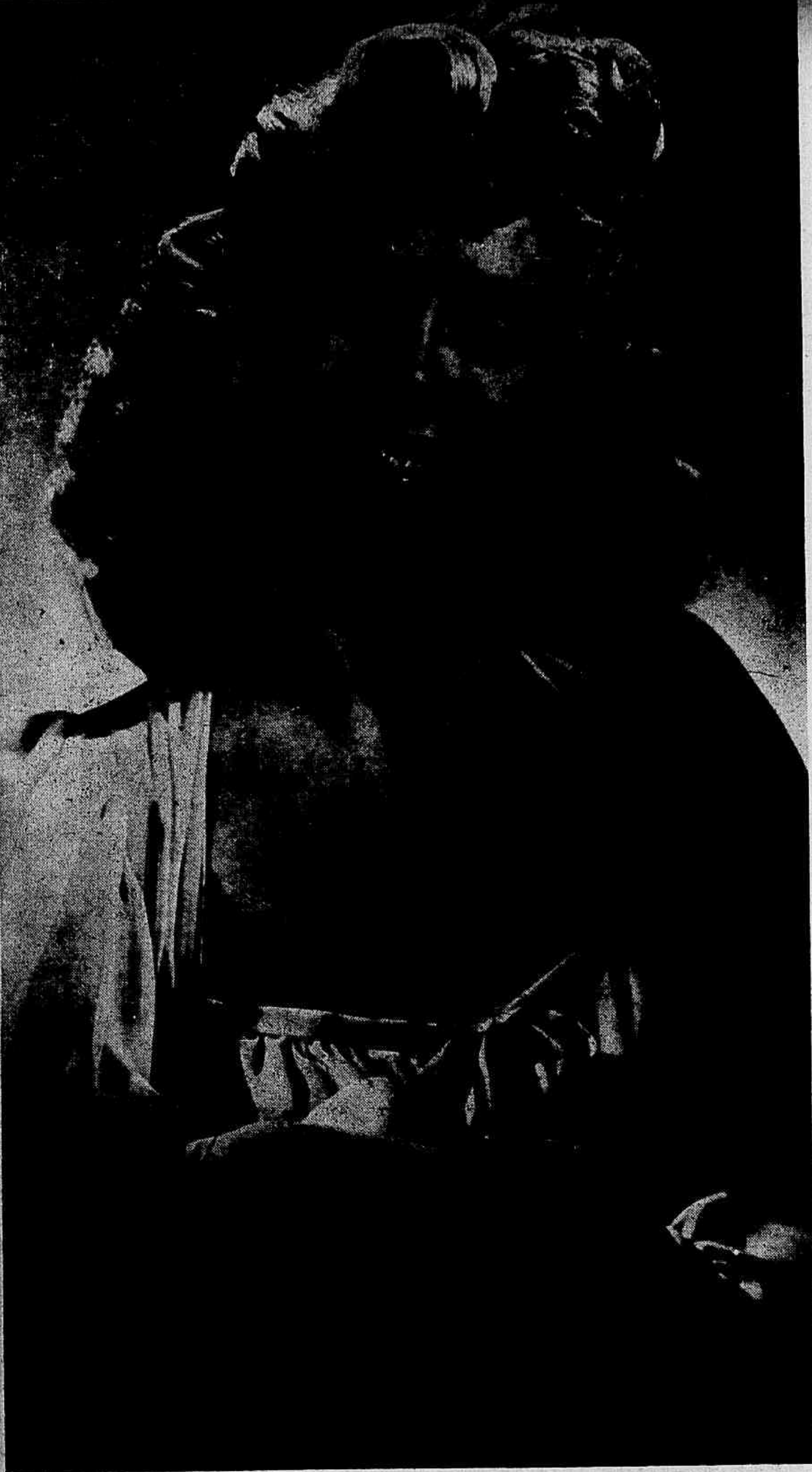
sinal fêz, com ela, um *sketch* dramático a ser posteriormente filmado, não em Hollywood, mas em Paris. Jean Pierre Aumont declarou que só voltará á America, via-Paris... E por sua vêz Ann Sothern, cujo casamento éra um fato recente, com Robert Sterling, dêle se despediu. Sterling é tenente da armada americana e contratado da Metro. Mas a Metro terá de arranjar substituto para êle, para Van Heflin, para Pierre Aumont, para Robert Taylor, para toda essa gente...

Ao mesmo tempo, válôres novos femininos vão sendo trabalhados pelo mesmo estúdio. A substituição de Joan Crawford não será das mais facéis, mas talvez se obtenha com Irene Dunne, que é agora sua contratada exclusiva. Irene Dunne vai viver os papeis românticos e temperamentais que por longo tempo fôram entregues a miss Crawford. E' uma excelente atriz dramática, todos o sabem, e talvez horizontes novos, imprevistamente abertos, lhe facultem uma nova e bonita etapa em sua carteira.

Outras pequenas noticias: Judy Garland não fará

Ann Sothern e o marido. Ele é o tenente Robert Sterling, agora a serviço da armada de Tio Sam. Mas p rece que vai obter umas férias para pôsar dois filmes ainda este ano. E pela primeira vêz será o galã da esposa... fóra da vida real.





Esta é a primeira foto de Lana Turner, no estúdio, depois de ter recebido a visita da cegonha. (Seu filhinho chama-se Cheryl, sabem?) Neste momento, miss Turner prepara-se para voltar às atividades e parece que está disposta a criar um novo tipo. Penteados diferentes, um sorriso mais rasgado... Nada como a maternidade para embelezar a mulher!



Também Judy Garland está ficando diferente. Mais mulher, menos "mocinha" e com seus predicados de comediante apurados, como vimos em "Lili a Teimosa", ela inicia uma nova etapa de sua carreira com encantos que a adolescência não deixava entrever. Lindos esses olhos, pois não?

mais papéis de menina, pois a Metro está disposta a fazer dela uma ingenua romântica "em largo estilo". E Lana Turner, agora mamãesinha carinhosa, mudou o penteado para seus novos filmes.

Greta Garbo resolveu não filmar em Hollywood até terminar a guerra, acreditando-se que venha a fazer o seu primeiro filme em Londres, sob a direção de um cineasta europeu, filme que já não será mais *Santa Joana*, de Bernard Shaw.

Carmen Miranda não tem modificações nos seus planos, deixando-se ficar na Fox enquanto seus filmes fizerem sucesso aqui na América. Charles Boyer pretende encerrar sua carreira de intérprete, em futuro não distante, passando a ser exclusivamente produtor de filmes. E talvez venha a dirigir uma versão nova de *Mayerling*, mas não sabe quem fará o papel por ele desempenhado na primitiva. Carlito cogita de uma nova película onde possa explorar o episódio trágico-comico em que se envolveu ultimamente, mas espera a decisão irrevogável dos tribunais com receio, talvez, de novos pedidos de indenização.

Van Heflin despede-se de sua esposa, Frances Neal, e de sua filhinha Vana Gay, de seis meses, ao partir para o "front" de guerra, "em alguma parte do Pacífico". Van Heflin despediu-se dos fãs com seu trabalho em "Lili a Teimosa".



JOSÉ OLIVEIRA AZAMBUJA diz:



...isso é sinal de alimentação inadequada. Habitue-se a tomar como primeira refeição, todas as manhãs, um mingau da deliciosa Quaker Oats. Fortalece o organismo, evita o nervosismo e cansaço — dá vigor e enriquece o sangue. Tanto o chefe como as demais pessoas da família, são beneficiados pela abundância de Thiamin (Vitamina B-1), ferro, fósforo e proteínas que Quaker Oats fornece. A reserva alimentar que este alimento puro e integral proporciona, conservá-lo-á bem disposto a manhã toda. De fácil digestão e de preparo simples, também é econômica. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

Para maior valor — Insista em **QUAKER OATS**

Nem toda aveia é Aveia Quaker. As palavras "Quaker Oats" são a marca registrada que identifica unicamente a original e legítima Aveia Quaker. Ao adquiri-la, veja se a lata traz estas duas palavras e a figura do Quaker. São a garantia da mais alta qualidade e do maior valor nutritivo. Insista na legítima Quaker Oats, em lata hermeticamente fechada.



QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

BIO-HEPAX

PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

MESBLA

SECÇÃO DE BICICLETAS

BICICLETAS "VICTORY"

para RAPAZES
MOÇAS
HOMENS e
SENHORAS

em **10** PAGAMENTOS

PEÇAM CATÁLOGOS E CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

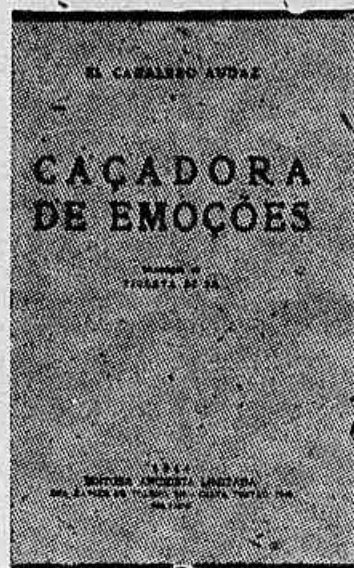


RUA DO PASSEIO 48 / 54 - RIO
R. VISC. RIO BRANCO, 521 - NITERÓI
RUA CURITIBA 448 / 464 - B. NORZ

RUA 24 DE MAIO, 141 - S. PAULO
RUA 7 DE SETEMBRO, 856 - P. ALEGRE
PÇA. CEL. P. OSÓRIO, 154 - PELOTAS

Livros

CAÇADORA DE EMOÇÕES, por EL CABALLERO AUDAZ. Tradução de VIOLETA DE SÁ. São Paulo, 1944.



A literatura realista, naturalista e as suas exagerações são cabíveis quando se destinam a reformar o que está errado mostrando o erro, em toda a sua extensão e profundidade, criticando e visando a retificação do que não está certo. Muitas vezes, porém, confunde-se realismo ou naturalismo com pornografia e obscenidade. Para efeitos de venda, o livro é maliciosamente apresentado como "impróprio para menores de dezoito anos". O livro e os filmes. E já se sabe que não há melhor chamariz para os menores, de 14 a dezoito, a vinte, ou mesmo para alguns que há muito passaram dessa idade.

O que não se pode admitir é a pornografia pseudo-realista, que não tem outro alcance mais amplo, outro objetivo senão a pornografia.

O livro que temos em mão, não se pode enquadrar positivamente nesta categoria.

"Caçadora de Emoções" é apenas um romance forte mas sincero, atestando a experiência do seu autor.

"El Caballero Audaz", é o pseudônimo de um escritor bastante conhecido na Espanha e na França, bem como nos países de língua espanhola da América.

Parece que a França foi o país em que encontrou melhor acolhida. Seus livros, "La Bien Pagada", "La Sin Ventura", "Hombre de Amor", "El Jefe Político", são todos romances que tiveram grande aceitação, embora muitas vezes acusados de eróticos.

"Caçadora de Emoções" é, realmente, um livro humano, e bastante interessante. É a história de um romancista de grande popularidade que se apaixona por uma bela e honesta senhora. Esse amor percorre o caminho de todos os amores, mas tem um desfecho imprevisto num manicômio. O estudo desse criador de heróis amorosos diferentes, originais e que acaba se convertendo no mais vulgar dos apaixonados, não deixa de ter o seu interesse. Apesar das descrições fortes, o livro tem um fundo moral, condenando mesmo a malícia e a licenciosidade.

A tradutora é apenas uma principiante, que poderá melhorar a sua técnica.

ALGUNS HOMENS ME FALARAM DA PAZ. JORGE MAIA. Rio, 1944.



Para quem lê os jornais todos os dias procurando ver nas entrelinhas o que as notícias de guerra escondem ao leitor, este livro é um paraíso. Aqui está a guerra pelo avesso. Não é um livro escrito no gabinete, longe dos ruídos da guerra e da sua realidade crua. Jorge Maia viajou, observou, e nos relata tudo isso de modo brilhante e agradável. Agradável é aliás um adjetivo muito fraco para este livro. Lendo-o temos a impressão de ter conversado com o povo da Inglaterra, com o porteiro do hotel, o marinheiro, o soldado, o piloto dos bombardeiros, o aristocrata, o ministro e o homem da classe média. Conhecemos a opinião do inglês, sobre a guerra. Toda a estrutura social da Grã-Bretanha está aqui estudada com agudeza e eseno crítico. Ficamos compreendendo muitas coisas que antes nos pareciam apenas milagres, obras do acaso. O heroísmo desse povo que soube suportar as maiores privações, conservando a calma, é admiravelmente analisado. Todo esse mecanismo encontra uma explicação nesse grande fator de união e de equilíbrio social da Inglaterra: a tradição.

E o aspecto econômico da questão? Jorge Maia mostra como ainda a tradição conseguiu essa coisa extraordinária que foi uma completa revolução econômica sem a menor alteração da estrutura social.

Podemos compreender como um povo livre pôde sujeitar-se espontaneamente às privações impostas pela guerra, sem que a liberdade individual sofra o mais ligeiro arranhão.

É, como frisa o autor, justamente o contrario do que acontece nos países totalitários. Esses sacrifícios não são impostos pelo governo, não constituem uma coação, não vêm de fora para dentro, mas ao contrario, vêm de dentro para fora. É a contribuição que cada indivíduo, de todas as classes, faz questão de dar para a vitória de um regime que é o seu ideal... Não é a Inglaterra acima de tudo. É a liberdade de cada um e o respeito a essa liberdade o que se pretende preservar.

Mostra o autor a diferença entre a "aristocracia de braços" da Inglaterra e a "aristocracia do dinheiro" que podemos observar nos Estados Unidos.

Não é um livro de propaganda e laudatorios mas uma análise inteligente e completa o que nos é apresentado.

Não se limita entretanto à Inglaterra. Encontramos páginas de apreciação sobre as causas da guerra e os movimentos gerais da mesma. São apontados os erros cometidos pelos dirigentes nazistas, erros que como estamos vendo tem sido fatais e irremediáveis.

Os problemas de após guerra e as consequências da conflagração atual, são apresentados e estudados.

Jorge Maia, é um nome por demais conhecido. Desde 1934 vem colaborando no vespertino "A Noite", onde suas crônicas são lidas sempre com prazer.

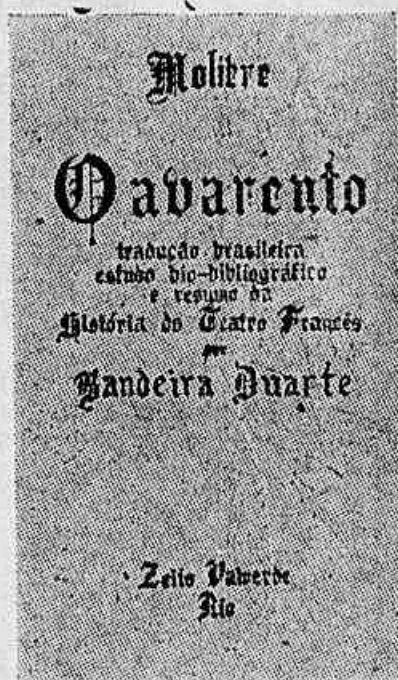
Tendo visitado a Inglaterra e os Estados Unidos, como integrante de uma comitiva de jornalistas brasileiros que visitou aqueles países, pôde estudar detalhadamente a psicologia e as ideias desses povos e dos seus governantes.

Jorge Maia faz-nos sentir a guerra, não apenas como méros espectadores mas de modo sincero. Aponta o papel importante que o Brasil desempenhou e está desempenhando no atual conflito. Foi aliás o primeiro jornalista que, tendo conversado com Churchill, constatou a sua impressão sobre a importância do Brasil como aliado, mesmo numa época em que ninguém aqui poderia avaliar esta importância.

Por tudo isto, "Alguns Homens Me Falaram da Paz", pôde ser recomendado como um livro palpante.

Novos

O AVARENTO. MOLÈRE. Tradução brasileira, estudo bio-bibliográfico e resumo da História do Teatro Francês por Bandeira Duarte. Rio, 1944.



Estamos na época das traduções das grandes obras. Nota-se neste particular um movimento desusado, como até aqui não tivemos ainda. Os grandes mestres da literatura universal, encontram espíritos que os entendem e traduzam, colocando-os ao alcance de todos os leitores. Não representa isto um recurso para remediar a falta de novos livros, pois estes têm aparecido em quantidade até por vezes excessiva. A verdade é que os editores sentem um interesse crescente da parte do público em torno dessas obras. A guerra, tornando impossível o recebimento dos originais ou das traduções francesas, mais acessíveis à maioria dos leitores e que já se haviam firmado como as melhores, se por um lado veio nos privar dessas traduções e das obras no original, quando se tratava de obras francesas, por outro, estimulou os tradutores e as editoras nacionais, que se veem entregando a esta elogiável tarefa. É assim que vemos traduzidas para o português, as obras primas dos grandes escritores russos como Tolstói e Dostoyevsky, os admiráveis romances psicológicos desse inglês extraordinário que é Charles Morgan, e dos autores franceses.

Balzac tem sido traduzido e apresentado em boas edições.

Aliás, era preciso que reagissemos a tempo para concorrer com as magníficas traduções argentinas que nos chegavam e continuam vindo, encontrando rápida saída. Foi o que fizemos. É preciso continuar. Só nos poderemos louvar por termos ao alcance do povo estas obras, muitas das quais eram conhecidas pela grande maioria apenas de citação. Poderemos agora analisá-las e saboreá-las, se não diretamente na língua em que foram escritas, pelo menos em traduções que se irão aperfeiçoando cada vez mais. Veio, pois, muito a propósito essa tradução de "O Avarento de Molière", numa edição bem apresentada, traduzida por Bandeira Duarte, com ilustrações interessantes e excelentes iluminuras de Goulart, um desenhista jovem cujo trabalho vem melhorando de dia para dia.

Justamente na época em que o nosso interesse pelo teatro clássico, tem aumentado sensivelmente, com a apresentação das obras dramáticas dos grandes autores clássicos, torna-se oportuna a apresentação mesma.

Havia realmente uma lacuna a preencher. Não tínhamos obras de crítica ou de história que tornassem o teatro mais acessível ao público.

Não vamos comentar "Molière". Queremos apenas ressaltar o mérito dessa iniciativa. Acreditamos que os leitores concordarão conosco.

Cinema e Literatura

Poderão os livros ser absorvidos pelo cinema?

Eis aqui uma pergunta que poderá parecer a muitos absurda mas que tem a sua razão de ser e vem mesmo preocupando a todos os que acompanham a evolução da sétima arte.

Ninguém pôde prever o desenvolvimento da cinematografia nem determinar os rumos que tomará.

Cada vez mais a humanidade caminha para uma assustadora standardização. Todos se vestem do mesmo modo, lêem os mesmos livros, usam as mesmas idéias.

Essas idéias são aliás absorvidas apressadamente nos magazines e nos cinemas.

Se realmente os livros entrarem em luta e concorrência com o cinema, deixando de lado a camaradagem até excessiva que veem mantendo, este levará fatalmente a melhor.

As condições da vida moderna, criadas pela civilização, em que o tempo é sempre escasso, em que a introspecção é cada vez mais limitada — pois a humanidade procura se atordoar com os ruídos do mundo exterior para esquecer o seu próprio eu, evitando revolver os dramas que se escondem nas trevas do subconsciente — essas condições parecem indicar o cinema como a fuga ideal, com seu movimento, suas cores e seu objetivismo.

Um livro é sempre um convite para que nos refugiemos em nós mesmos, para que pensemos, e a humanidade não quer saber de pensar. Pelo menos o povo, a grande maioria, as massas preferem atordoar-se. Tudo o que é subjetivo, o que é vida interior nos apavora como fantasmas. E o cinema raramente chega a ser subjetivo. Em geral os filmes de maior sucesso são os que movimentam grandes multidões, os que apresentam cenários ricos e deslumbrantes.

Não são muitos os filmes que nos permitem fugir da tela e deixar que a imaginação passeie livremente pelos campos ilimitados da fantasia.

A tela atrai imperiosamente nossa atenção, obrigando-nos a seguir as peripécias do herói. Mesmo os romances transpostos para a tela, perdem algumas das suas características que são roubadas pelo cinema.

Os escritores jovens, moldados dentro de um tipo diferente de vida e de civilização, ao escreverem os seus romances pensarão insensivelmente no cinema e nas possibilidades da transposição da sua obra para a tela. E na sua própria essência os livros são destinados a esta.

O fenómeno inverso, isto é, a transposição do cinema para os livros, pôde ser observado em alguns escritores modernos, como por exemplo Aldous Huxley.

O romancista de *O Contraponto*, realizou essa técnica — Isto pôde ser observado, não apenas nessa obra que é a principal, mas também nas outras menos conhecidas como *Também Os Cisnes Morrem* e *O Admirável Mundo Novo*.

Sentimos em certos capítulos, a mudança de quadros em legítimos *close-ups*. Há momentos em que os diálogos em diversos planos no tempo e no espaço, dão-nos a sensação exata de cenas sucessivas numa tela.

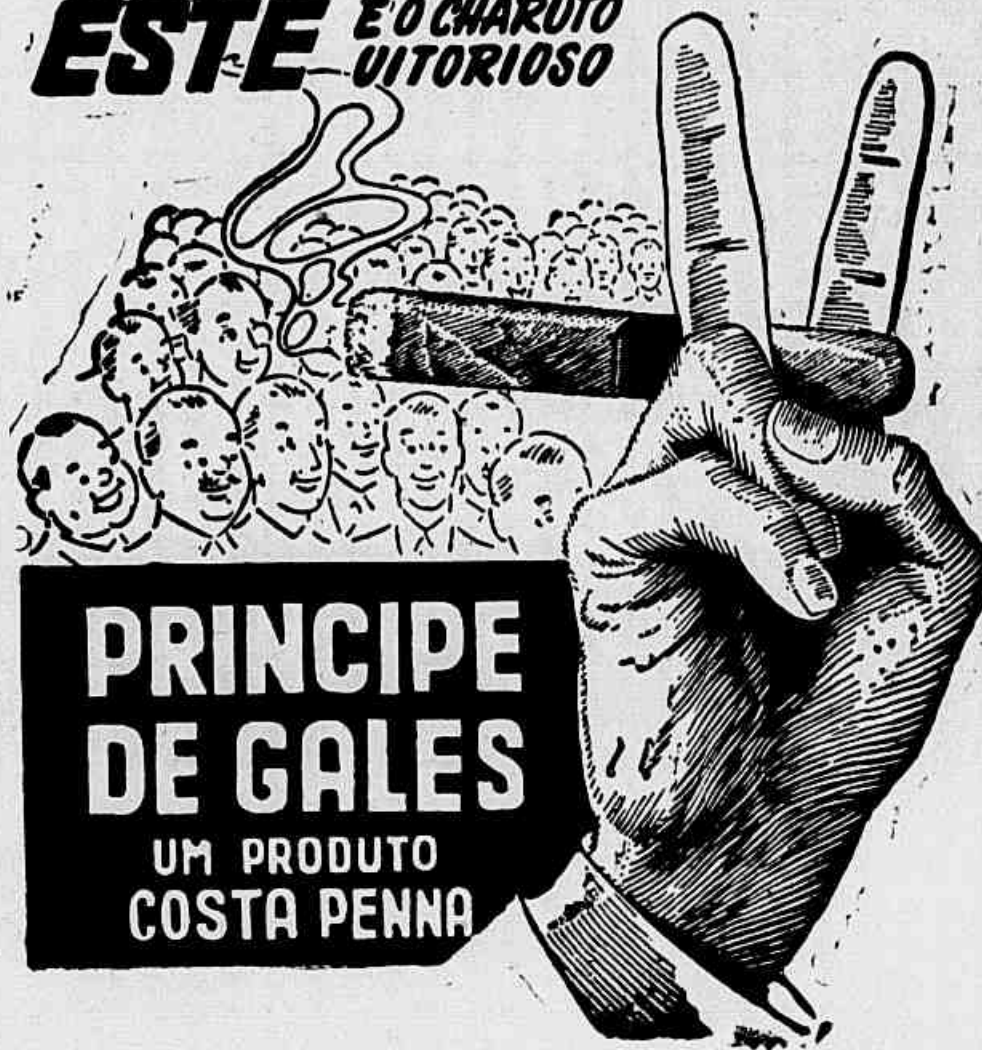
Aliás, temos entre nós, um romancista de real valor, que segue em muitos dos seus romances a técnica do escritor inglês: Erico Verissimo.

Mas o cinema jamais correrá o perigo de ser absorvido pela literatura.

Voltemos ao nosso ponto de partida: poderá produzir-se o caso contrário?

Acreditamos que a literatura de ficção será inteiramente absorvida pelo cinema. Quanto aos outros gêneros: ensaios, filosofia, estes permanecerão, sejam quais forem os rumos e a amplitude que o cinema venha a tomar.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

Prof. ARNALDO DE MORAES

3.ª EDIÇÃO

PREÇO: Cr\$ 15,00

Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Circulo Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS

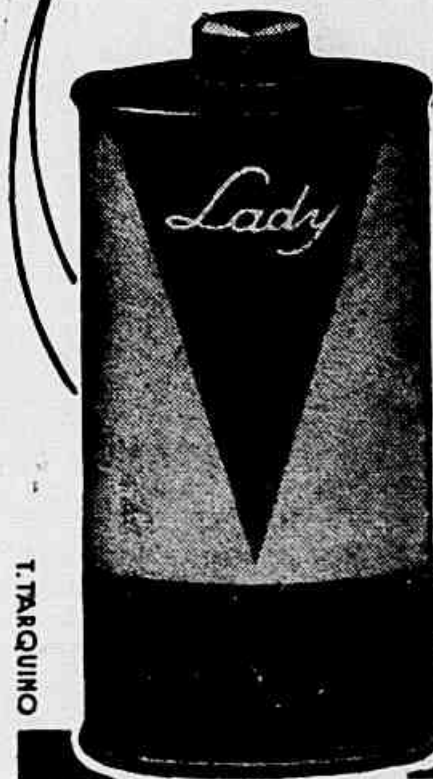
(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3367



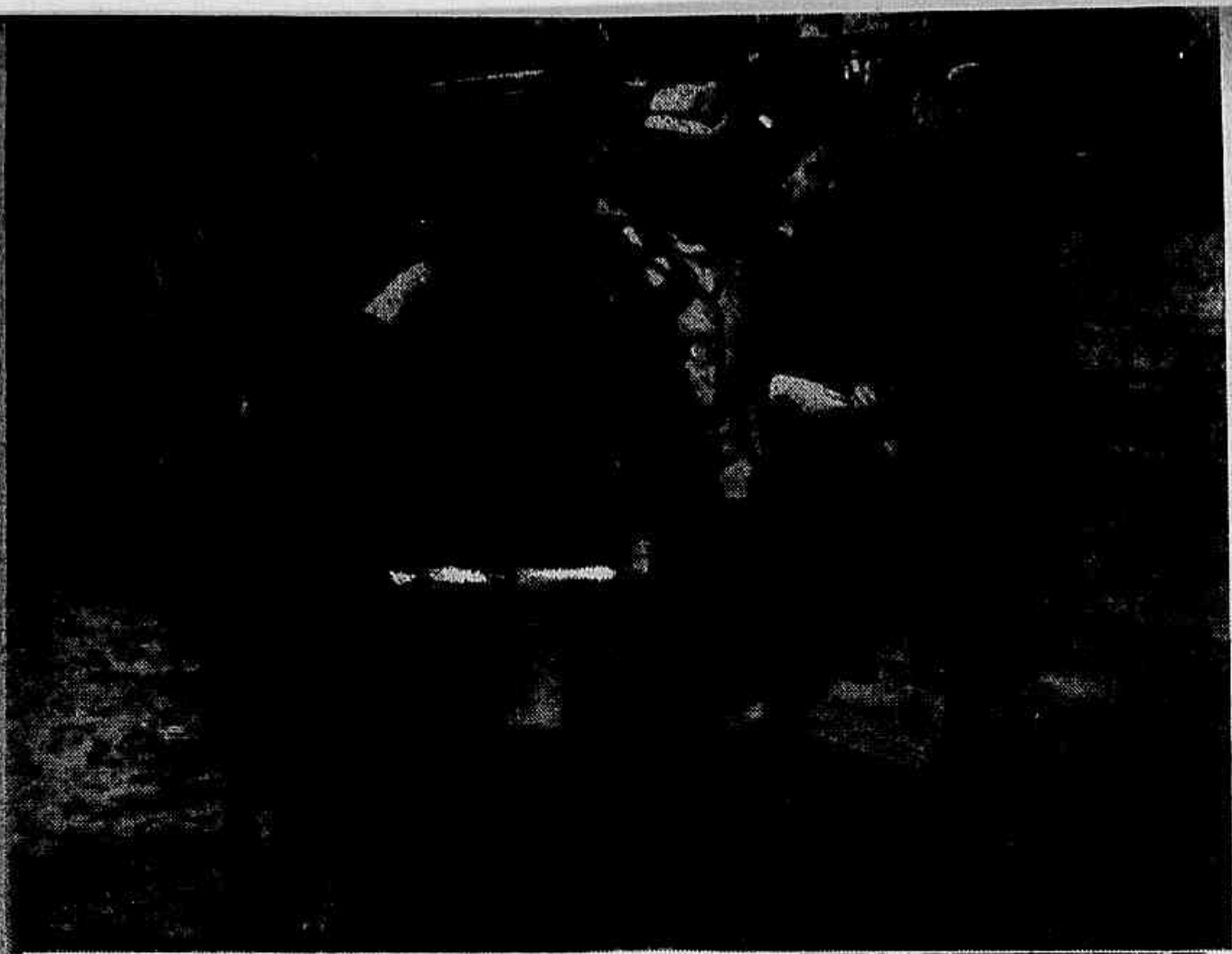
Dois gemecos
INSEPARÁVEIS
NOS BRINQUEDOS,
NAS MANHAS E NO
USO DO
TALCO LADY

As crianças gostam e os adultos preferem, após o banho, o Talco Lady, como complemento necessário à higiene da pele, nos dias quentes para refrescar e perfumar o corpo.



TALCO
Lady
REFRESCANTE * BÓRICO * PERFUMADO

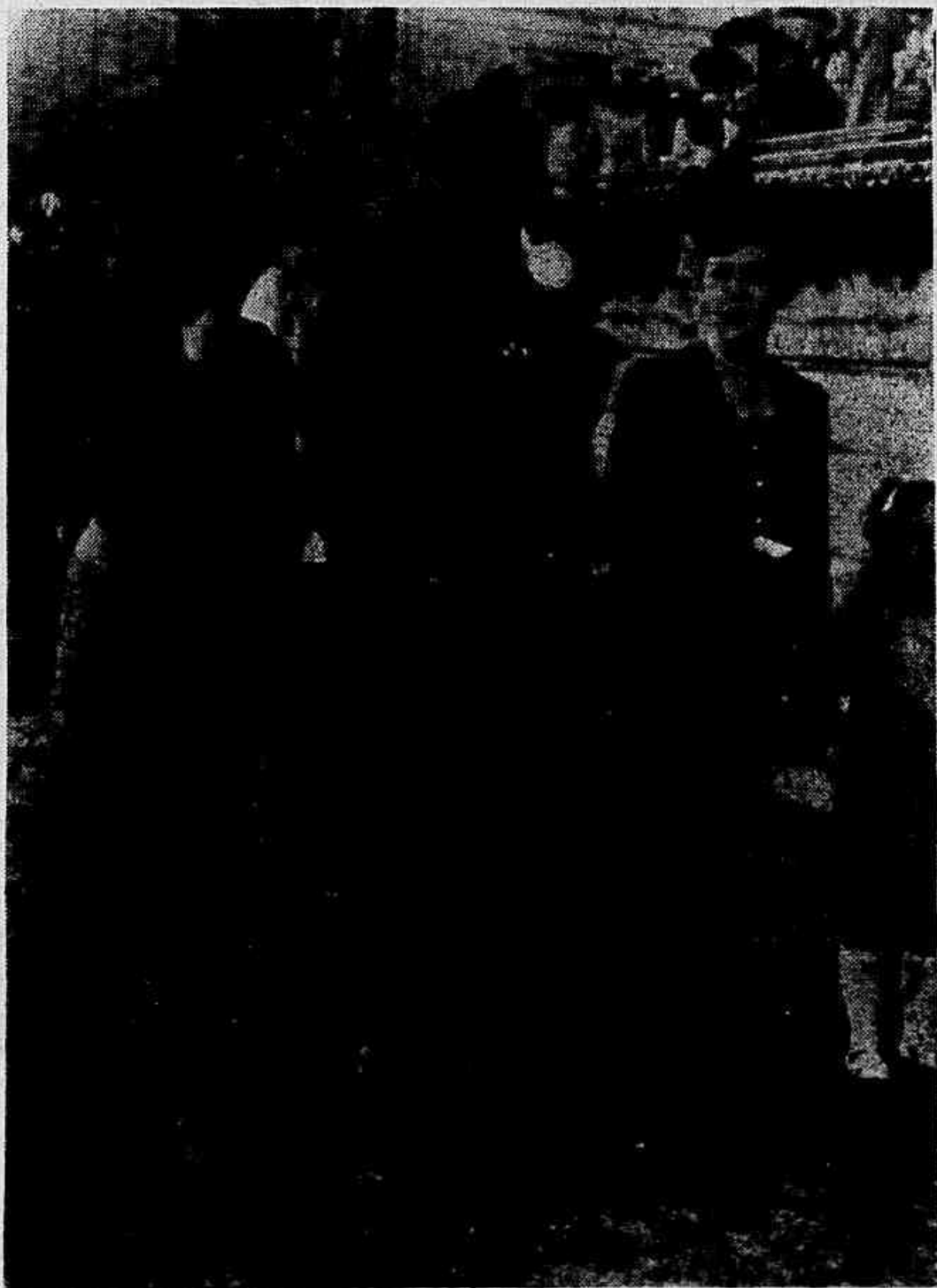
A VENDA EM TODO O BRASIL



JOCKEY CLUB MUNDANO

Na tarde de domingo, banhado pelo sol morno do inverno carioca, o Hipódromo da Gavea apresentava aspecto festivo que caracteriza as suas reuniões bi-semanais. As tribunas e a "pelouse" enchiam-se com a grandiosidade e elegância de suas distintas frequentadoras, que foram surpreendidas pelo fotógrafo da REVISTA DA SEMANA.

Entre as personalidades de destaque presentes ao "meeting", a nossa reportagem conseguiu fotografar o grupo que aparece na gravura acima, onde se vê, da esquerda para a direita, o Cel. Aviador Epaminondas dos Santos, adido militar no Clube, e sua Exma. esposa e o Coronel Aviador Reynaldo de Carvalho e Exma. Senhora.



Natal SANGRENTO

(Novela de STEVE FISHER,
adaptada especialmente para
a REVISTA DA SEMANA)

HOLLYWOOD, para quem já morou e trabalhou lá, não é só a grande cidade que os fãs de todo o mundo conhecem e admiram. Não. É muito mais: é um lar, tem recantos que, por mais insignificantes que sejam, podem ser comparados, vitoriosamente, com os mais lindos do mundo, porque nesses lugares é que passamos os bons e os maus momentos da nossa vida, nas ruas daquela cidade é que nos acotovelamos com os gênios — os conhecidos e os desconhecidos, que passam despercebidos naquele mundo. Hollywood é grande e é populosa e, entretanto, é íntima, lá todos se conhecem. No Boulevard Hollywood os grandes astros conversam com os humildes extras, trocando idéias com eles, fazendo-se amigos deles. Nas ruas de Hollywood paira uma atmosfera de encantamento, uma atmosfera que é reflexo das maravilhas que os grandes estúdios criam, um ar de sonho e de irrealdade.

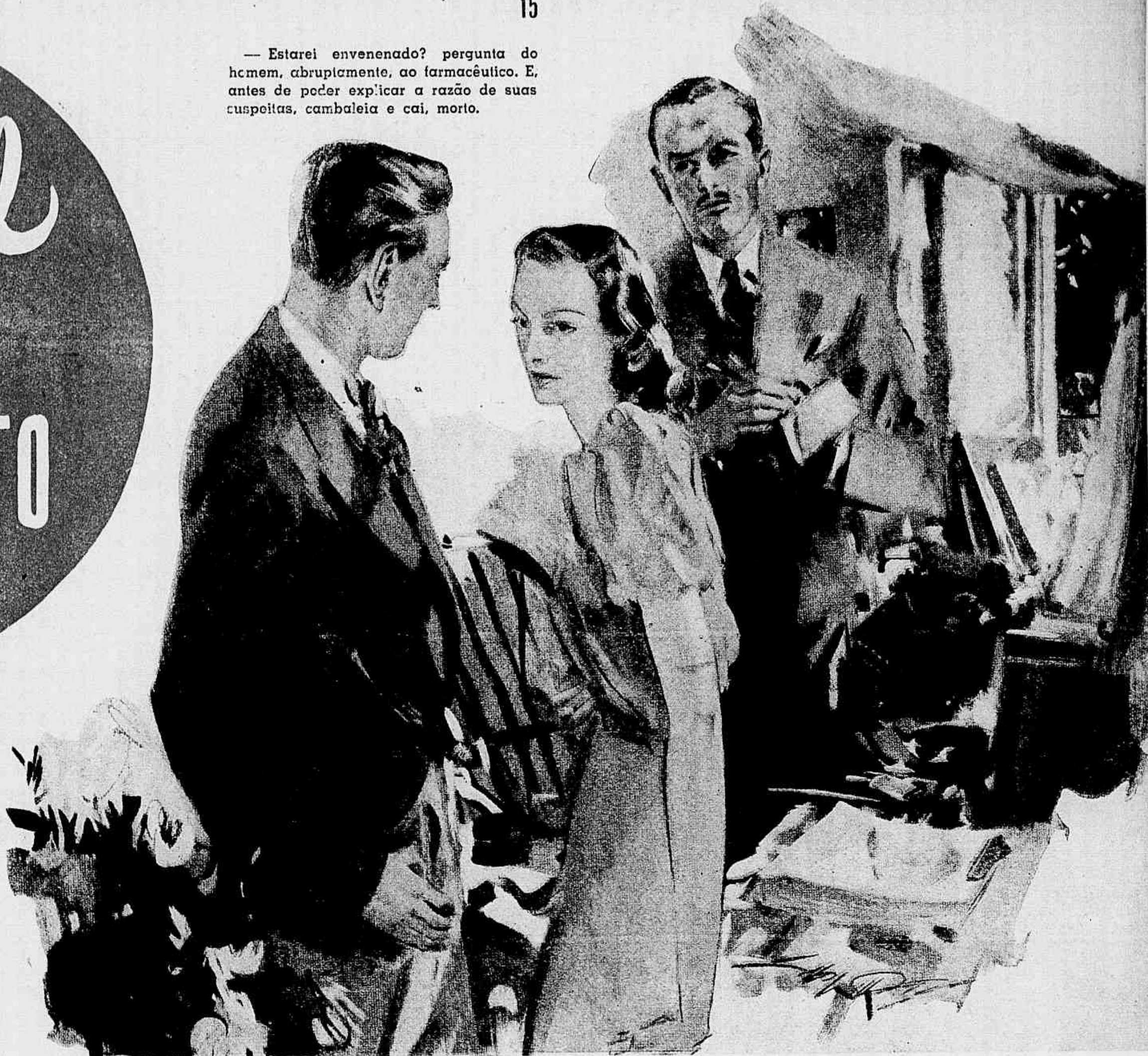
Os grandes restaurantes repletos de gente elegante e os restaurantes modestos, muitos deles preferidos mesmo das grandes figuras. Eis o pequeno Nicolas, onde Bette Davis janta uma noite, e no dia seguinte almoça Barbara Stanwyck. Terra maravilhosa! Cidade inacreditável!

Em Hollywood luta-se. Quem não é forte cai, e os outros que esperam oportunidade aproveitam a sua queda. E a metrópole gigante esquece os que ontem foram grandes ao ouvir estrugirem os aplausos que acolhem os novos. Aquêles que vai ali, obscuro e desconhecido, foi o galã de ontem. Aquêles que se esconde da objetiva indiscreta foi grande estrela, fez palpar corações em lugares longínquos e desconhecidos, ganhou uma fortuna e gastou-a loucamente. Hoje é velha e vive do passado. Ah! os tempos que se foram!...

Pode parecer inumano, pode parecer cruel, mas é esta a vida e todos a aceitam. Mesmo aqueles que hoje lavam o chão que antes pisaram orgulhosos, mesmo estes ainda estão contentes porque respiram o ar de Hollywood, porque vivem em Hollywood, porque, entre duas varredelas, ouvem o ruído, que para eles é música, da máquina filmando...

Cidade cruel e linda, linda e traiçoeira, traiçoeira mas querida, como uma mulher bonita e infiel! Todos a perdoam, tal é o seu encanto, e se apagam para que ela

— Estarei envenenado? pergunta do homem, abruptamente, ao farmacêutico. E, antes de poder explicar a razão de suas cuspoitas, cambaleia e cai, morto.



só sobreviva, mesmo a custo da própria fortuna, da própria vida que seja...

Lembra-se do Natal em Hollywood, Tony? Não é possível que o tenha esquecido... Lindo! As lojas enfeitadas e todos comprando presentes para os amigos, iguarias para as festas. Agitação! Lembra-se de como era engraçado aquele guarda que agitava o braço, colérico, contra o veículo rebelde à sua autoridade? Ríamos, divertidos. Como era bom!

Esqueceu já o dia em que fizemos as compras de Natal em companhia de Lionel Barrymore? Não esqueceu, sem dúvida, o que ele disse.

— Hollywood!...

Tolice? Não! Bastou aquela palavra e nós dois compreendemos. Tony, meu amigo, onde estás agora? Não tenho a mínima idéia. Éramos bons amigos, entretanto.

Muitas vezes nos embebedamos juntos. Isto, para mim, é a melhor prova de amizade que um homem pode dar a outro.

— À sua saúde! dizíamos um para o outro, muito sérios e compenetrados, bêbados como duas gambás.

No dia seguinte, não nos lembrávamos de nada mas rimos às gargalhadas quando o "bar-man" nos contou a história do nosso glorioso pilão. Bons tempos!

Disse bons tempos. Interessante. Até agora não reparara que estava ficando velho. Entretanto essa queixa é sinal evidente de velhice. Olhar para trás significa que já nada há na nossa frente que nos possa interessar. A morte somente é certa. O resto pouco importa.

Bons tempos, repito.

A sua telefonada me intrigou. Até àquela dia eu não suspeitava das suas funções. Nunca poderia imaginar que o romanesco que eu colocava nas histórias que escrevia e que eram filmadas pu-

desse ser real e verossímil. Todos os enredos que escrevia sempre me pareciam incríveis. Entretanto a sua aventura — a nossa aventura, pois que juntos tomamos parte nas peripécias — era mais inacreditável, mais inverossímil, mais fantástica do que as complicações policiais que eu inventava, acreditando que eram estranhas de mais para poderem parecer verdadeiras.

A verdade é mais estranha do que a ficção. Como são úteis, às vezes, os lugares comuns e como são verdadeiros! Quanta verdade há nesta afirmação, feita por milhares de bocas e sempre verdadeira.

A verdade é mais estranha que a ficção! Repito. Você telefonou, pedindo-me que acesse o mais depressa possível. Assustei-me. Que seria? Que teria acontecido? Mil conjecturas, cada qual mais incrível, me ocorreram; nenhuma, porém, satisfatória.

Quando entrei na farmácia donde você me telefonara, vi-o debruçado sobre o cadáver. Parei, surpreso.

Não sabia que você era detetive. Agente de algumas atrizes era a sua profissão ostensiva e eu a aceitara como verdadeira. Detetive!

— Olá, Ben! Feliz Natal, disse você, levantando-se e sacudindo as calças machucadas.

Achei estranha aquela saudação! Um homem desconhecido morto aos seus pés e você com aquele ar imperturbável, me saudava — Olá, Ben! Feliz Natal!

Respondi, constrangido.

— Feliz Natal, Tony!

— Não vai dar os votos de felicidades ao nosso amigo ali? perguntou uma voz atrás de mim.

Reconheci-a logo. Fora sua secretária, Betty Gale, quem falara.

— Não acho graça na pilhéria, Betty.
— Nem eu, seu idiota. Você não está vendo que é nervoso?! Eu estou que não posso mais. Si acontecer mais alguma coisa essa noite eu dou o histérico. Que coisa horrível!

Tentei acalmá-la.

— Que é isso? Calma.

— Isso, si você quer mesmo saber de que se trata, é um homem, um homem que foi assassinado. E o nosso ilustre escritor não vai dizer que não sabe o que é um assassinato, não é verdade?

Notava-se, no tom da voz da moça, que ela estava quase perdendo o controle sobre os nervos.

Só você se mantinha calmo, Tony. Voltei-me para você.

— Quem era ele?

— Era? Não deixa de ser alguma coisa...

— Basta de brincadeiras. Quem era?

— Ninguém sabe. Um desconhecido.

— Mas como veio parar aqui. Isso, ao menos, você deve saber.

Era um homenzinho magro e baixo, com olhos arregalados de terror e vidrados pela morte. Vi os olhos, horrorizado.

— Como o mataram?

— Veneno. Foi a sua resposta sucinta.

— Quem?

— Si o soubesse não estaria aqui.

— Sabe como foi?

— Só sei isso: esse homem entrou aqui nessa farmácia, faz pouco mais de uma hora, quase caindo. A princípio pensaram que ele estava bêbado, mas a estranha pergunta que fez elucidou o caso.

— Que perguntou ele?

— Disse: estarei envenenado?

— Só?

— Não houve tempo para mais. Caiu onde você o vê e morreu, imediatamente.

(Continua na pág. 44).



ESTA É CHRISTINA CRANE, FILHA DE LANA TURNER E DE STEPHEN TURNER, COM QUEM ELA SE CASOU EM JULHO DE 1942. MAS A HISTÓRIA É COMPLICADA. LANA ACHOU QUE O DIVÓRCIO DE CRANE COM SUA ESPOSA ANTERIOR NÃO ESTAVA SUFICIENTEMENTE LIQUIDADO NA ÉPOCA DO SEU CASAMENTO E OBTVEU UMA ANULAÇÃO, TORNANDO A CASAR-SE COM ELE ANTES QUE A CRIANÇA NASCESSE. APENAS COM CINCO MESES, O "BABY" ENFRENTA CORAJOSAMENTE A OBJETIVA.



STEPHANIE WANGER, É A FILHINHA DE JOAN BENNET E DO PRODUTOR WALTER WANGER. AO LADO, OLHANDO TERNAMENTE, ESTÁ OUTRA FILHINHA DE JOAN, MELINDA MARKEY, CUJO PAI É O CENARISTA GENE MARKEY. MELINDA PREPARA-SE INTENSAMENTE, SOB A ORIENTAÇÃO DE SUA MÃE, PARA ENFRENTAR A VIDA, TOMA LIÇÕES DE PIANO, APRENDE A COZINHAR E A COSER.

ANTHONY DEL CAMPO, O FILHINHO DE MARY ASTOR E DE UM SOCIALISTA MEXICANO, O SENHOR MANUEL DEL CAMPO. AQUI ESTÁ ELE, OUVINDO PRASEIROSAmente UMA HISTÓRIA ENGRAÇADA QUE A MAMÃE LÊ PARA ELE E PARA MARILYN THORPE, DE ONZE ANOS, CUJO PAI É O DR. FRANKLYN THORPE. APESAR DE SER AINDA UMA MENINA, JÁ SABE ARRANJAR PENTEADOS EXÓTICOS. EM 1936, MARILYN MOTIVOU UMA QUESTÃO JUDICIAL, QUE FOI GANHA POR MARY ASTOR.



As Estrelas Também São Mães

E parece, como vemos pelas fotografias, que o são em grande escala, tendo quasi tantos filhos quanto maridos.

Casar e descasar, trocar de marido ou de mulher é coisa tão frequente em Hollywood como entre nós trocar de camisa ou sair com uma bolsa diferente.

Tratando-se da terra do cinema e portanto de "fitas", tudo isso parece muito viável e natural. E as estrelas e astros, que pela sua vida incerta mais parecem cometas, brilhando intensamente para se apagarem depressa, provavelmente nada tem a perder com essas trocas. Até é provável que ganhem. Principalmente as "estrelas", que recebem os milhões de dólares, pagos pelo infeliz ex-marido a' sua formosa e' volúvel ex-caríssima-metade. Basta alegar "crueldade mental", "indiferença" ou qualquer outra coisa parecida para ter ganho de causa. O problema seria muito simples e nem mesmo chegaria a ser um problema, si não fossem os resultados desses casamentos sucessivos, isto é os filhos. Eles sim, constituem um sério problema.

Pelas fotografias e respectivas legendas, podemos avaliar toda a confusão resultante desses casamentos e divorcios sucessivos. Em todos os lares de Hollywood, ou em quasi todos, vivem, juntos, filhos de pais diferentes.

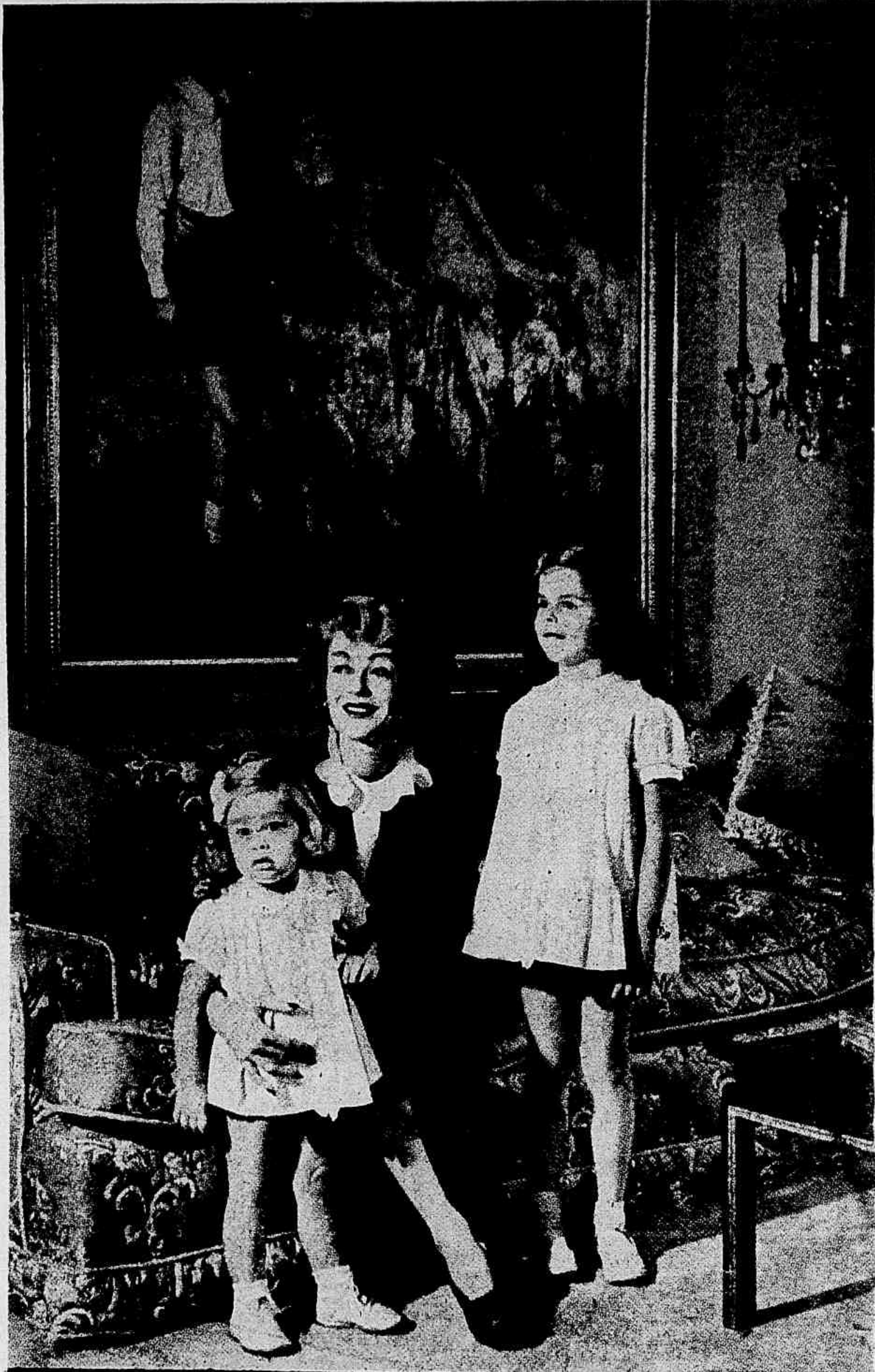
Que tempo terão esses pais e mães, inteiramente dedicados ao seu trabalho exaustivo, para cuidar dos filhos?

Apesar de tudo, alguns procuram desempenhar da melhor forma possível, os seus papeis na cena e no lar, cercando as crianças do maior conforto e carinho.

Muitas delas têm um lar perfeito, pelo menos durante algum tempo, enquanto "mamãe" não arranja outro marido...

CHRISTINA CONSUELO ROLAND, COM DOIS ANOS DE IDADE, É A FILHA DE CONSTANCE BENNET E GILBERT ROLAND. SUA IRMÃ, LINDA ROLAND, JÁ COMPLETOU OS CINCO ANOS. NO RETRATO QUE SE VÊ AO FUNDO APARECE JOAN BENNET COM PETER PLANT. SEU FILHO É DE PHILIP PLANT, SEU ANTIGO MARIDO. PETER TEM AGORA CATORZE ANOS.

ALICE FAYE QUANDO CRIANÇA? NÃO. ESTA É A FILHINHA DE ALICE E DE PHIL HARRIS. BEANIE, ESTE É O SEU NOME, VIVE EM COMPANHIA DE SEUS PAIS NUMA FAZENDA PERTO DE HOLLYWOOD. E A MENINA LEVA UMA VIDA SÁDIA. MISS FAYE PASSA MUITO TEMPO EM COMPANHIA DE SUA FILHA, QUE HERDOU A SUA VIVACIDADE E TALENTO. O PAPAI HARRIS ESPERA QUE A CEGONNA O VISITE NOVAMENTE ESTA PRIMAVERA.



DE TEATRO

AINDA não se apagaram os últimos rumores do sucesso registado pela série de espetáculos de Dulcina, no Teatro Municipal. Fôram varios os motivos desse acontecimento, que se associaram até constituir, em conjunto, um real êxito artistico. Um dêles, e dos mais imprevisitos, foi a revelação desse joven ator de radio-teatro, Luis Tito, cujos primitivos trabalhos, pela onda da Radio Nacional, talvez não fôssem suficientes para prevêr a sua afirmação como interprete de palco. Realmente, Luis Tito foi uma figura marcante nas três peças da temporada, cujos personagens reunimos nesta pagina: Ao alto, em Anfitrião, da peça de Giraudoux; em baixo, em Apollodorus da Sicilia, de "Cesar e Cleopatra", e na gravura menor, no papel de Conde de Warwick de "Santa Joana". Fôram três excelentes composições de típos que se aliaram ao desempenho correto do joven ator, agora, com certeza, definitivamente integrado em nosso teatro de declamação.



A GUERRA EM MARCHA

A LUTA NO PACIFICO

BOUGAINVILLE, maio — (De Keith Wheeler, especial para a Inter-Americana) — Os enervantes estrondos de quatro obuzes de seis polegadas, disparados com intervalos de trinta segundos, acabam de anunciar a abertura do período de odio noturno dos japoneses.

Não fôra isto e poder-se-ia dizer que a noite em Bougainville sera' calma. Por outro lado se os bombardeios de hoje forem feitos de acordo com o padrão usual, encurvados vultos estarão denunciando a presença de soldados nipônicos saídos das montanhas azuis da cadeia do Imperador, e por espaço de três ou quatro horas.

A sua maioria certamente tentara' se aproximar de nossos três aerodromos, mas aqueles que não tiveram a prudência neces-

saria certamente não de tombar pelo caminho.

Todavia, na hipótese de sobrevir um forte canhoneio, certamente seremos compelidos a mergulhar em nossos abrigos a' prova de bombas, situados a uma milha de distancia do aerodromo.

Crash! — Com esta expressão tento reproduzir a ação destruidora do décimo-segundo canhoneio do inimigo, desde que comecei a escrever, e que se fez ouvir precisamente agora. E eis que o inimigo nos despeja o décimo-terceiro e o décimo-quarto

petardos. O sol porém, sabemos-lo, não quer permanecer por mais uma hora acima do horizonte, afim de que os nossos tratores tapem os buracos causados pelas bombas e os nossos destacamentos vinguem os nossos soldados mortos, investindo contra as posições nipônicas ocultas nas faldas das montanhas cobertas de espessa mata, que se estendem diante de nós.

Entrementes, êste é o décimo-segundo dia, desde que a sexta-divisão nipônica iniciou uma desesperada ação com o propo-

sito de vencer e dispersar os americanos dessa pequenina e semicircular cabeça-de-ponte sôbre as costas da baía de Augusta.

Apezar do canhoneio mais ou menos constante e da certeza absoluta de que os nipônicos se lançarão em mais um selvagem ataque de infantaria, a situação aqui pode ser pintada como algo apenas inferior ao desespero.

Com efeito, eis a especie do dia que estou descrevendo:

Fizemos a nossa primeira refeição muito descansados, ao ar livre, meia hora depois de haver cessado o canhoneio matinal dos nipônicos. Pouco depois, o major Ralph H. Iterman, de Newar O., chefe das unidades de tanks, apareceu para nos dizer que sessenta obuzes tinham mantido os homens de seu grupo dentro de seus abrigos pro-

Em plena luta de Bougainville, um tanque aliado quando avançava, cobrindo o assalto da infantaria. Enquanto uns soldados rastejam na estrada, outros disparam suas armas automáticas contra os remanescentes atiradores nipônicos. E' a batalha na "jungle" que se desenvolve, feroz... Esta e as fotos das páginas imediatas foram tiradas sob o calor da luta e mostram como os soldados americanos realizaram tais operações de limpeza.



tetores, por mais de uma hora. Segundo nos disse ainda o major Halterman, havia contado cerca de nove bombas que não explodiram.

Em certa altura de sua palração, o major disse-nos: "Eu os ouço perfeitamente, quando se veem aproximando. Não ha duvida de que estou ficando com ouvidos de doninha".

Depois do café chegou-nos o "Torokina Times" — uma folha de notícias mimeografadas que se intitula o mais lido jornal da região. Trazia uma noticia de Tokio, segundo a qual novecentos americanos tinham sido aniquilados em Bougainville.

"Cum grano salis" — tal era o comentario editorial sobre a noticia do inimigo.

Sobre as três faixas de pouso para aviões, os nossos caças e bombardeiros estavam decolando e aterrissando, o que se verificou durante todo o dia, enquanto que um continuo fluxo de aparelhos de transporte alçava vôo e chegava, na faixa de Torokina, nas proximidades da praia, trazendo a mala aérea.



Os soldados avançam sob a proteção dos tanques. Todos estão preparados para, a qualquer momento, entrar em luta corpo a corpo, que é uma das principais características da guerra na "jungle". Os japoneses perderam milhares de soldados (mais de 7 000), enquanto os americanos tiveram baixas em escala relativamente insignificante.

O sargento C. Wolverton, mordendo a língua para melhor se concentrar, lança uma granada de mão contra um fortim japonês, durante a batalha de cabeça de ponte da baía da Imperatriz Augusta, cujo ataque foi iniciado a 8 de Março último e onde se travaram violentas batalhas corpo a corpo, algumas das mais intensas de que já foi teatro o Pacífico.



maquinaria, pessoal, pão e correspondência e os soldados americanos feridos.

Em terra, guarnições aéreas de aerodromo, em sua maioria apenas vestidos de "shorts", sempre prontos a um mergulho no chão se por aí se lhes chegasse ao ouvido o sibilar de um petardo inimigo.

Mais para a linha de frente, nas trincheiras da cota setecentos, onde uma centena de japoneses havia sido trucidada, logo no primeiro ataque, e de onde se podia apreciar as posições nipônicas a um quarto de milha para além do lago Kathleen, eu vislumbrei um individuo que praticava num trombone de vara.

Na area ocupada pelo regimento, sob o comando do coronel John D. Frederick, de Springfield, Illinois, os soldados conversavam alegremente a' sombra das ervas entre as quais os nipônicos haviam estado a introduzir espiões, todas as noites.

"O moral da turma é excelente disse-me ele. Os nossos rapazes passam a noite toda com aqueles bandidos a lhes rodar em

torno e só atiram quando chegam a ver o branco dos olhos dos nipônicos. Isto significa disciplina”.

Entrementes, quem apurasse os ouvidos poderia ouvir o ruído dos machados que os nipônicos estavam manejando, com o propósito de obterem longas achas e troncos de árvores, com os quais construir defesas adequadas. Si não fosse isto, custaria muito a acreditar na existência do inimigo a alguma distância de nossas posições, internado naquela intrincada mata, na qual nossa visão não atinge nem a dez pés de distância.

Dentro de alguns minutos, uma patrulha emergia do interior da “jungle” e trilhava um caminho que vinha ter até onde nos encontrávamos. Vinham cantando uma canção de soldados, mas as suas palavras não podem ser aqui consignadas. Haviam verificado que os nipônicos haviam feito ativas escavações a menos de cem jardas de distância de nossa primeira rede de arame farpado.

Dois dias antes, as nossas tropas haviam lutado furiosamente afim de elevar para três o total de japoneses exterminados em apenas dez dias. Pode-se mesmo dizer que, até agora, os ja-



Às vezes as granadas não resolvem a situação, e armas mais pesadas são obrigadas a entrar em ação. Vemos aqui um soldado americano disparando uma “bazooka” contra uma casamata nipônica. O projétil penetra no objetivo e explode. Aí elementos da Sexta Divisão japonesa que haviam participado do saque a Nankim encontraram o seu justo castigo.

E outras vezes nem a “bazooka” resolve. Os lança-chamas são também empregados. Primeiro, os atradores nipônicos haviam tirado partido de todas as vantagens do terreno, mas foram depois expulsos a pontas de baloneta. Esta é uma reportagem tirada ao natural, no campo da luta, feita simultaneamente com a dos operadores cinematográficos que ali se encontravam.



poneses têm sido mortos na proporção de pelo menos dez para cada americano. Não obstante, como muitos dos nipônicos estão mergulhados nas trévas da “jungle”, é possível que este total seja ainda muito maior, talvez uns quinze ou dezesseis para cada soldado norte-americano.

Todavia, na pequena área que se estende por detrás das linhas de frente, a vida decorre quase que como usualmente.

Agora, porém, os obuzes continuam chegando e o roçar de nossos canhões anuncia o início de nossa ação contra as posições inimigas. Provavelmente o residente mais “blasé” destas paragens é o coro-el, que está fazendo uma coleção de borboletas. Com grande prazer ele conseguiu apanhar uma bela borboleta negra, azul e prata, nas proximidades de sua tenda, para grande espanto de um sargento que o olhava de boca aberta.

“Imagem 6, disse o ingenuo sargento, pegando borboletas com um ordenado de coronel. Rapaz! estará ele mistificando o Governo?”

O SOLDADO DESCONHECIDO VESTE SAIAS

— DE —
MARIA LUIZA

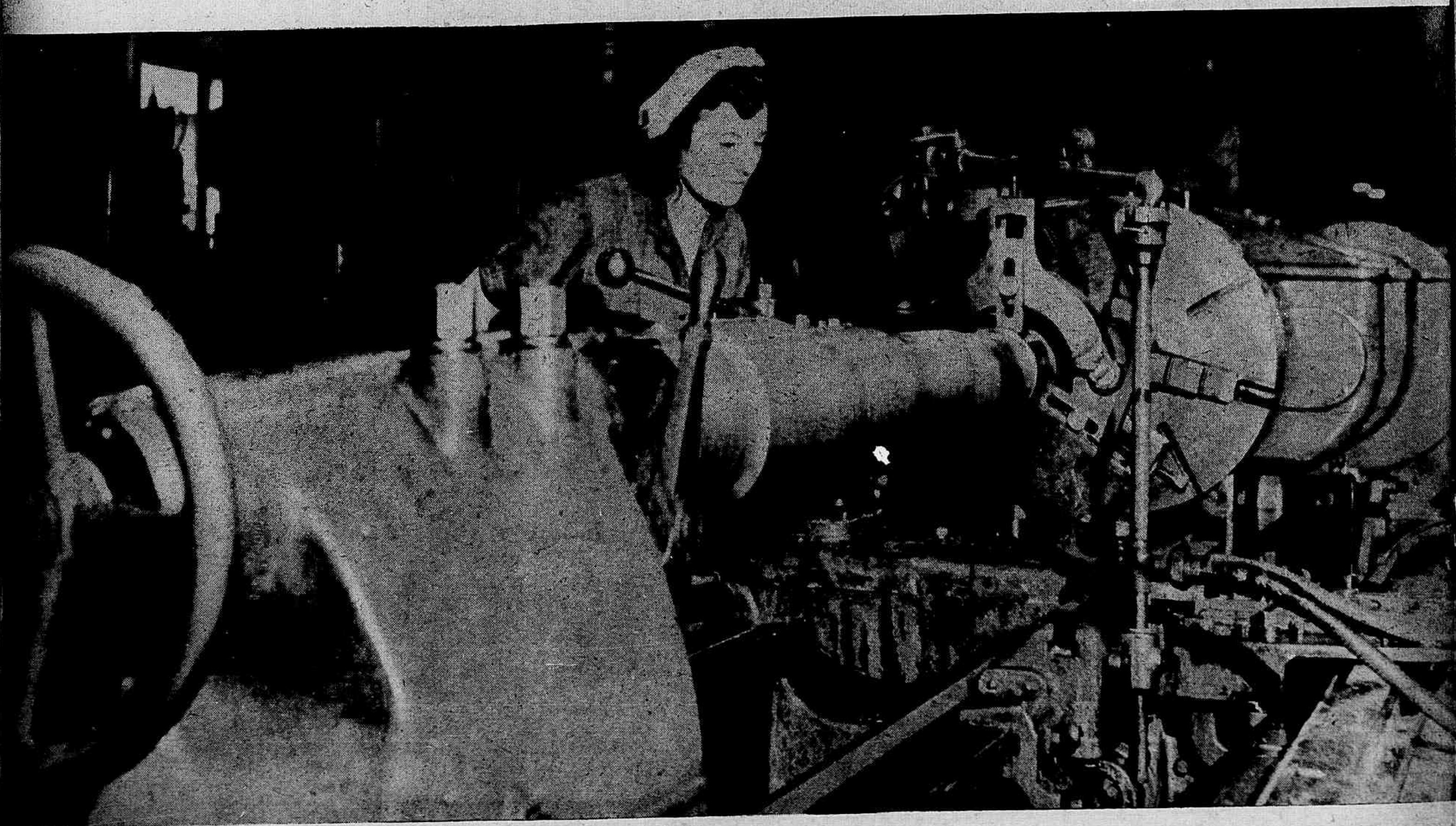
HEROINAS desconhecidas, essas mulheres das Nações Unidas que abandonam a felicidade de seus lares e a paz da vida doméstica para substituírem nos mais arduos mistérios, os homens, cada vez mais indispensáveis à luta nos campos de batalha, merecem toda a nossa admiração e a imensa gratidão das gerações que hão de vir e encontrar o mundo melhor que foi preparado para elas. Esse mundo cuja serenidade será assegurada pelo sacrifício comum de homens e mulheres que lutaram unidos e com a mesma intensidade, anonimamente; heroicamente, para que seus filhos e os filhos de seus filhos não corram o risco de pertencer também a gerações sacrificadas. Mas as mulheres desta geração que luta não deixaram por isso de ser femininas, sonhadoras e plenas de sedução. Apenas a sua feminilidade adquiriu um aspecto saudável e puro, perdendo o excesso de artifício que a estandardizava; os seus sonhos saltaram as fronteiras do sentimentalismo piégas para transformar-se em

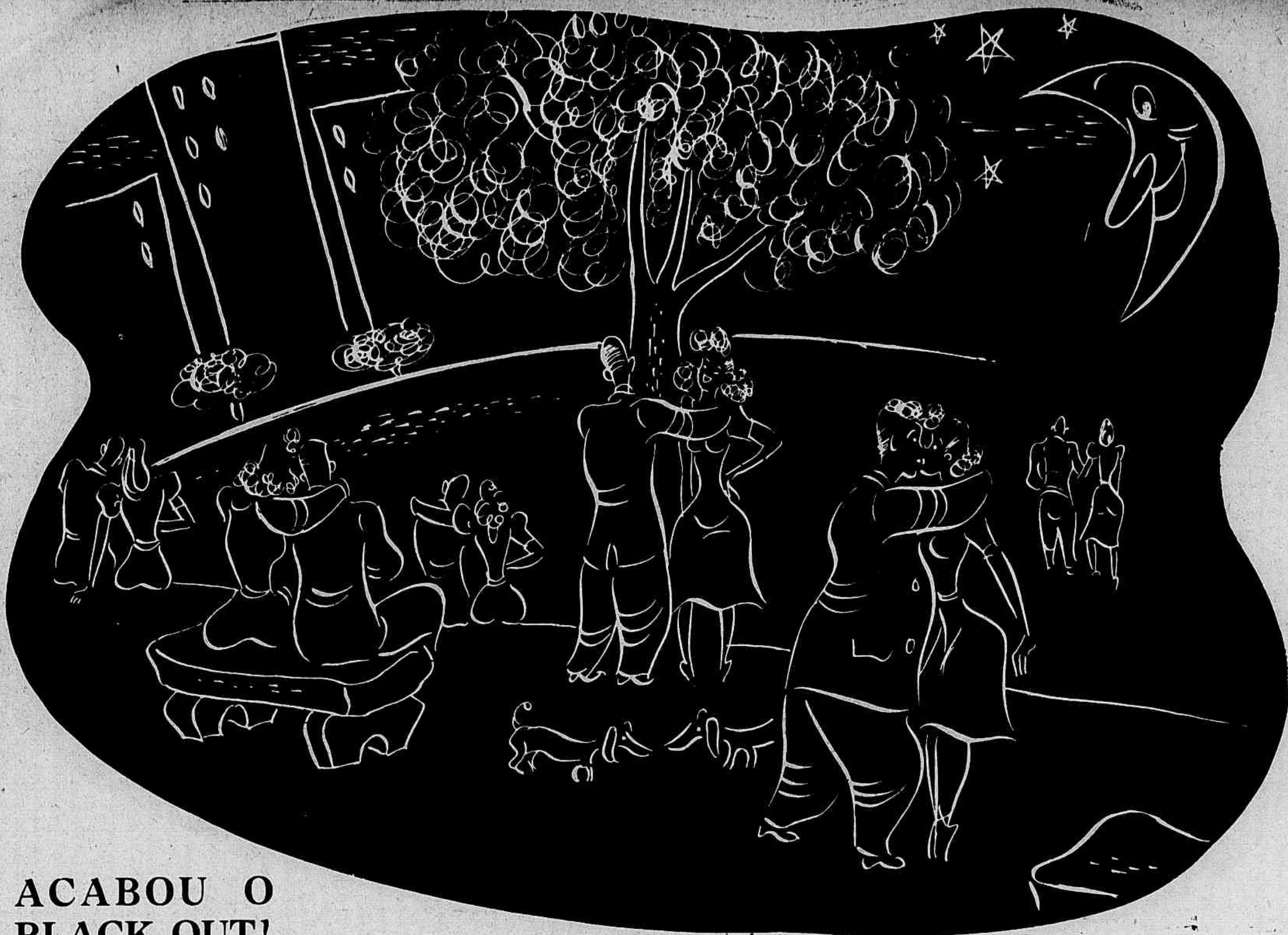


um ideal comum, universal; e a sua sedução passou a ser mais interior do que exterior.

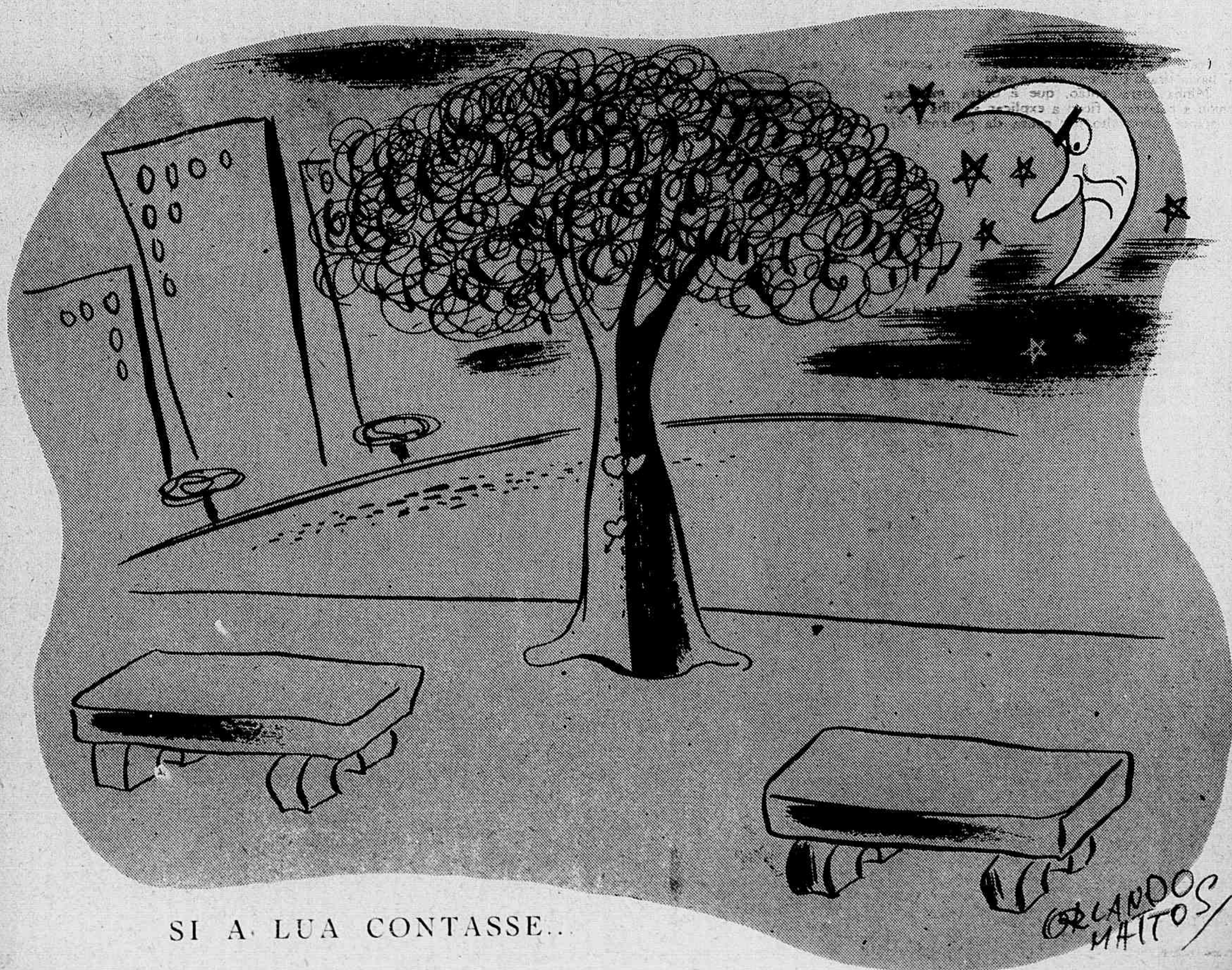
Essas "filhas da guerra" sabem o que querem e porque o querem, e a maior prova disso são a serenidade e a confiança com que enfrentam o presente e preparam o futuro. Observemos, por exemplo, essas duas típicas heroínas inglesas, soldados desconhecidos desta guerra em que os civis lutam tanto quanto os militares. A primeira, miss Adeline Richards, é radiotelegrafista de um desses navios mercantes que com a sua estoica tripulação percorre todos os mares transportando tropas e viveres. O seu sorriso natural e espontâneo, iluminando lábios sem batom, e a forma serena como se apoia na balustrada e segura o cigarro, com a mão que não tremerá ao leva-lo à boca, nem tremeu para acendê-lo, são prova evidente de que não teme os perigos da viagem prestes a se iniciar. Para ela os submarinos são um acidente no cumprimento de seu dever, que deve ser cumprido custe o que custar, e não fuma para distrair o seu estado nervoso, e sim para aquecer o seu corpo e o seu espírito em uma brumosa manhã do inverno londrino.

A segunda fotografia pertence a uma das inúmeras operárias inglesas que se dedicam às indústrias de guerra. Se observarmos bem, veremos que também não está "maquillada", mas que antes de sair de casa não esqueceu o penteado perfeito, nem a correção da linha das sobrancelhas. Naturalmente, à noite, quando for a algum bar ou *dancing*, esquecer por alguns momentos a guerra e o trabalho duro, apresentará também unhas perfeitas — apesar do trabalho manual exercido durante o dia — embelezando a mão que segura o talher, o cigarro ou acaricia outra mão. Isto é feminilidade...





ACABOU O
BLACK-OUT!



SI A LUA CONTASSE...

OSCAR DOS
MATOS

Mania de suicídio

Meu segundo casamento foi um fracasso. Desde que me deixei vencer por aquela fraqueza, e cometi a tolice de casar de novo, nunca mais tive sossego.

Antes mesmo de passado o período a que se convencionou chamar lua de mel, já eu sentia profundamente o passo errado que dera, e seria capaz de trocar alguns anos de vida pela possibilidade de desfazer tudo, de passar uma esponja, como se diz, sobre aquela "cabeçada", apagando o seu aspecto de coisa irremediável.

O casamento, por si, já é coisa errada. Quando esse erro é cometido pela segunda vez, então ainda mais grave se torna, e se quem o comete consegue ter um instante de clarividência e bom senso, para reconsiderar o que fez, o arrependimento se lhe entranha na alma irremissivelmente.

Foi o que se deu comigo: arrependi-me. Mas como sempre sucede, arrependi-me tarde demais.

Passei a aborrecer, a detestar Matilde, a achar sua companhia insuportável. A princípio saíamos juntos sempre; depois, era raro nos verem lado a lado. No começo eu era cordial, afável, gentil com ela; com o passar dos dias passei a tratá-la asperamente, e não sabia, não podia fazê-lo de outro modo.

O que mais me irritava, entretanto, é que ela não dava o menor sinal de perceber isso, de sentir essa mudança em mim. Era sempre a mesma, invariável e igual.

E foi num domingo, em casa dos pais dela, que uma idéia se meteu no meu cérebro, e que eu, quase sem sentir, comecei a elaborar um plano.

Matilde era nervosa, e medrosa, como toda mulher. E, como quase toda mulher, não podia ver armas de fogo sem fazer logo e logo um escarcéu.

Estávamos, os dois, como já disse, em casa de meus sogros, e tínhamo-nos todos reunido no quarto dos velhos, quando meu cunhado, acercando-se de um movel, abriu uma gaveta para tirar não sei que, e deixou a mostra uma pistola automática, nova, azulada, metida entre os lenços, maços de cigarros e alguns papéis.

Matilde estava perto e, mal avistou a arma, soltou uma exclamação:

— Ih! José! Cuidado! Não mexa nisso!

O irmão sorriu, superior, como sempre fazemos nós homens ante o medo injustificado ou exagerado das mulheres, fechou a gaveta, porque já havia tirado o que queria, e saiu.

Minha sogra, então, que é outra medrosa, tomou a palavra, e ficou a explicar a filha o seu constante sobresalto por causa da presença daquela arma ali.

— Seu pai não cede, minha filha! Já pedi o roquei que tire dali essa "coisa do diabo", mas não adianta. Arma de fogo é coisa do demônio. É coisa excomungada...

Eu, na aparência, mal ouvia o que conversavam mãe e filha, mas aquele incidente, tão banal, tão simples, tinha para o meu espírito atribulado excepcional significação.

Desde esse dia, passei a tratar Matilde com outros modos. Dedicava-lhe — sabe Deus com que esforço e sacrifício! — longos momentos de conversa e de atenção. Tornei-me carinhoso, solícito, gentil. Voltei a ser o marido dos primeiros tempos, fazendo sempre questão de que os outros notassem o nosso apêgo, ostentando sempre aquele carinho e aquela ternura...

Mas, ao mesmo tempo, dei em demonstrar crises de melancolia, em me fazer triste, em ficar calado, pensando, triste.

Uma vez por outra, com oportunidade ou sem ela, falava em morte, em suicídio, e Matilde começou — bem que o notei... — a ficar impressionada. Por qualquer coisa, volvia eu a falar em morrer. Varias vezes deixei que ela me surpreendesse abstrato, alheado, triste, tendo nas mãos um jornal com a notícia de alguém que dera cabo da vida.

Consegui verificar que aquilo tudo a trazia impressionada, e não demorou que, por uma conversa que tive com meu sogro, sentisse que ela lhe falara na minha "mania".

O velho, de mansinho, procurou fazer-me insinuações. Que eu há muito tempo não tomava umas fériasinhas. Que estava abatido, com ar cansado; que isso, com certeza, devia ser excesso de trabalho...

— Por que não vai uns tempos pra fóra, para voltar com uma cara melhor?

Concordei, pacificamente. Achei ótimos os conselhos e prometi, vagamente, tratar do assunto.

Nessa mesma noite dei um susto enorme a Matilde, deixando-a surpreender-me debruçado, com ar fatal, a janelas do nosso apartamento, que era um décimo sexto andar. Mostrei-me atraído, fascinado pela altura, pela amplidão do vazio que se abria diante de nós...

Desempenhei bem o papel, e ela ficou, bem vi, impressionadíssima. Dias depois, arrumando minha secretaria, Matilde achou meu talão de

xêques e viu um deles assinado, mas sem data e sem a importância a cobrar. Interrogou-me sobre aquilo e eu expliquei mastigando as palavras:

— Bem...querida. Você sabe... Estive a pensar... Posso eu morrer de repente, de um momento para outro...

— Não diga bobagens, Juliol — gritou ela.

— ...e você — continuei, como se não a tivesse ouvido protestar — com esse xêque pôde retirar do Banco o meu saldo, independente de inventários e outras tolices...

Creio que Matilde chorou muito nesse dia. Deve ser isso. Deve ter chorado, sim. E quando fomos, no fim da semana, a casa dos pais dela, como habitualmente, vi que teve com a mãe uma conversa longa, trancada ambas no banheiro — sinal certo e evidente de conspiração contra alguém.

Daí por diante, senti que estava sendo observado vivamente. Meus gestos eram seguidos, meus passos contados. E tratei de avivar em todos a certeza, a convicção de que estava, realmente, com a mania de suicídio, e o fiz com tal arte que até eu próprio já estava quase a levar a coisa a sério.

Afinal, num domingo como aquele em que me viera a estranha idéia, apresentou-se-me a oportunidade pela qual ansiava já.

Como da outra vez, reuniram-nos todos no quarto dos velhos, e enquanto conversavam me deixei ficar silencioso, tristonho, a um canto, visivelmente alheado do que se dizia no grupo. Desta vez havia mais gente na roda. Além de Matilde e da mãe, havia minhas duas cunhadas, irmãs mais velhas de minha mulher, o marido de uma delas — um cretino metido a artista — e a noiva de José, de quem já falei antes.

Vim, então, andando, calmamente, silencioso, e parei em frente do velho movel em que sabia estar a pistola. Sabia porque, antes, disfarçadamente, tratara de espiar...

Com gesto lento abri a gaveta e, como quem fala a si mesmo, exclamei, com voz que pudesse ser perfeitamente audível:

— Ah! Ainda está aqui esta linda pistola?

Minha sogra, de onde estava, fez imediatamente o gesto de erguer-se. E Matilde, tal qual como eu contava que sucedesse, se dirigiu para mim.

— Julio — disse — deixe de mexer na arma... largue isso! Vamos!

Entretanto, eu já me havia apoderado da pistola, e estava a fitá-la com um grande olhar de interesse.

— Solte isso aí! — ordenou peremptoriamente minha sogra, revelando, entretanto, secreta tremura na voz.

Sorri, superiormente, e ergui a automática para mais perto do rosto. E disse, sem ênfase, frio, sem convicção, mas sem que se pudesse perceber se falava sério ou brincava:

— Vocês tem tanto medo de uma coisa... tão simples...e tão boa?! Isto — e indiquei a arma — é o melhor remédio que conheço para certas doenças! Toma-se uma, ou duas, destas pílulas... Uma basta, às vezes...

— Deixe isso aí! — ordenou de novo minha sogra. — Meu Deus! Estou ficando nervosa!

— Largue a arma... — pediu Matilde. E com que voz disse isso!

Mudei, então, de atitude. Tornei-me brusco, rude:

— Ora, deixem de bobagens! Estão com medo de uma coisa atá! E se eu quisesse morrer? E se eu quisesse, mesmo, tomar uma dessas pílulas? A vida é minha...

Disse isso e puxei a trava da automática, que fez clique, tão alto que eu próprio me admirei.

Foi aí que Matilde, num gesto instintivo, se atirou em cima de mim. Prevendo, talvez, que ia levar a arma ao peito, quis impedir uma loucura de minha parte.

Deixei-me agarrar. Deixei que me envolvesse o corpo com os braços, tentando tomar-me a pistola da mão. Propositadamente não ergui os braços. Fiz força — não muita — para obrigá-la a lutar. Ela reagiu. Curvamo-nos os dois, fomos de encontro aos pés da cama, e quando eu vi que o cano estava precisamente encostado ao seu peito, apertei o gatilho. Com gesto seguro calculadamente frio.

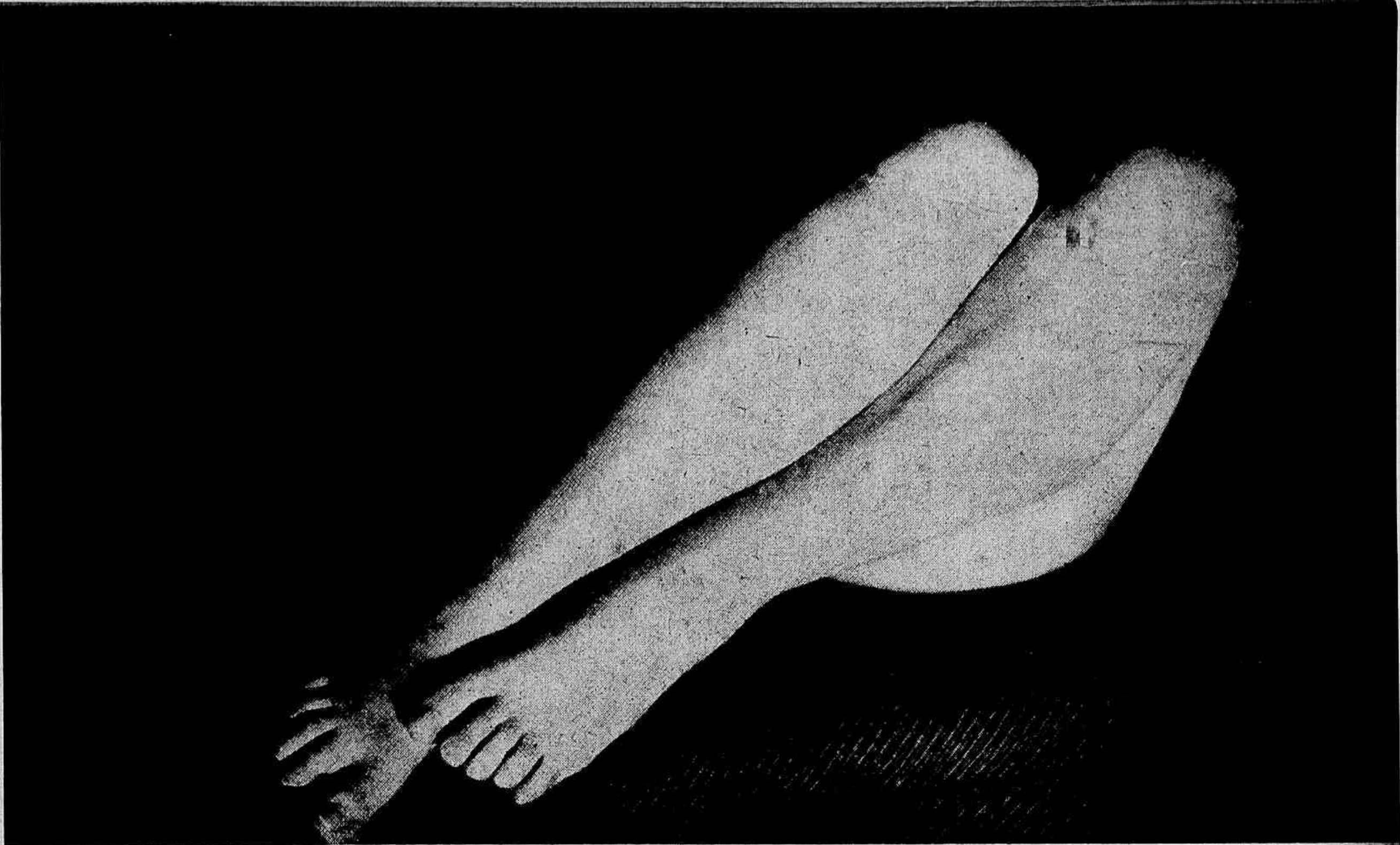
Matilde caiu e eu soltei a arma apavorado. E gritei:

— Viram?! Viram?! Aí está o que vocês queriam!! Está aí o que vocês fizeram!! Matilde, meu amor!

Atirei-me sobre ela, que começava a agonizar. Chorei. Blasfemei. Tudo bem feito, bem a tempo, bem capaz de impressionar.

No inquérito, ninguém foi capaz de uma palavra de suspeita ou de acusação. O testemunho de toda a família foi unânime: houvera um acidente. Em tudo igual a outros que ocorrem sempre. Um acidente, por imprudência, com arma de fogo...





Por que você aboliu as meias?

VAIDADE OU ECONOMIA ?

Racionamento nos trajes femininos -- Pernas á mostra até no inverno -- A guerra, pretexto para a abolição das meias? -- Ouvindo as donas das mais bonitas pernas da cidade -- Pernas... para que te quero?

— Vaidade, meu amigo? Não! Economia, pura economia. Você acha que os homens olhariam mais ou menos para as minhas pernas, pelo fato de estarem calçadas ou não?

— Achámos imediatamente que de qualquer modo os homens olhariam muito para as pernas de Mlle.

Ela não se perturbou nem tomou conhecimento do galanteio, aliás sincero. Tinha o calor de quem defende uma tese.

— Pois aí está, prosseguiu. Você sabe quanto custa um par de meias de seda?

Não, não sabíamos. Não tínhamos a menor idéia.

— Bem se vê que ainda não é casado, disse com um ar de ligeira superioridade. Mas você ainda saberá! — ameaçou.

Sentimos um ligeiro mal-estar.

— Sim, é provável. Mas quanto custa?

— Antes da guerra, um par de meias de seda de boa qualidade custava quinze ou vinte cruzeiros. Agora, com menos de quarenta cruzeiros não se compra nada que preste. E assim mesmo, da segunda vez que as usamos, lá se vai o fio. A meia está inutilizada. Uma boa meia custa 50 cruzeiros. Isto sem luxos. E você ainda pergunta se é por vaidade!

Estávamos vencidos. Entretanto, as opiniões variam.

Eis aqui uma que confessa francamente que não usa meias apenas por vaidade. A' nossa pergunta, ela fez um muchocho:

— Qual, não acredite nas que justificam a ausência das meias como uma medida de economia!

E continuando:

— E' vaidade. Pura vaidade! Pelo menos na grande maioria dos casos. Pense bem numa coisa: em que acha você que uma mulher gasta o dinheiro que antes era destinado às meias?

Não encontramos uma resposta imediatamente.

Ela não esperou:

— Pode estar certo que o gastamos com outra qualquer vaidade. Se voltar novamente a moda das meias, serão feitos todos os sacrifícios, mas todas nós teremos o nosso par de meias.

“Porque a verdade é que a moda nos domina. Você acha que as mulheres andam menos perfumadas agora do que antes?”

Lá isto não achávamos. Todas as mulheres elegantes continuam usando essa arma terrível que é o perfume. Uma das mais diabólicas que a mulher, o demônio e a civilização, de comum acordo, engendraram contra o frágil sexo “forte”. O perfume se personifica, fica sendo exclusivo daquela mulher, persegue-nos a imaginação logo que ela se afasta. Adere às nossas mãos, à nossa roupa, à nossa alma. Persegue-nos durante as insônias, perturba-nos o trabalho honesto. A memória visual é muito menos correta e real do que a olfativa. E depois, que coisa indiscreta é um perfume de mulher! Quantas complicações pôde trazer! Que o digam os homens casados que não observam rigorosamente a fidelidade conjugal.

Não comunicámos à nossa interlocutora todos esses pensamentos, é claro. Mesmo porque ela continuava a expor o seu modo de encarar o problema das meias.

Interrompemo-la:



ZEZÉ FONSECA NÃO SE IMPORTA DE MOSTRAR AS PERNAS. COM OU SEM MEIAS. PUDERA !

— De modo que, para você, é apenas uma questão de vaidade.
— Sem dúvida. Se fosse realmente economia, as mulheres suprimiriam também outras coisas não menos dispendiosas. Não o fazem, entretanto, porque a moda não o permite.

Muita gente da geração moderna não usa meias porque se habituou a trazer as pernas nús. Quando a guerra começou, eram ainda meninas, e as meias que usavam eram curtas. Isto com onze ou doze anos. Agora são mocinhas. Entretanto como ninguém usa meias aderem gostosamente

ESTE "FIVE" ATACA DECIDIDAMENTE AS PERNAS VESTIDAS



NUM BONDE. PERNAS BEM AREJADAS.

à inovação, que para elas é coisa velha.

Muitas das que interrogámos provaram isso.

— Não uso meias. Nunca usei. Desde que me entendo, sempre vi tôdas as mulheres sem meias. Por que haveria de usá-las? Naturalmente, "desde que se entende" é a época em que começou a fazer os homens se desentenderem.

— Mas você acha que atrai mais a atenção dos homens assim?

— Isto não lhe posso dizer, pois se nunca experimentei outro processo !

E via-se que aquele era bem eficiente.

Podemos observar que de uns tempos para cá a indústria dos sapatos tornou-se uma verdadeira arte. Aliás, tôdas as indústrias que se destinam a vestir ou despir as mulheres são na sua essência uma verdadeira arte. As inteligentes filhas de Eva poderiam muito bem tomar a iniciativa neste setor, como teem feito em muitos outros. Entretanto, fazem-se desentendidas e deixam que os homens inventem a moda para elas.

Há pouco tempo, um irredutível anti-feminista dizia-nos que a sua convicção quanto à absoluta inferioridade física e mental das mulheres era inabalável e que podia demonstrar a veracidade do seu ponto de vista com argumentos irretorquíveis:

— Você repare uma coisa: quando os homens se dedicam às tarefas que sempre foram executadas pelas mulheres, que por assim dizer lhes pertenciam, por serem evidentemente compatíveis com a sua natureza, conseguem em pouco tempo superá-las, introduzindo um sopro criador e revolucionário. Isto é uma pro-

va do nosso
quer setor de

E exem

— Veja

mente femin

de modelos o

das feminina

Patou. São

e tornaram-s

PERNAS, PARA QUE TE QUERO ?

UM POUCO DE MÚSICA
MAS SEM MEIAS.

va do nosso espírito de iniciativa, do nosso maior arrojo e capacidade em qualquer setor de atividades a que nos dediquemos.

E exemplificava:

— Veja por exemplo as costureiras. Costurar parece trabalho eminentemente feminino. Mas quais são os nomes das grandes modistas, das criadoras de modelos conhecidas no mundo inteiro? No entanto quando se fala em modas femininas, vem-nos logo à imaginação os nomes de um Adrian, de um Jean Patou. São homens que resolveram dedicar-se a explorar a vaidade feminina e tornaram-se rapidamente ricos e famosos. Com os cozinheiros acontece a mesma coisa. Que conclusões tira você desses fatos? Não provam eles a verdade do que venho afirmando?

Não respondemos nada ao nosso amigo anti-feminista.

Entretanto, seus argumentos deixaram-nos pensativos. Seriam mesmo os homens tão evidentemente superiores?

Observando na rua aqueles pésinhos adoráveis



SAINDO PARA O ALMOÇO.

mente despidos, brancos, bem tratados, com as unhas vermelhas, pés que dominam a atenção do esteta sensual das nossas ruas, começamos a achar os argumentos do nosso amigo perfeitamente idiotas.

Quem inventara todos aqueles modelos de sapatos? Não foram os homens? Evidentemente. E isto por que? Simplesmente porque as mulheres, muito inteligentemente, resolveram deixar a seu cargo essa tarefa. Evidentemente os homens sabem muito melhor o que lhes agrada nas mulheres do que elas próprias.

Analisemos a evolução do calçado feminino. Como dizíamos; de simples indústria ela passou a constituir uma verdadeira arte.

UMA TARDE DE AVIAÇÃO... VERTIGINOSA...



UM POUCO DE MÚSICA,
MAS SEM MEIAS.



cêna. Um grupo de homens acha-se tranquilamente conversando numa esquina ou num café. De repente entra uma aéro-dinâmica. Automaticamente suspende-se a conversa, muitas vezes sem nenhum comentário, pois qualquer um seria superfluo, até que a perturbadora involuntária das nossas graves conversas desapareça. Então retoma-se o fio da palestra bruscamente cortado e tudo volta à normalidade.

A moralidade ou imoralidade está muito mais dentro de nós do que no modo de se vestirem os outros.

Uma coisa, que hoje nos parecerá imoralíssima daqui a alguns anos será perfeitamente natural e decente. E, na mesma época, o que num determinado lugar é considerado improprio, preconisa-se como decentíssimo em outra terra. Isto quer dizer que a moral é relativa, tanto variando no espaço como no tempo.

Desenvolvendo esta reportagem, pudemos

Iamos entregues a essas cogitações quando deparamos, numa das nossas ruas centrais, com uma senhora, ostentando uns ares de poucos amigos, armada de sombrinha. Aproximamo-nos, cautelosos, diante de todos esses dados pouco tranquilisadores, tendo em vista a pergunta que pretendíamos fazer-lhe.

Eoa-tarde. Somos jornalistas e queríamos fazer-lhe uma pergunta.

A cara de poucos amigos desapareceu e um sorriso amavel, onde apareciam muita gengiva e alguns dentes em mau estado, tranquilizou-nos.

— Queríamos saber a sua opinião sobre essas pequenas que aboliram definitivamente o uso das meias.

Como por milagre, desapareceram novamente as gengivas e os máus dentes.

Um *lorgnon*, que nos passara despercebido, aumentou de modo espantoso o tamanho dos seus olhos, sob os quais notava-se o sinal da passagem de toda uma criação de galinhas. Uma careta era o prenuncio da tempestade que iria desabar, provocada exclusivamente por nós. Encolhemo-nos, assustados.

— Considero isso simplesmente uma grande falta de vergonha. Como essas meninas mostram as pernas nos ônibus, nos bondes, em toda a parte! Aos próprios homens, apesar de olharem, acho que isso se torna desagradavel! E' o que tenho a dizer sobre o assunto.

E dando uma viravolta, ainda indignada, sumiu na multidão.

— Por favor, minha senhora, ainda não acabamos de entrevistá-la! Corriamos; tentando alcançá-la. Mas nesse momento, um detalhe inteiramente inesperado chamou-nos a atenção, deixando-nos estatelados: a digna senhora não usava meias.

NÃO SÓ AS PERNAS SÃO BONITAS.

EIS AQUI UM BOM MOTIVO PARA NÃO USAR MEIAS.

Os pés foram gradativamente se despiando. A princípio timidamente, quase a medo. Apenas um pequenino furo na ponta do sapato, deixando ver um dedo, que parecia clamar por liberdade. Depois, aos poucos, foi aumentando a abertura e todos os dedos apareceram. Era preciso tratar melhor dos pés. Os fabricantes de esmalte para unhas devem ter feito alguma combinação com os fabricantes de sapatos.

Hoje a liberdade é total. O pé despiu-se completamente e se apresenta assim em todos os lugares.

Em casa, no trabalho, nos teatros, nas casas de chá, independentemente do vestido usado, seja este o mais simples ou o mais luxuoso, só raramente encontramos um sapato fechado e uma perna com meias.

Com estas deu-se o mesmo.

No tempo das nossas avós, um pedacinho de tornozelo aparecendo fazia o escandalo das outras senhoras e a delicia dos homens.

A saia foi aos poucos subindo, e hoje mantém-se, para gaudio dos apreciadores, acima do joelho.

Já não falamos nas praias. Aliás; duas bonitas pernas na praia chamam muito menos atenção do que na rua.

Alí é coisa natural e corriqueira. Mas uns joelhos bonitos que vislumbramos num ônibus tornam inteiramente impossivel a leitura de jornal e encham-nos a cabeça de maus pensamentos. Tudo é relativo. Nunca estivemos numa colonia nudista, mas acreditamos que os seus sócios olhem para as mulheres que se conservam inteiramente fieis à Mãe Eva com menos interesse que qualquer um de nós, numa rua, para uma criatura bem vestida.

E' muito frequente, entre nós, a seguinte



TUDO TEM SUBIDO TANTO!

verificar uma coisa interessante: a maioria das criaturas abordadas mostravam-se surpresas ao lhes fazermos a pergunta. Aquilo parecia-lhes inteiramente fóra de propósito. Talvez nunca lhes tivesse ocorrido pensar sobre as razões pelas quais usavam ou não meias. E a resposta, em geral, cifrava-se numa exclamação e numa frase curta. Engraçado! pois não é que ainda não havia pensado nisso? Evidentemente é uma questão de habito. E as mulheres, afinal de contas, pareceram-nos menos maliciosas do que as julgavamos. Si elas o são, é muitas vezes porque sentem que nós, os homens, as preferimos assim. A malicia está em nós.

E não somos nós que as despimos assim gradativamente, maliciosamente? Está claro que somos.

A vaidade feminina, a completa submissão à tirania da moda existem afinal para nos agradar. As mulheres fazem aquilo que sentem nos ser agradável. Si um dia elas descobrissem, por exemplo, que os homens detestam ver-lhes as pernas nuas, nesse dia os fabricantes de meias para mulheres ficariam definitivamente ricos.



E A LINHA MAGINOT DESSA VEZ RESISTIU

Impressões de um repórter na ante-câmara da Imortalidade

Nervosismo e expectativa na ante-câmara da Imortalidade.

Jornalistas, reporters, parentes e amigos dos candidatos à Academia, alguns até escritores conhecidos, aguardavam ansiosos o resultado das eleições. Lá dentro, vinte e dois acadêmicos decidiam a sorte dos sucessores de Fernando Magalhães e Pereira da Silva nas vagas deixadas por estes, respectivamente nas cadeiras números 38 e 18, cujos patronos são Raul Pompéia e João Francisco Lisboa.

Eram candidatos à vaga de Fernando Magalhães: Luiz Edmundo, Carneiro Leão, Tasso da Silveira e Silvio Júlio; para a vaga de Pereira da Silva inscreveram-se: Jorge de Lima, Bastos Tigre, Raul Machado, Afonso Schmidt, J. G. de Araújo Jorge, Arnaldo Damasceno Vieira e Martins de Oliveira.

Entre os acadêmicos, o ambiente era de franca alegria.

Parece que todos contavam com a vitória certa dos seus candidatos. Lá estavam ao todo 22: o eternamente jovem Olegario Mariano, o Sr. Ataúlfo de Paiva com a sua linda cabeleira cor de cobre, o Sr. Pedro Calmon, saboreando as palavras antes de dizê-las, o Professor Aluisio de Castro, Viriato Correia, vivo, nervoso, todo sorrisos, Antonio Austregesilo, Alceu de Amoroso Lima, Ademar Tavares, Celso Vieira, Cassiano Ricardo, Clementino Fraga, Filinto de Almeida, José Carlos de Macedo Soares, Miguel Osorio de Almeida, Oliveira Viana, Rodolfo Garcia, Roquete Pinto, Mucio Leão, Claudio de Sousa, Manuel Bandeira, Barbosa Lima Sobrinho, Levi Carneiro.

Notamos a ausencia dos senhores: Getulio Vargas, Gustavo Barroso, Afranio Peixoto, Alcides Maia, dom Aquino Correia, Guilherme de Almeida, João Neves

Flagrante tirado por ocasião das eleições, vendo-se: Viriato Correia, Pedro Calmon, Mucio Leão e Manoel Bandeira



Aspecto da sala, vendo-se os acadêmicos reunidos, poucos momentos antes de começarem as eleições.

Fontoura, Menotti del Picchia, Osvaldo Orico, Ribeiro Couto, Afonso Taunay. Estes mandaram seus votos.

Eram dezesseis horas e vinte e as eleições não se haviam iniciado. Os acadêmicos já estavam sentados mas o recinto achava-se cheio de jornalistas e fotógrafos. De instante a instante, o magnésio das máquinas fotográficas explodia.

Afinal, o porteiro Fidelis pediu gentilmente a todos que se retirassem.

Ja se proceder às eleições e o voto era secreto. Os jornalistas se retiraram conservando-se porém indiscretamente junto à porta, separados da sala apenas por uma cortina. Papel e lapis na mão, os ouvidos atentos, procurando adivinhar o que se passava do outro lado. Pretenderiam algum furo?

Talvez. Tudo é possível.

Lá dentro, além dos acadêmicos permanecera apenas o veterano Fortuna.

Ja se proceder ao primeiro escrutínio para a vaga de Fernando Magalhães.

Mucio Leão conta os votos: Carneiro Leão 3; Luiz Edmundo: 2;

Os reporters tomavam nota febrilmente. Por fim ouvimos:

Resultado do primeiro escrutínio: Carneiro Leão, 18 votos; Luiz Edmundo, 14 votos, Silvio Julio, 1 voto.

No segundo escrutínio porém, Luiz Edmundo alcança a maioria com 21 votos. Carneiro Leão consegue 11 votos e Tasso da Silveira 1.

Estava eleito para a cadeira de Raul Pompeia o Sr. Luiz Edmundo!

Olegario Mariano aparece na porta, afogeuado exclamando:

— Caramba! Isto é que é cavar uma eleição!

Aproveitamos o momento para perguntar indiscretamente:

— E qual era o seu candidato?

— Ora, naturalmente... e interrompeu-se, olhando-nos:

— Não! Você não me pega menino! Eu sou macaco velho! Tenho 32 anos de jornalismo!

E virando-se para os outros:

— Isto é uma gente perigosa! Seu dedo fez um movimento circular, abrangendo todos os jornalistas, bisbilhoteiros da imortalidade. Ficamos arrasados.

Viriato saía apressado, em direção ao telefone, gritando:

Luiz Edmundo! Venceu Luiz Edmundo!

Perdoem-nos a irreverencia, mas tivemos a nitida impressão de que estivera escutando o jogo de futebol e gritara:

Goal de Lelé! Venceram os brasileiros!

Talvez o senhor Olegario Mariano tivesse tido a mesma impressão embora não o manifestasse. Dizemos isso porque nesse momento perguntou ao grupo de rapazes que lá estava:

— Sabem quem venceu o jogo?

Ninguém sabia e o Sr. Mariano ficou visivelmente desapontado.

Neste momento Viriato Correia voltava do telefone. Ainda nervoso, com os olhos brilhando, rindo por todos os poros.

Abordamo-lo:

— Qual a sua impressão?

— Ora! Magnifica. Pois não venceu Luiz Edmundo?

Novamente eleições, para escolher o candidato à vaga de Pereira da Silva.

Houve quatro escrutínios, mas não tendo havido *quorum* foi adiada, sendo as inscrições novamente abertas aos candidatos.

Resultados do primeiro escrutínio: Bastos Tigre 14 votos, Jorge de Lima 9 Raul Machado 6 e Afonso Schmidt: 4.

No segundo escrutínio Jorge de Lima obtem a maioria com 16 votos, Raul Machado teve 10, Bastos Tigre 6 e Afonso Schmidt 1. No terceiro escrutínio venceu Jorge de Lima com quinze votos, seguindo-se Raul Machado com 11 e Bastos Tigre com 6. No quarto e último empataram Jorge de Lima e Raul Machado com 10 votos cada um, tendo Bastos Tigre nove.

A propósito da eleição de Luiz Edmundo, seria oportuno lembrar o que nos disse o novo imortal, quando nos concedeu, ha pouco tempo, uma entrevista sobre a sua candidatura.

Diziamos nós:

Afirma-se que a sua situação no pleito é a melhor possível.

Eis o que nos respondeu o escritor:

— Não sei porquê. Da linha Maginot também se dizia que era forte e inexpugnável, e que, graças a ela, a França venceria de qualquer maneira. Uma formidável muralha de aço e cimento armado, diziam os entendidos! Pois não foi ela facilmente contornada pelos alemães?

E sorrindo:

— Não creia em fortalezas, meu amigo. Nem acredite no que lhe disseram:

Havia entretanto, no seu olhar, um brilho de confiança, qualquer coisa que nos obrigava a acreditar no que nos disseram. E fizemos muito bem.

Dessa vez a linha Maginot resistiu.





No dia 13 do corrente teve lugar nesta Capital o enlace da Srta. Helena de Sá Cavalcanti, filha do tabelião Dr. Luiz Cavalcanti Filho e de D. Marina Maciel de Sá Cavalcanti, com o Tenente-Aviador Sergio Candido Schnoor, filho da Viuva D. Ana da Rocha Miranda Schnoor.

No ato civil foram testemunhas o Sr. Lourival Antunes Maciel e D. Luiza de Freitas Vale Aranha e o Dr. Edgard Maciel de Sá e Senhora, por parte da noiva; e, pelo noivo, o Dr. Francisco Solano Carneiro da Cunha e Exma. Sra. D. Ana da Rocha Miranda Schnoor.

Na cerimonia religiosa serviram como padrinhos da noiva o Desembargador André de Faria Pereira e senhora, e o Dr. Renato Maciel de Sá e senhora pelo noivo.

Após o enlace matrimonial os nubentes seguiram de avião para a Bahia, onde o Tenente Schnoor se encontra a serviço da Força Aerea Brasileira.

As fotos que aqui reproduzimos mostram: ao alto um grupo de convidados, a esquerda os noivos durante a cerimonia e, a direita, um flagrante vendo-se os noivos ladeados por seus padrinhos.

Enlace Helena Sá Cavalcanti -- Candido Schnoor

30



FIGURAS E FATOS

ANIVERSARIOS DA SEMANA

28 — Senhora D. Celisa Costa de Oliveira. Senhores Dr. Mario de Andrade Ramos, Dr. Camilo de Oliveira, Dr. Vicente Saboya de Albuquerque Filho, Capitão de Fragata Aure-

O SOPRANO-LIGEIRO MARIA MAGDALENA, QUE VEM OBTENDO SUCESSO NA RÁDIO CRUZEIRO DO SUL. MARIA MAGDALENA É ARTISTA EXCLUSIVA DOS PROGRAMAS DA CASA NUNES, IRRADIADOS ÀS SEGUNDAS-FEIRAS.



lio de Azevedo Falcão, Alvaro Pinto da Silva, Dr. Carlos Nascentes Tinoco, Alberto Quartim Bianci, Carlos Bandeira Filho.

29 — Senhoras D. Jocelina Loyola de Paula. Senhores: Dr. Afonso Gentil da Silva Moraes, Euclides Stazembach Moreira, Dr. Paulo Pereira Lima, Dr. Leão Padilha. Menino Miguel Couto Netto.

30 — Senhoras: D. Isolina de Mendonça Firmino, D. Diva Casali Carvalho. Senhores: General Almério de Moura, Dr. José Bellens de Almeida, Dr. Raul Rego, Dr. Gustavo de Castro Rabello, Capitão de Fragata Humberto Ar. a Leão, Dr. Olintho Luna Freire do Pilar, Fernando Francisco Bonança. Menino Mauro Travassos.

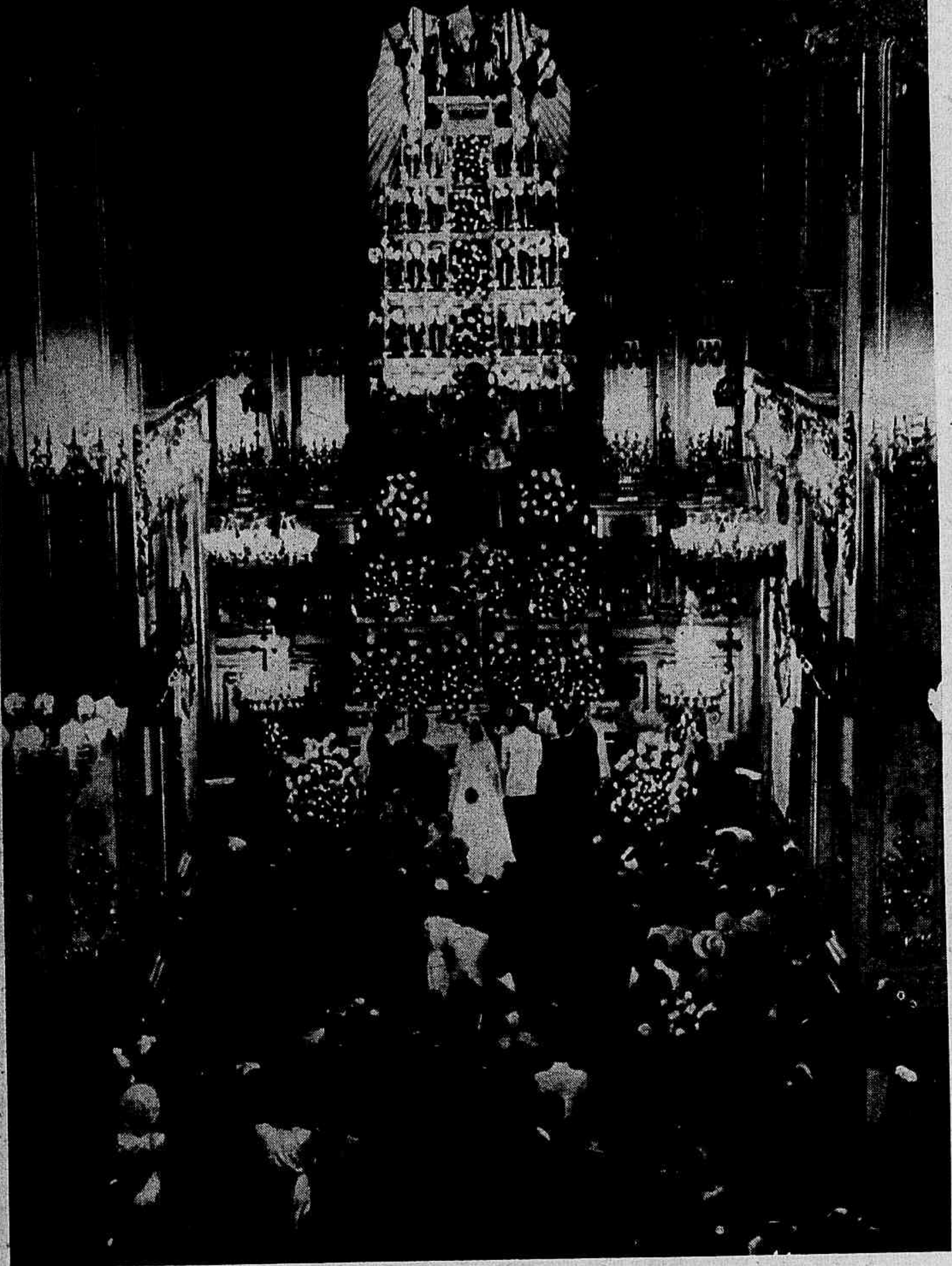
31 — Senhoras: D. Helena Gracie de Freitas, D. Fernanda Barroso de Azevedo, D. Silvia de Figueiredo Mafra, D. Petronilha Rangel Laiza. Senhores: General Espirito Santo Cardoso, General Francisco Ramos de Andrade Neves, Embaixador Dr. Adalberto da Guerra Duval, Dr. Oscar Sayão de Moraes, Ministro Fernando de Souza Dantas, Antenor Moura Miranda, Maestro José de Castro Botelho.

1 — Senhoras: D. Adelina Piratinino de Almeida, D. Helena da Costa Leite Darcy. Senhores: Ministro Frederico de Barros Barreto, Coronel Alfredo Firmo da Silva, Dr. Firmino Ribeiro Dutra, Dr. Gastão Vitorio, Ricardo Pinto, Dr. Goyanna Primo.

2 — Senhoras: D. Aida Alonso, D. Candida Guerrero. Senhores: Ministro Carvalho Mourão, Desembargador Dr. Vicente Piragibe, Professor Dr. Arthur Moses, Dr. José Braz Pereira, Gomes, Dr. Brenno Pessoa.

A SENHORINHA MARICELLI DA SILVA TINDÓ. NO DIA DO SEU ENLACE MATRIMONIAL (REALIZADO NA MATRIZ DO ENGENHO VELHO) COM O DR. PEDRO FREIRE RIBEIRO, ELEMENTO DE RELEVÔ DO MAGISTÉRIO CARIOCA. A SENHORINHA MARICELLI É FILHA DO SR. DIOCELLI TINDÓ, FIGURA DE PROJEÇÃO DA NOSSA INDÚSTRIA TEXTIL.





ENLACE RIBEIRO NUNES -NUNES TOMÁS



No dia 13 do corrente, realizou-se nesta Capital, assistido pelos elementos mais representativos da nossa alta sociedade, o enlace matrimonial da senhorita Augusta Ribeiro Nunes, filha do comendador Alfredo Rebello Nunes e de D. Maria Ribeiro Nunes, com o Sr. Alfredo Nunes Tomás, do alto comércio do Rio de Janeiro.

No ato civil, serviram de testemunhas da noiva o Sr. Abílio Nunes e Mme. Augusta Batista, e do noivo o Comendador Alfredo Rebello Nunes e sua Exma. esposa D. Maria Ribeiro Nunes.

Às 18 horas, perante grande número de convidados, teve lugar na Igreja de São José a cerimônia religiosa, paraninfada pelo Sr. João Braga e sua senhora, D. Lucía Braga por parte da noiva, e pelo Comendador Alfredo Nunes e Senhora pelo noivo.

Nesta página reproduzimos alguns aspectos fotograficos da suntuosa festa nupcial, a saber: no alto da página, à direita — grupo de convidados em torno da fina mesa de doces, ladeando os nubentes. A seguir, flagrante da entrada na igreja, quando o Comendador Nunes conduzia a noiva ao altar. No alto, esquerda — Magnifico aspecto fotografico do templo quando se realizava a cerimonia. Em baixo: à esquerda, a noiva, cercada pelas demoiselles d'honneur e finalmente, à direita, os nubentes, após o enlace.



Uma visita ao JUIZADO

AS DUAS "MÃES" DO CASO DE MADUREIRA — SENTENÇA DE SALOMÃO? — 1.626 MENORES INTERNADOS NO ANO DE 1943 — ONDE A BONDADE E A COMPREENÇÃO PODEM MAIS QUE A FÔRÇA — OBSERVAÇÕES CURIOSAS

NO GABINETE DO CURADOR DE MENORES, DR. JOÃO TORRES DE MELLO, VENDO-SE AS DUAS "MÃES" DO "CASO" DE MADUREIRA E O PAI DO GAROTO



O DR. AFONSO LOUZADA E UM GRUPO DE PESSOAS ATENDIDAS; NA GRAVURA, AINDA OS PROTAGONISTAS DO PALPITANTE "CASO" DA CRIANÇA.



O DR. ZOLACHIO DINIZ, NO SEU GABINETE, DESPACHANDO COM SUAS AUXILIARES.

O ESTATUTO JURIDICO sempre serviu, entre os povos civilizados, para amparar e proteger o fraco contra a prepotencia do poderoso. E' a força do direito e da justiça contra a arbitrariedade, a garantia de estabilidade das classes pequenas. Esse perfeito ajustamento às condições ambientes dá às creaturas um escopo, dá-lhes o espírito de luta e cooperação, iniciativa, confiança e sobretudo segurança; fatores esses necessarios a uma melhor produção quer em quantidade, quer em qualidade. *"A função do Governo é auxiliar o individuo e não usar e abusar dele"*. E' esse o espírito da Justiça que se sente espalhado por todos os ambitos do Juizado de Menores, onde os homens da lei zelam pela integridade do Estado, amparando e protegendo, justamente, o elemento novo da raça e da nacionalidade: o menor. Vastos são os esquemas traçados com bôa fé, para o aperfeiçoamento da sociedade humana, mas a base dessa sociedade é a família e, dentro da família, a criança. O amparo material dado como garantia de vida não é, de certo, o que pôde resolver o problema do aperfeiçoamento, da criança; a estabilidade moral, uma educação domestica antecedendo mesmo e auxiliando a escolar, são indispensaveis a esse aperfeiçoamento.

O orfão e o abandonado são, para a sociedade dos felizes, uma especie de material de refúgio, do qual se lança mão como de um animal domestico util para o trabalho, que não exige remuneração maior que um prato de comida e umas roupas usadas. Embrutecido pelos máus tratos, degradado pelas humilhações, enfraquecido pela servidão, inutilizado para a vida nacional.

O Juizado de Menores é o órgão criado para evitar essa miseria moral e física, dando assistencia e amparo aos menores orfãos, abandonados ou ainda envolvidos em questões de adultos inescrupulosos, ou de familias mal constituídas ou que, por qualquer motivo, precisam de assistencia e amparo.

Nessa casa da Justiça, que precisa, quantas vezes, ser mais a casa da Bondade que a da Lei, trabalham homens em cujas mãos giram os destinos desses menores. Preside-a o Dr. Saul de Gusmão juiz cujas icásticas qualidades pontificam com lhanze, garantindo a eficiencia e valor daquela obra de tamanha significação.

Vimos o dr. Aloisio Maria Teixeira, juiz substituto, nas funções do seu cargo, atendendo, com interesse e nobre espírito de compreensão, a dois menores delinquentes, assistido no momento pelo escrivão do 2.º officio dr. Pinto Amando. Passámos ligeiramente pela sala do dr. Zolachio Diniz, escrivão do 1.º officio, atarefado no seu posto de zeloso e competente auxiliar da Justiça.

Agora outra rapida passagem pela sala do medico dr. Gastão C. Albuquerque, e alguém nos informa, da dedicação e interesse com que exerce ele a sua profissão, atendendo com incansavel paciencia aos que precisam dos seus serviços.

DE MENORES

A ampla sala presidida pelo dr. Afonso Louzada está repleta, cada individuo que se apresenta é um caso diferente a resolver e, como já ficou dito, não é somente a lei que é preciso recorrer, mas também a bondade, a compreensão, e uma inteligência que vá além da Justiça. É isso o que sentimos existir ali, onde ha uma pleiade de obreiros trabalhando.

Chegamos à sala do 1.º curador de Menores dr. João Ramos Torres de Melo, e justamente no momento atendia ele a duas mãis do caso de Madureira ao qual os jornaes deram larga publicidade. Uma das mãis amamentava o garotinho e tinha os olhos vermelhos de chorar e arrazados de lagrimas; a outra, pessoa aparentemente de mais posses, olhava impassivel. Procuramos ouvi-las.

— O filho é meu, foi-me roubado, não conheço a pessoa que o levou, ela pediu-me para segura-lo enquanto eu precisava atender ao outro.

— E' mentira, afirmava a outra, ela não é a mãe do pequeno; porque foi a mãe dele mesmo que me deu o garoto...

Sentença de Salomão! O dr. João Torres com a serenidade que lhe é peculiar, e que lhe vem como halo da alma bonissima e paternal, ouvia e discutia o fato com as interessadas, opinando ser aquele um caso de inquerito e devassa pricial afim de encontrar a terceira personagem do caso, justamente a culpada. Argumentando com a logica, no sentido mais humano da questão, a criança deveria ficar com aquela que se dizia a mãe genetrís e não a de adopção, aquela que amamentava o pequeno ao proprio seio, e não a outra que o disputava como se disputa um animalzinho de estimação. O dr. João Torres de Melo, cuja cultura juridica e constatado talento se vela de uma simplicidade nazarena, faz do seu cargo um sacerdocio de bondade, de magnanimidade, numa profunda compreensão da contingencia humana, e certo ninguem daria ao caso melhor solução si não fôra dever enquadrá-lo aos mandamentos da Lei.

Todas as vontades e todos os valores, ali naquela casa da Justiça, se entrosam numa cooperação indispensavel ao serviço do Estado.

A'ém dos funcionarios citados ali trabalham o dr. Murilo Fontainha, 2.º curador de Menores; dr. Joaquim Silva Rosa, secretario do Juiz; dr. Orlando Vilar, secretario do Ministerio Publico; advogado de officio dr. Decio Martins Costa; e chefe da secção Social dr. Luiz Martins e Silva, alem de auxiliares fiscaes de Menores, etc...

As cifras são sempre a afirmação das palavras e para afirmar a eficiencia da obra do Juizado de Menores aí ficam as cifras dos trabalhos realizados.

No exercicio do ano de 1943:

Entraram 4.461 processos — 2.529 pedidos de internação — 541 ações de alimentos — 520 registros civis — 543 casos de menores transviados (Codigo Penal). O serviço medico atendeu a 510 menores. Foram internados 1.626 menores de ambos os sexos. 1.935 outros tiveram varios amparos, como ingresso nas corporações militares, autorizações diversas (casamento, matriculas em escolas, folhas corridas, etc.)

Como vemos, o Estatuto Juridico tem ali a sua mais alta finalidade e maior eficiencia, com o amparo e proteção ao elemento novo da raça e da nacionalidade, dando-lhe um escopo na vida, insuflando-lhe confiança, segurança e portanto espírito de luta e de cooperação pelo progresso do país.



O JUIZ DR. SAUL GUSMÃO, EM SUA MESA DE TRABALHO, ATENDE O EXPEDIENTE AUXILIADO PELAS SECRETÁRIAS.



NO GABINETE DO MÉDICO, DR. GASTÃO C. DE ALBUQUERQUE, AO SER ATENDIDO UM DOS MENORES.



O JUIZ SUBSTITUTO, DR. ALOISIO MARIA TEIXEIRA, OUVINDO DOIS MENORES DELINQUENTES; A SEU LADO, O DR. PINTO ARMANDO.



ALMEIDA GARRETT

(Porto 1790 — Lisboa 1854)

DIRIGIDO em humanidades por um tio, D. Frei Alexandre da Sagrada Família, bispo de Angra, é curial supôr que o sobrinho, João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett, soubesse latim, ao menos em verdes anos.

Neles escreveu primeiros versos, de feição anacreontica, para os quais certo não concorreram lições e conselhos do bispo de Angra. Deveu porem o sobrinho ao tio o molde classico no bem escrever, molde conservado por Garrett mesmo no romantismo capilarmente às vezes bem descabelado nos seus poetas e prosadores.

Portugal seculo XIX foi campo de batalha de absolutistas fieis a D. Miguel, até Arcanjo no fanatismo politico, e liberais pendendo para D. Pedro, procurador dos interesses de corôa da filha, D. Maria II. E, aos liberais ou malhados, os absolutistas applicavam o verbo malhar no seu sentido mais contundente, quando não mortal.

Para resguardar idéas, salvando corpo, Garrett emigrou. Conheceu privações duras em Londres e Paris, onde a lembrança da patria o voltou mais para ela. Causa fatal em exilados, pois só bem se conheceu terra de berço quando se a perde.

Dos anos de sua emigração disse Garrett. Seis mezes passou na patria de Shakspeare, o Warwickshire, hospede de inolvidaveis e inolvidados amigos, os Hadleys. Mais tarde o hospede declararia que os dias do convívio dos Hadleys foram "não os mais satisfeitos, sim os mais socegados, e porventura os mais felizes de sua vida".

Em Paris um bocalo, cerca de dous anos viveu Garrett em Ingouville, na margem direita do Sena, no sopé do Havre. No inverno de 1824 a 1825 eis Garrett tornado a Paris. No verão de 1824, em Ingouville, escrevera parte do seu poema *Camões*, a memoria do épico desterrado na do poeta exilado.

Interrompeu ele o seu primeiro poema para escrever segundo, *D. Branca*, "não sómente a aurora que também o alto dia do romantismo em Portugal". Camilo assim julgou os dous poemas de Garrett.

Segundo este a composição de *D. Branca* datou "de flagelladas de Janeiro e Fevereiro de inverno de 1824 a 1825, curtido em agua-furtada da rua parisiense do *Coq-Saint-Honoré*", Garrett "com os pés cosidos no fogo, ao lado do seu amigo velho Barreto Feio, outro proscrito". Recomeçara o tiritante Garrett a trabalhar no *Camões*, Barreto Feio a ocupar-se com Sallustio.

Vencido D. Miguel, extirpadas as raizes mais fortes do absolutismo em Portugal, a este voltou Garrett para brilho, na politica, no governo, nas letras.

ESCRAGNOLLE DORIA GARRETT

Duas vezes expatriado, em 1824 e 1828, depois de 1834 foi diplomata na Belgica proxima e na longinqua Dinamarca. Depois o parlamento lhe ouviu voz eloquente levada á fama, citado até hoje o discurso do Porto Pireu. Proferio-o Garrett para exposição de sua vida publica, Discurso tão gravado na eloquencia parlamentar portugêsa quanto o de José Estevão na questão *Charles et George*, nome de barca francesa, navio negreiro capturado em Moçambique.

No fim da vida visconde de seu nome, ministro dos Estrangeiros, Almeida Garrett morria em 1854. No discurso do Porto Pireu declarára que "esperava salvar a sua alma em Jesus Cristo e o seu credito na lembrança dos Portugêses".

Memoremos Garrett por outra face, muito menos apresentada, a da sua estima pelo Brasil e por amigos brasileiros.

Ministro nosso na Lisboa de 1853, Maciel Monteiro conviveria pouco com Garrett. Entre os amigos brasileiros dele mais confessos José Maria do Amaral, Porto Alegre e Penedo.

Em 1841 foi publicada em Paris uma coleção de poesias intitulada *Au Bord du Tage*. No opusculo a autora, Mademoiselle Paulina de Flaugergnes, dedicava uma ode a Garrett, por ter lido seu poema *Camões*.

A poetisa pertencia ao grupo das *Grandes Amoras* do Romantismo, ela por fim levando longe desarranjo de espirito, a ponto de habitar na capela funeraria de um homem que amára, Henri de Latouche, sem maior correspondencia aliás. O amor tem suas cegueiras. Ao dedicar ode a Garrett, Paulina de Flaugergnes, chamada *La Portugaise* por haver vivido em Lisboa, não chegara a extremos de des equilíbrio mental.

José Maria do Amaral, amigo de Garrett, e então diplomata nosso na Russia, leu a poesia de Paulina e traduzio-a oferecendo-a em vernaculo ao cantor de *Camões*. Rematava a oferta dizendo: "O coração nunca offerece senão bagatellas; as dadas sumptuosas são do amor proprio."

Os ultimos versos da ode diziam referindo-se tanto ao épico como ao poeta:

*Vos fronts sont couronnés de palmes fraternelles,
Même encens vous est dû, même autel vous attend.*

Estes versos têm o seu que profetico. Em Lisboa, no Panteão Nacional dos Jeronimos, cinzas tidas como de *Camões* acompanham o tumulto de Garrett, afinal de credito na lembrança dos portugêses.

Porto Alegre, consul geral em Lisboa, manteve relações com Garrett. Retrato-o como de estatura mediana, de apparencia grave e simpatica, de fisionomia expressiva. Disse ainda Porto Alegre ter Garrett voz sonora, forte e flexivel em todas as modulações. Sabia conversar, motejando, à pessoa educada.

E ainda continua o depoimento de Porto Alegre: "Simples com os amigos, aulico e cortez com os grandes, reservado e artificioso com os desconhecidos, era Garrett jovial e engraçado quando abria o coração. Tive a fortuna de o conhecer e admirar pessoalmente".

A Porto Alegre disse Garrett: "O Brasil, ganhando em politica com a Independencia, perdera em literatura porque aquela arrancára do gabinete de estudo muitos dos seus companheiros de Coimbra, por ele considerados talentos de primeira plana, e homens capazes de crear época notavel no reinado do espirito".

Com sincero entusiasmo os afirmava homens da boa tempera dos creadores, alguns subindo às alturas do engenho. Entre eles nomeava Garrett tres grandes

latinistas, Araujo Vianna, depois marquês de Sapucahy, Odorico Mendes e Alves Branco, o segundo visconde de Caravellas. A todos julgava Garrett "capazes de discorrer em academia famosa sobre a lingua de Cicero e de Virgilio".

O que talvez muitos não saibam, mas soube Porto Alegre do proprio Garrett, foi ter sido a maior ambição dele uma nomeação de ministro de Portugal no Brasil-Imperio. Movia-lhe ambição o desejo de vêr a nossa natureza, abraçando os seus mais intimos amigos da Universidade.

Para confirmar a ambição, Garrett mostrou a Porto Alegre o começo de um seu romance brasileiro. Nele descrevia muitas de nossas plantas "pelo que havia observado na Madeira à luz do sol, e em outros logares, nas estufas dos jardins botanicos".

A ambição de Garrett, lisongeira para o Brasil, seria grata a D. Pedro II amigo de letras. Jamais o ambicioso realisaria viagem. O intento de Garrett se foi ao intermino dos vãos desejos, e para o mundo destes não ha quem deixe de concorrer, humilde que seja, a esperança fugindo adiante do homem.

Rico de talento, e pois invejado, Garrett se consolaria sabendo-se lido no Brasil do Romantismo. Nas letras não lhe faltava até a injuria de plagiario, obrigando-o a confundir detratores o acusando de haver copiado Addison nos versos de Catão, poema dedicado a austero.

Ao publical-o, lembra Porto Alegre, foi Garrett abraçado pelo douto abade Corrêa da Serra, que, para animar o joven poeta, se sahio com este original louvor: "O vosso poema é a aurora de outros mais bellos porque a litteratura é como as aguas de Versalhes, que quando correm pela primeira vez no anno saem sempre turvas, mas ao depois se tornam limpidas e corôadas de mil arco-iris; e o arco-iris, moço, é o simbolo da paz."

Na sequencia deste escrito foram apontados até aqui dous amigos brasileiros de Garrett, um diplomata José Maria do Amaral, o segundo consul ou semi-diplomata, Porto Alegre. No Instituto Histórico e Geografico Brasileiro, áquele caberia o necrologio de Garrett, necrologio sentido na amizade, portanto sem eco de palavras insinceras.

Falta ainda apontar a Garrett um terceiro amigo admirador, Carvalho Moreira, o barão de Penedo, diplomata como José Maria do Amaral, antigo advogado e parlamentar notavel. Nesta ultima qualidade é dado entre nós como propugnador primeiro da adoção do casamento civil.

Em pagina de album, pertencente a Penedo, Garrett lançou umas tantas linhas. Pódem figurar como perfeitamente ineditas:

"Não vejo um Brasileiro que não sinta como aquelle gosto indefinido de abraçar mais um irmão que nunca vira, mas que sabia ter, e de quem tinha saudades sem conhecê-lo."

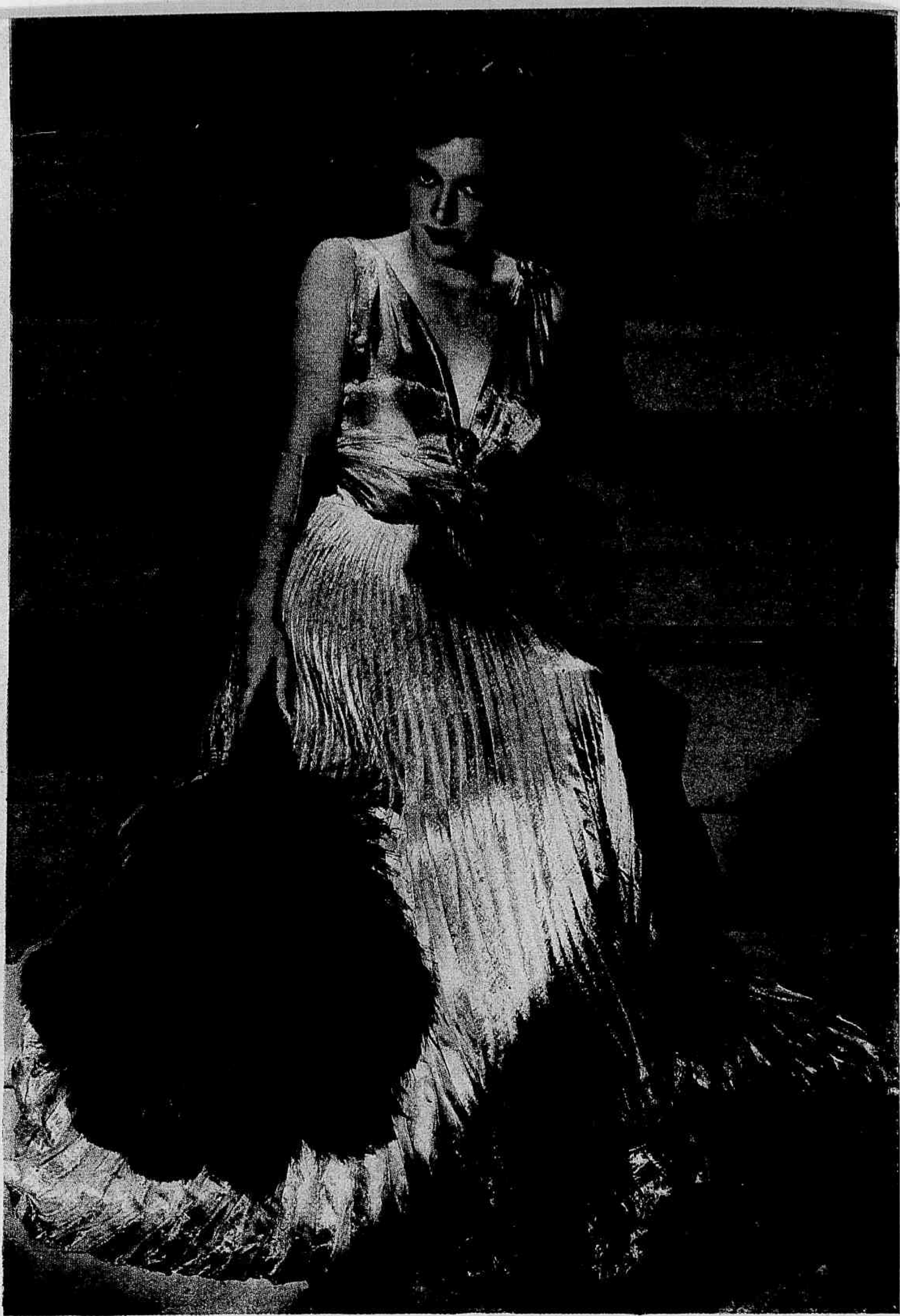
De alguns posso dizer que me fizeram falta, não sei como, e de que o prazer de vê-los e conhecê-los foi dobrado. Veio a este numero e veio tarde o Snr. Moreira a quem peço se lembre sempre de mim, porque lh'o mereço e sou de toda sympathia de coração seu amigo. Lisboa 8 de Junho de 1852. Almeida Garrett".



VISITAR Ouro Preto é mergulhar no passado e sentir bem de perto o valor de tantas obras históricas. E' palmilhar ladeiras de grandes lages e desvendar, lá do alto, panoramas que os nossos olhos citadinos não estão acostumados a abranger. E' recordar Marília de Dirceu, os conspiradores da Inconfidência, Thomaz Gorzaga e o martir Tiradentes. E', principalmente, conhecer muitas das mais preciosas obras de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, porque as igrejas de Ouro Preto são outros tantos tesouros que os turistas vão conhecer,

COISAS DO BRASIL

de perto, e cada qual mais o surpreende e deslumbra. Na gravura, a fachada de um desses templos com tantas tradições e preciosidades: a Igreja de São Francisco. Esculturas do Aleijadinho, naturalmente. E fixando o olhar nessa fachada de igreja, por força o pensamento do leitor ha de recuar na ação do tempo, à época de Marília, Thomaz Gorzaga, os conspiradores e Tiradentes... Principalmente Tiradentes, o que primeiro morreu pela Liberdade, precursor legítimo de tantos martires que até hoje continuam imolados pelo mesmo ideal...



Para

RECEPÇÕES
DE
INVERNO



JANET MACKENZIE

O inverno trás sempre uma modificação de ambiente social. E' mais "raffinée" e tem um cunho de muito maior distinção.

Abre-se com ele a temporada lirica e os salões elegantes; a sociedade chic da "rendez-vous" para exhibir os seus modelos de Harper's Vêgue e das oficinas de Hollywood.

Para este ano a surpresa é o vestido curto para as reuniões em geral, mesmo à noite em casinos e jantares. Vestidos naturalmente muito vistosos, com bordados em cores brilhantes, paillettes, strass, fios dourados ou prateados, flôres, fitas, mas curtos; porque o racionamento de fazenda é uma realidade na America. Contudo ha quem exhiba ainda vestidos longos, sobretudo em Hollywood.

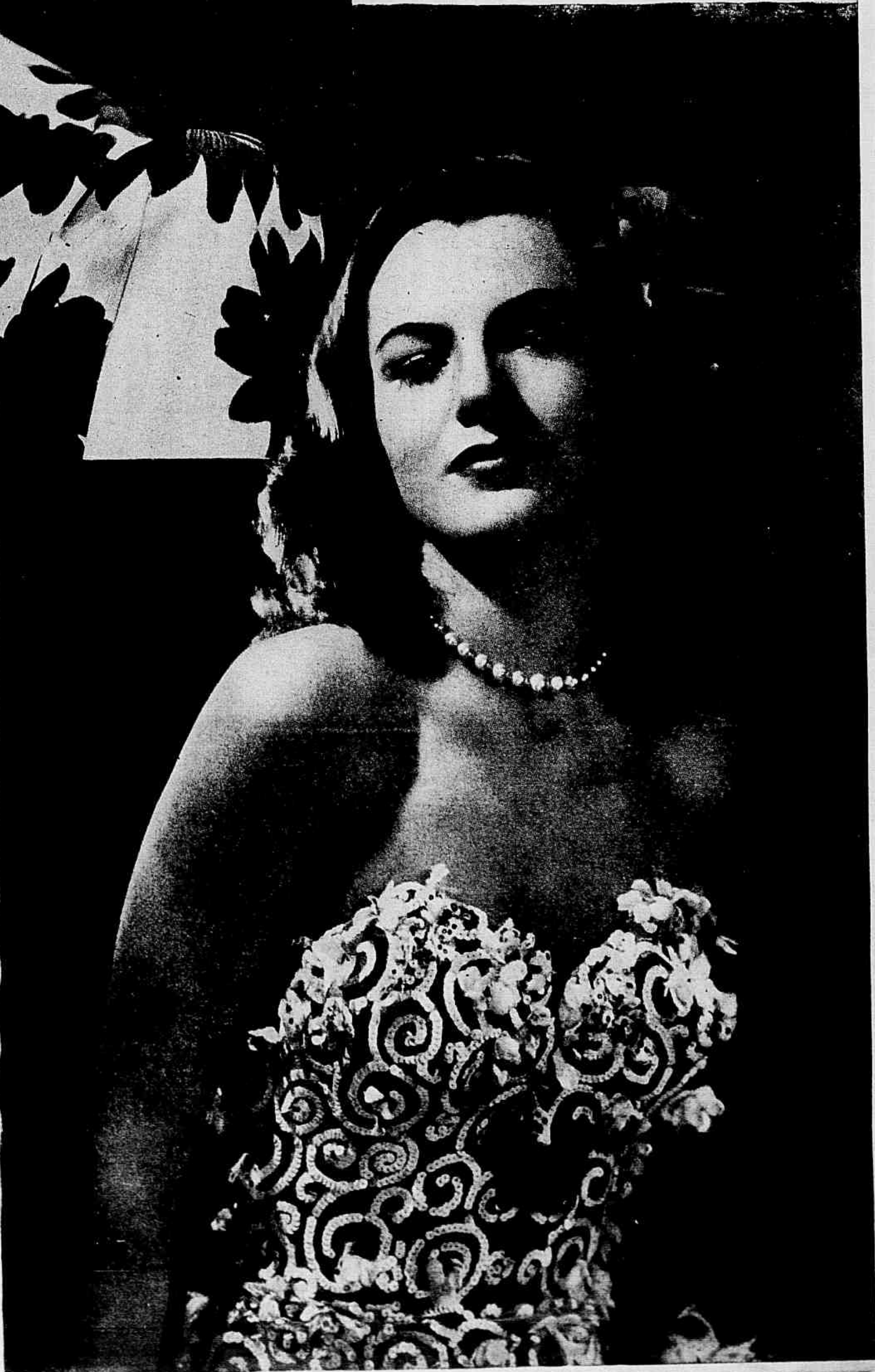
Aqui temos como exemplo: Ella Rains, uma nova estrêla da Universal que esta' fazendo sucesso, exhibe um suntuoso vestido de noite em seda verde "navy" inteiramente bordado de contas; bastante decotado — por sinal — racionamento para o alto...

JULIE BISHOP da Warner — Tambem é nova e exhibe aqui um maravilhoso vestido em fitas de lamé ouro-velho e bordados de contas. Um belo e rico leque de plumas completa a toilette.

GLORIA JEAN — A linda estrêlinha da Universal, exhibe um vestido de laise estampada para "jeunes-filles", com babadinhos de organza na blusa e no decôte. O estampado é em côres pastel.

GALE ROBBINS — Mostra um casquete de palha brilhante e de um dourado antigo, completamente coberto com um véu salpicado de pompons de seda; atrás um laço de ciré.

NAS GRAVURAS, DA ESQUERDA PARA A DIREITA: Gloria Jean (da Warner), Julie Bishop (da Warner), Gale Robbins e Ella Rains (da Universal).



(Conto de NORAH RYOTT,
adaptado especialmente para a
REVISTA DA SEMANA)

PAULO olhou em torno e suspirou, satisfeito. Era sua primeira licença, depois de dezoito meses a bordo de um submarino! Sentia-se leve, feliz. Vinte e quatro maravilhosas horas em Londres o aguardavam e um milhão de projetos lhe ocorriam sem que ele, entre tanto, optasse por um qualquer. Entregava-se à alegria de fazer planos, cada qual mais extraordinário e mais difícil de pôr em prática.

Resolveu, afinal, começar por escolher a companhia ideal para os divertimentos do dia. Experimentou quatro telefones sem resultado satisfatório. Um, ocupado; o outro não respondia; uma das moças mudara de residência; e a última não estava em casa.

— Mall!

Restava um número. Sally e Hugo! Não custava tentar. Além do mais era com eles que Paulo costumava passar suas licenças. Decidiu convidá-los para jantar fora e ir depois a um teatro. Já tinha completo o programa quando atenderam.

— Hugo está de serviço até as 10 horas da noite; Sally foi para a Cruz Vermelha e só volta amanhã.

— Que massada!

— Quem é que está falando?

— Paulo.

— Paulinho! como vai você? Está de licença? Venha omar chá comigo! Imaginem só, o Paulinho em Londres!

— E' a minha vez de perguntar quem é que está falando.

— Susana, bôbo. Você já se esqueceu de mim, ingrato?

— E' claro que não, Susana. Tenho vinte e quatro horas de folga e conto com você para me ajudar a passá-las agradavelmente.

— Bem. Começaremos com chá, sandwiches torradas e um bolo de chocolate que Sally deixou feito. Está uma delícia!

Paulo imediatamente recuperou o entusiasmo abalado com as quatro telefonemas infrutíferas.

— Até já!

— Até já, Paulinho.

Paulo gostava, imensamente, de Susana. Achava nela, um encanto todo especial, uma simplicidade como só poucas moças possuíam. A maioria das que ele conhecia só gostava de lugares caros, pratos raros, camarote no teatro e, além disso, eram cacetes e futeis.

Susana, muito ao contrário, era alegre, gentil, uma companhia perfeita. E tinha certas atenções que não podiam deixar de agradar. Lembrava-se, até, que ele gostava de chá com sanduíche, torradas e bolo de chocolate.

Já se disse que o meio mais eficaz para conquistar um homem é pelo estomago. Como os peixes. E Susana seguia o dito com fidelidade.

Paulo pensou em levar um presente para a jovem encantadora que estava ocupada em preparar-lhe a recepção e lembrou-se que ela tinha uma coleção de elefantinhos de couro a qual faltava, justamente, um cor de rosa. Não teve dúvidas. Comprou-lhe o animalzinho que provocou olhares desaprovadores do chofer que o levou mas foi recebido com entusiasmo por Susana.

— Eu sei que o maior desejo de um soldado de licença é tomar um bom banho. Já está tudo preparado. Botei uma toalha felpuda, como você gosta.

— Obrigado. Você é uma pequena sensacional!

Ela riu satisfeita.

— E você é um amor de marinheiro!

Ele corou como um rapazola tímido. Susana soltou uma gargalhada.



— VENHA TOMAR CHÁ, DISSE A VOZ DE MULHER,
PELO TELEFONE. PAULO ACEITOU O CONVITE...

— Se você soubesse como fica bem, assim vermelhinho!

Paulo decidiu que o melhor alvitre era aproveitar o banho.

E, depois de espadanar, livremente, uma boa meia hora, apareceu na sala.

O chá estava servido, mas no chão.

No chão, sim, que é mais comodo, argumentou Susana. E Paulo acabou por descobrir que, com três almofadas, uma poltrona para se encostar e uma linda jovem à frente, o chão é o lugar ideal para ingerir uma inacreditável quantidade de sandwiches, devidamente re-

gada por incontáveis xícaras de puro chá da Índia e um respeitável monte de torradas bem amanteigadas. E o bolo de chocolate, então...

Feito o que, levantaram-se para espairar e passaram longo tempo a conversar.

Maravilhava-se o rapaz ante a desenvoltura de Susana. Discutia todo o assunto com segurança e mostrando originalidade nas opiniões.

Convidou-a para sair.

Aceitou com entusiasmo e levou somente 10 minutos para preparar-se.

Resolveram, de comum acordo, ir ao cinema.

Durante duas horas deram rédea solta à alegria e riram das piadas dos irmãos Marx.

Terminado o espetáculo decidiram jantar num restaurante da moda.

Escolheram o Florabelle, ponto de reunião da alta roda. Fizeram entrada triunfal, despertando a curiosidade dos presentes.

— Que par interessante, comentava-se.

Paulo ficou encantado com a sem cerimônia de Susana e riu com gosto da expressão reprovadora do garçon escandalizado com o pedido. Ofereceu este a companhia alegre e inteiramente descuidada de dietas contra a gordura, uma sobremesa incluindo doces, um sorvete que compuseram juntos e que levava biscoito, compota, creme, duas qualidades de sorvete e tudo regado com caramelo. Uma delícia, diziam. E isto depois de um succulento jantar. Entre risos procuraram um nome para batizar o prato que acabavam de inventar e chegaram por fim a um acordo. Chamar-se-ia "Ruína do Racionamento". Paulo hesitara a princípio com a orgia de alimento que consumia mas julgou bem empregado para um dia de folga depois de dezoito meses de duros serviços.

Susana era uma companhia agradávelíssima. Comentava com simplicidade e franqueza o que via em torno e respondia com espirituosa vivacidade a Paulo contribuindo para criar um ambiente de encantadora camaradagem. Comeram com incrível apetite e terminado o jantar saíram, sendo a sua saída tão comentada como a entrada.

— Que pequena linda, diziam uns.

— Como é alegre e desembaraçada. E que lindos cabelos.

E Paulo passou orgulhoso de sua companhia entre os sorrisos dos circunstantes.

Procuraram um carro e, caminho de casa, Susana chegou-se naturalmente para perto de Paulo que lhe passou o braço pela cintura. A jovem aninhou, sonolenta, a linda cabecinha no ombro do rapaz. Ele beijou-lhe os cabelos sedosos, a testa pura.

— Paulo!

— Que é?

— Eu gosto muito de você.

— Desvanecido, meu amor.

— Mas Paulo...

— Que foi?

— Eu preferia que você não tivesse barba...

— Vou mandar raspa-la assim que acabar a guerra...

— Obrigado, Paulinho.

— De nada, querida.

Houve uma pausa e Susana parecia dormir mas murmurou, dentro em pouco, com a mesma doçura:

— Paulinho!

— Hum?

— Quando é que você vai se casar?

— Ainda não sei, Susana.

Nova pausa, mas quando o carro aproximava-se já da casa de Susana e antes que parasse ela disse:

— Escute Paulo, você podia casar-se comigo, quando eu crescer. No ano que vem completo onze anos. Não é muita diferença. Você acha? Quando a guerra acabar... Se você tiver outra licença vem passar o dia comigo, não vem?

— Venho, querida.

— E nós vamos passar outro dia formidável como o de hoje?

— Com certeza.

E Paulo pensou: Que garota encantadora. Se a diferença de idade não fosse tão grande...

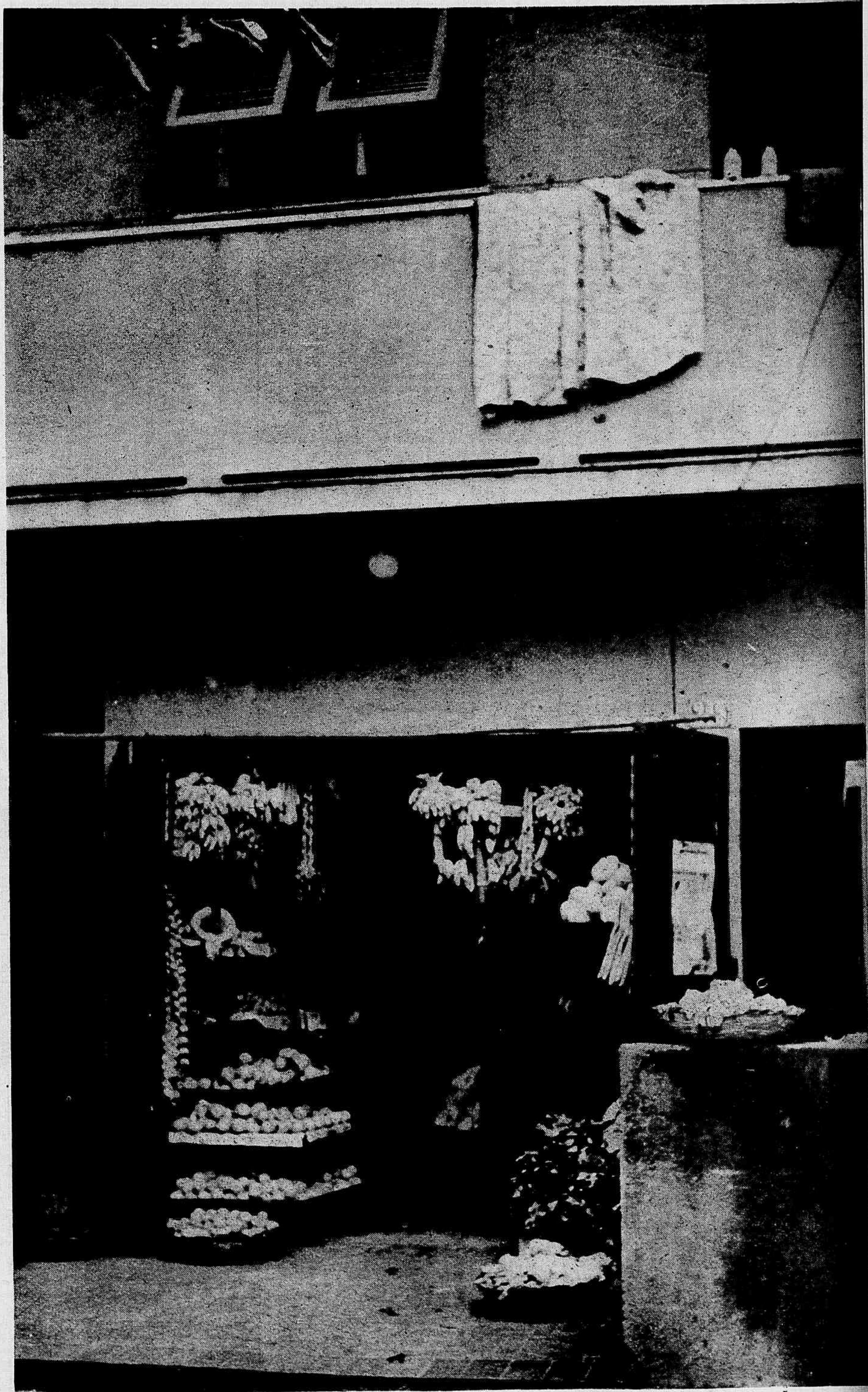
DE MAL...

A MELHOR!

QUANDO o proprietário desse edifício de apartamentos, situado em Copacabana, na rua Montenegro, o mandou construir, teve os cuidados de reservar, na planta, o espaço necessário para a garagem. Ah, a garagem! Complemento imprescindível, pois não! Onde se viu prédio moderno sem esse requisito? Mesmo porque uma construção moderna, que se preza, em Copacabana, por força ha de ser habitada por quem tenha um automovel. E quem sabe si até mais de um! Por isso o prédio reservou aquêl espaço da loja para guardar o "possante". Mas acontece que o homem põe... a garagem no prédio e a guerra dispõe justamente o contrário. Gasolina virou metáfora e nem sempre o gasôgênio é aplicado como "sucêdâneo", motivo por que estamos agora assistindo ao gradativo desaparecimento das garages. Uma aqui, outra acolá, vão cedendo lugar aos terrenos disponíveis. Os postos de gasolina e óleo também fecharam, quando não se improvisam em vendedores de carvão a tantos mil cruzeiros o saco de tantos quilos. Em Copacabana, porem, o espaço não vale ouro, vale manteiga, que é muito mais preciosa, motivo por que estão surgindo também aqui e acolá, no lugar das garages, mesmo em edificios de apartamentos, pequenas lojas de negocio, mais ou menos adaptadas. De resto, o sistêma da adaptação é muito proprio da época, nestes dias das assimilações, dos sucêdâneos e do gato para caçar, em lugar do cão... Vêjam, na gravura ao lado, uma garagem gran-fina da rua Montenegro, ali mesmo na gran-finiissima Copacabana. Quando o prédio foi levantado, quem estaria pensando que algum dia ela cedêsse a vez a uma quitanda? Em lugar de automovel — bananas, cebôlas e melões. Em vêz de gasolina — couve, allface e outros legumes por demais substanciosos. O *chauffeur* de madame, muito bem posto no seu uniforme feito sob medida, cedeu lugar ao humilde verdureiro, de mangas da camisa arregaçadas e talvez de tamanco na ponta do pé. Tamanco que não tem nada de gran-fino nem faz lembrar o de Carmen Miranda... E o que aconteceu na desaparecida garagem da rua Montenegro repete-se em outras ruas, em outras extintas garages que cêdem a vez a outras quitandas, lojas de quinquilharias, portinhas de sapateiros-remendões e outros similares.

No fim de contas, bem pensado, podia ser muito pior. Desapareceu a gasolina, foi vendido o carro da familia, mas a lei das compensações prevaleceu. Só-ram legumes.

E nem só de gasolina vive o homem.



ACONTECEU NO RIO

Copa e cosinha

Talheres para
todos os fins



Mme. RISOLETA

O progresso geral na arte de viver atingiu como era natural a cutelaria. Temos hoje talheres das formas mais complicadas e para todos os fins. Nem toda gente, mesmo habituada a reuniões elegantes, sabe servir-se dos talheres usuais. A faca sobretudo é uma arma que atrapalha muita gente. E' preciso saber pega-la e usa-la com correção. O cabo deve servir de ponto de apoio sem que o indicador chegue a tocar na lamina, mas também sem que pareça estarmos manejando um pincel. A faca em hipótese alguma deve ser levada à boca. O talher de peixe como os ganchos para mariscos é outra coisa culpada de muita gaffe: o melhor em tais casos é esperar que alguém do grupo de convidados comece a servir-se. Há também uns garfos próprios para sobremesa e que têm um lado cortante de maneira a dispensar o manejo de faca de sobremesa; aliás é mais elegante e facilita muito o serviço sobretudo para chá ou o lanche, quando a mão direita tem de ocupar-se da chicara.

O trinchante antigamente era o test mais difícil para os gastrônomos: saber trincar era uma arte muito chic e apreciada; hoje a copa moderna arranja tudo de maneira muito pratica, pois vem o serviço pronto para ser digerido.

O talher para saladeira deve ser de preferencia de galalite, chifre ou mesmo de madeira, pois os metais ao contacto do acido acetico azinham-se e tem um gosto desagradavel. Aqui fica num muito rapido resumo uma nota sobre o uso de talheres cuja forma e genero se tem multiplicado desde o conhecido garfo do pai Adão.

M E N U APERITIVO

CLOVER-BEEF-COCKTAIL — Caldo de meio limão, dry-gin, grenadine, 1 clara e umas gotas de menta. O shaker deve ser batido demoradamente com gelo miudo e servido logo que a mistura esteja pronta.



GALANTINE DE GALINHA — Cozinhar os pés, pescoço, ossos e miudos de frango com caldo de carne, temperando com cebola, alho, sal, louro, salsa e pimenta. Coar este caldo e ferver juntando 3 folhas de gelatina, coar novamente. Com o resto do frango guisar e passar na maquina, juntando manteiga. Numa fôrma untada com azeite derramar um pouco de caldo, pôr umas rodellas de tomate e alguns petits-pois, depois ponha uma camada do frango com fatias de presunto, mais um pouco de caldo e ponha a gelar, depois que esta camada estiver gelada vá arrumando do mesmo modo a outra; depois de bem gelada vire num prato do lado dos tomates, enfeite com petit-pois e rodellas de tomate.



MOUSSELINE DE PRESUNTO. — Derreta 1 colher de manteiga, junte 2 de farinha e leite; tire do fogo e ponha 5 gemas e 2 claras bem batidas, 100 gramas de queijo ralado. Numa fôrma untada ponha este creme e presunto passado na máquina com fatias finas de pão torrado, o resto do creme e leve a cozinhar em banho-maria.



FRANCISCANAS — Fazer uma calda grossa com 3 chicaras de açúcar, deixe esfriar e misture 8 gemas, 4 claras mal batidas, 2 chicaras de farinha de trigo, 1 chicara e meia de manteiga, 1 chicara e meia de queijo de Minas ralado, passas, 1 chicara de vinho d. P. rto; vai ao forno em taboleiro untado de manteiga. Cortar depois de frio.



ANN BLYTH — DONALD O' CONNOR DA "UNIVERSAL"

O radio a serviço da cultura

"Ondas musicais" --- Um programa de escol



TOMÁS TERÁN E ARNALDO ESTRELLA

Quando em 1942 a radiofonia surgiu em nosso país, isso por intermédio do ilustre brasileiro professor Roquete Pinto, houve por parte do povo como que uma estupefação, uma reação, misto de surpresa e alegria; surpresa pelo advento de tão extraordinária descoberta, e alegria pelos inúmeros benefícios que a mesma iria trazer. Em pouco tempo, incontáveis telhados ostentavam pequenos mastros onde se viam fios esticados; e no interior das casas, sobre um móvel, um pequeno aparelho cheio de lâmpadas e rodellas de aço, tendo por complemento uma espécie de bocal dos antigos gramofones, espalhava pela sala os sons de variados gêneros musicais. O rádio fôra bem aceito; todos o queriam; as pessoas de menores recursos fabricavam-no até em pequenas caixas de charuto, valendo-se de fones para ouvir as músicas que era transmitidas do estúdio da primeira estação transmissora, estúdio esse instalado no recinto da Exposição comemorativa do centenário da nossa Independência.

Com o correr do tempo, os aparelhos foram sendo aperfeiçoados, e novas emissoras surgiram. Os discos, usados até então exclusivamente, foram sendo substituídos pelos artistas em atuação pessoal. Em breve espaço de tempo já o Rio de Janeiro contava umas três ou quatro estações de rádio, e o comércio, compreendendo o valor da novel descoberta para propaganda de seus produtos, a ela aderiu rapidamente, reunindo assim o útil ao agradável, de vez que o sistema usado, que era o dos textos, patrocinava números musicais oferecidos aos ouvintes. Posteriormente, concertos e conferências passaram a ser apresentados através do rádio, iniciando-se assim uma nova fase, onde a cultura colocava-se a serviço do magistério artístico e intelectual. Mestres de reconhecida capacidade propiciavam ensinamentos ao povo através do microfone, e pequenos conjuntos orquestrais executavam páginas dos grandes músicos de todas as escolas.

Fazia-se mister a ampliação do movimento cultural, usado até então por várias emissoras, isoladamente. Em Abril de 1940, surgiu essa intensificação, através de um programa que recebeu o título de "Ondas Musicais", e que obedeceu, desde o início, ao sistema de irradiação por intermédio de cadeia radiofônica. O referido programa, organizado e patrocinado pela Cia. de Carris, Luz e Fôrça do Rio de Janeiro, Ltda., rapidamente se impôs perante a opinião pública, devido basicamente ao bom gosto com que sempre foi elaborado e aos grandes artistas que nele veem atuando. Efetivamente, "Ondas Musicais" já apresentaram pianistas como Magdalena Tagliaferro, que, além de honrar o Brasil musical pelo seu virtuosismo, é uma notável conferencista, tendo realizado naquele programa uma belíssima palestra sobre o "Carnaval" op. 9, de Schumann.

Além da citada mestra patricia, "Ondas Musicais" apresentaram os consagrados virtuosos do teclado que são Maryla Jonas, Miecio Horszowski, Antonietta Rudge, Noemi Coelho Bittencourt, Vieira Brandão, e em notável trabalho de intercâmbio artístico o pianista canadense Jean Dansereau, vindo especialmente para realizar uma série de concertos, em companhia de sua esposa, o soprano Muriel Dansereau.

Na arte violinística, já se fizeram ouvir por intercâmbio de "Ondas Musicais", o nosso brilhante artista Oscar Borgeth, bem como Ricardo Odnoposoff, portador de renome internacional. Nas mais puras manifestações do bel canto, citaremos Solange Petit Renaux, Frederick Fuller, Lais Wallace, René Talbá, Alice Ribeiro, e, como nota interessante de se recordar, salientaremos em música de conjunto, o "Coro Feminino Pró-Música", composto de 11 sopranos, 8 meio-sopranos e 7 contraltos. Ainda em gênero camerista, apresentaram-se através das "Ondas Musicais" magníficos trios e quartetos. Acontecimento de extraordinária repercussão foi também a atuação da Orquestra Sinfônica Brasileira, completa, sob a regência do insigne maestro Eugen Szenkar. Atualmente o programa em aprêço está oferecendo aos seus inúmeros ouvintes um ciclo de conferências sobre assuntos musicais, sendo as mesmas confiadas a conceituados professores, como os dres. Andrade Muricy e Eurico Nogueira França, que realizaram nos meses de Fevereiro e Março p. passados palestras agradabilíssimas e altamente culturais. Após a atuação dos eméritos pianistas professor Tomás Terán e Arnaldo Estrella, que estão apresentando no corrente mês brilhantes audições em duo pianístico, prosseguirá a série de conferências, a cargo dos renomados professores Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, Garcia de Miranda Netto, Brazílio Itiberê e Octavio Bevilacqua.

Como se vê, a Cia. de Carris, Luz e Fôrça do Rio de Janeiro, Ltda. não poupa esforços para proporcionar ao público programas finíssimos a cargo de artistas de valor. Daí o segredo do sucesso crescente das empolgantes horas de arte que são as "Ondas Musicais".



PARAT0005

Os homens não esquecem...

UM ROSTINHO SIMPÁTICO COM UMA CUTIS MACIA E SAUDÁVEL! SEJA UMA "LEMBRANÇA INESQUECÍVEL" NO SEU AMBIENTE, CORRIGINDO OS DEFEITOS DA SUA CUTIS COM O

OLEO de VIOLETAS
de Mme. GRAÇA

DISTRIBUIDORES: ESPANA PARAMES & IRMAO RUA DA ALFANDEGA 188

TÔNICO PODEROSO, QUE DÁ À PELE AS VITAMINAS NECESSÁRIAS À SUA BELEZA.
CATÁLOGO GRATIS PELO CORREIO

Modas

Ambas estas "toilettes" são para as tardes elegantes e jantares ou visitas de cerimônia. Há um contraste nas cores sérias dos vestidos com os tons alegres dos complementos. As bolsas em forma de sacóla são uma novidade da temporada. O modelo inferior, mais próprio para mocinhas, tem manga comprida, presa no pulso, e uma "teque" original que encobre metade do cinto, na parte da frente. Góla bem aberta e ampla.

PERFUME

Reve Rose

SONHO QUE SE TORNOU REALIDADE!

ALLY
SÍMBOLO DE GARANTIA!

EXTRATO Nº1317
Nº1330

PÓ DE ARROZ Nº1350

COLONIA Nº1300-F
Nº1301-F

BRILHANTINA Nº 1312

LOÇÃO Nº 1320
Nº 1321

COLONIA Nº1300
Nº1301

EXTRATO Nº1332 C/CX
Nº1332 S/CX
Nº1332-M

T. TARQUINO

A VENDA EM TODO O BRASIL

Cidade Maravilhosa

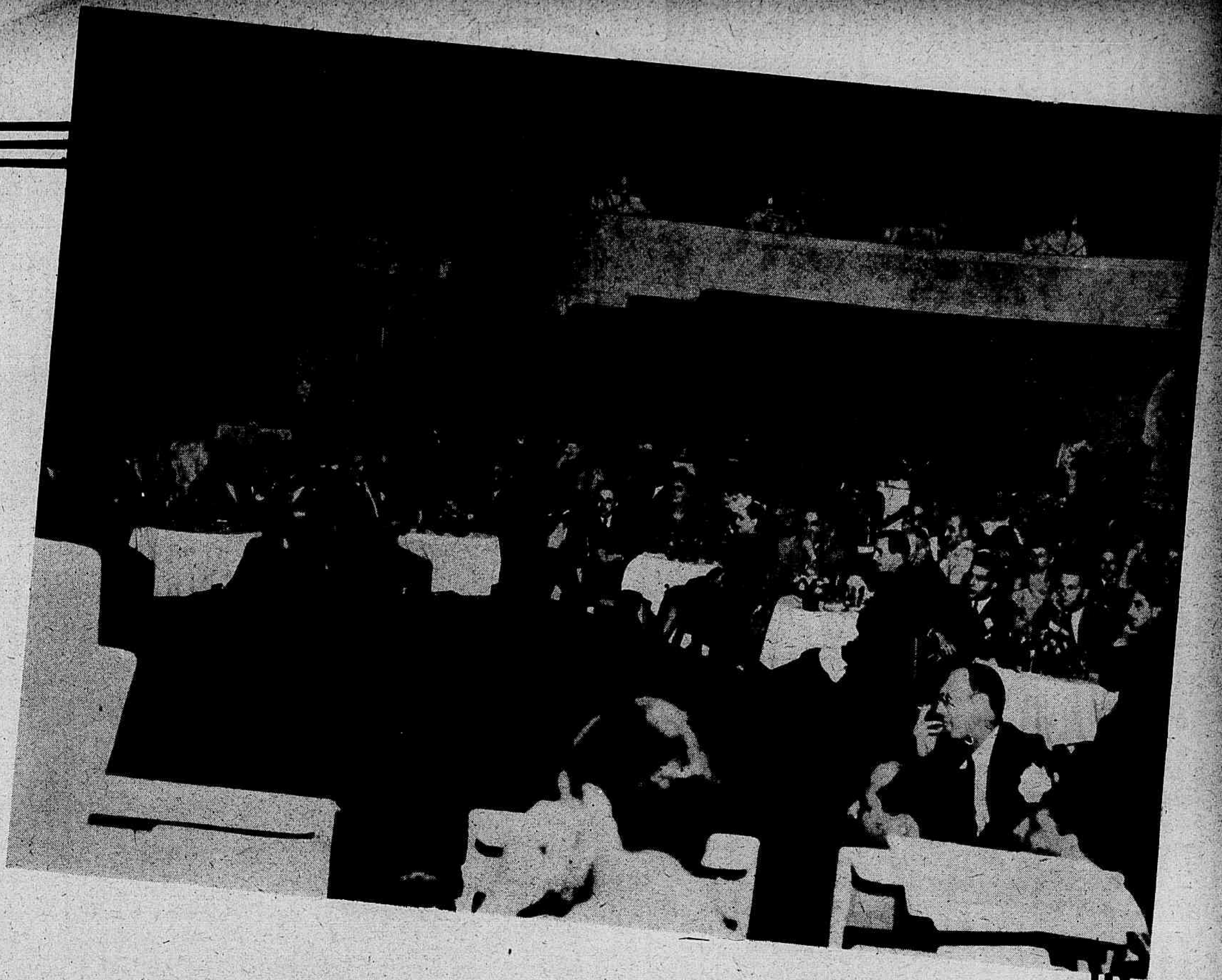
UM COSMORAMA SONORO DA VIDA CARIOCA NA "BOITE" DO ATLANTICO

Alterar para melhor foi sempre o lema do Casino Atlântico. E foi obedecendo a essa diretriz que a direção daquele estabelecimento cuidou não só de renovar seu "cast" como de apresentar aos seus frequentadores um espetáculo original, à altura de sua requintada sensibilidade. "Cidade Maravilhosa", revista moderna, é uma mensagem à inteligência e ao bom gosto da culta platéia carioca.



Passeio pitoresco pela crônica da cidade de extasiados e variados aspectos, o "divertissement" criado por Ziembinski fala ao que temos de mais apegado em nossos corações: — o amor feito de orgulho pela metropole-sedução desta ourela ocidental do Atlântico Sul.





"Féerie" girando em torno da vida, dos costumes e das singularidades do Rio. "Cidade Maravilhosa" foge a frase feita, ao lugar comum da arte cênica, lembrando alguns de seus números, tal a novidade de apresentação e do jogo de luzes, a "maneira" dos pintores impressionistas em seus melhores e mais lúcidos momentos de inspiração creadora.



Natal sangrento

(Continuação da página 15)

Eis a história. O farmacêutico tentou salvá-lo mas não foi possível. Daqui a pouco virá um carro apanhá-lo.

— Você não acha conveniente avisar a polícia?

Nesse momento notei um senhor de cabelos grisalhos que passava pela farmácia, inspecionando tudo. Você m'o apresentou.

— Mickey Ryan, do Departamento de Homicídios.

A polícia lá chegara. Ocorreu-me então que era estranho o fato de você ter chamado a mim, que nada entendia desses casos.

— Você com certeza quer saber por que o chamei, não é verdade?

— Confesso que é exatamente nisso que eu estava pensando. Não sei a razão do chamado.

— Você conhece a vítima?

— Não tenho a menor idéia sobre quem seja. Nunca o vi antes. Era só isso que você queria saber?

Betty riu.

— Ora, vejam só! O grande homem enganou-se. Pela primeira vez, desde que o conheço, ele deu um palpite errado! Você disse que Ben Thompson devia conhecer o morto. Ele não conhece. Foi por isso que você o mandou chamar. Logo terminou a sua missão. Você não acha que é mais delicado pagar um automóvel para ele? Afinal de contas, nós fomos acordar o homem no meio da noite. Não está direito. Isso é um crime contra a tranquilidade e o bem ganho repouso de um escritor famoso!

O nervosismo da môça levava-a a fazer aquelas ironias.

Você olhou para ela, muito calmo e disse:

— Mas você não acha uma pena, mesmo? Essa môça é tão bonita quando está calada. E' só abrir a boca, entretanto... Que calamidade! Quanta tolice um mortal pode dizer em tão pouco tempo! Coisa realmente admirável!

— Mas então não foi para ver si eu podia identificar a vítima que você me chamou aqui?

— Confesso que não.

— Qual foi a sua intenção, nesse caso?

— Escute aqui, Ben, você está apaixonado por uma pequena chamada Stella Matthews, não é verdade?

— E'. Será que você tem alguma objeção a fazer?

— Calma, meu filho, calma. Não quero fazer objeção alguma. Que é isso? Não precisa ficar nervoso! Trata-se do seguinte: eu acreditei que você conhecesse esse homem porque ele era o marido de Stella.

— Ele era o que?

— O marido da senhora dos seus sonhos. Casados direitinho com anel e licença especial.

— Mas não é possível!

— Possível, é! Ora essa! Pois si eu lhe estou afirmando que é a pura verdade!

Não podia acreditar no que ouvia! Stella era tão linda, tão pura... bem, todos sabem os adjetivos. Já os repeli

Rotenol

NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FOR O PREÇO

tantas vezes nas histórias que escrevia que me cancel dèles.

— Francamente, Tony, eu duvido muito que a informação que você tem seja certa.

— Mas a informação que eu tenho é mais do que certa, meu querido amigo. Vou explicar-lhe.

— Sou todo ouvidos.

— Pois bem. Há, aqui em Hollywood, além de um agência onde estão registrados todos os atores e atrizes, sem exceção, uma outra agência cujo arquivo, muito mais informativo e completo, tem, não só os atores, como toda e qualquer pessoa que trabalhe para o cinema, desde os porteiros até os diretores e presidentes das grandes firmas. E cada ficha tem a história completa da pessoa...

— Mas como descobriu que esse homem era marido de Stella?

— Nós o identificamos. Chama-se William Blake. Tem ficha no Departamento a que me referi.

— Mas isso é inacreditável!

— Bem, Ben, não vamos ficar aqui toda a noite ouvindo você dizer que o que

PRECISO COMPRAR
JÁ UM TUBO
DE
MENTHOLATUM



MENTHOLATUM

É USADO DIARIAMENTE POR
MULTIDÕES CONTRA

RESFRIADOS

UM REMEDIO CASEIRO DE
VALOR INCALCULAVEL

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO

Brilhante

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

ouve é inacreditável. E' a pura verdade e isso basta. Mas vamos ao que interessa: que sabe você sobre a vida de Stella?

— Nada.

— Como, nada?

— Bem, sei muito pouco.

— Nesse caso, conte-nos o pouco que sabe.

— Pois bem. Vou contar.

— Betty! Tome nota, disse Tony.

Betty tomou um bloco.

— Pode começar.

— Conheci Stella no estúdio.

— Como? Como vieram a falar um com o outro? Foram apresentados?

— Nem me lembro mais. Já faz tanto tempo...

— Bem, vamos adiante.

— Ela era uma extra, muito pobre. As vezes passava várias semanas sem conseguir trabalho. Você sabe como é incerta a vida das extras. Uma môça corajosa. Enfrentava a vida dura, com firmeza. Si é verdade que era casada com Blake já devia estar separada d'ele quando a conheci. Muitas vezes passava fome.

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e re-rescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.



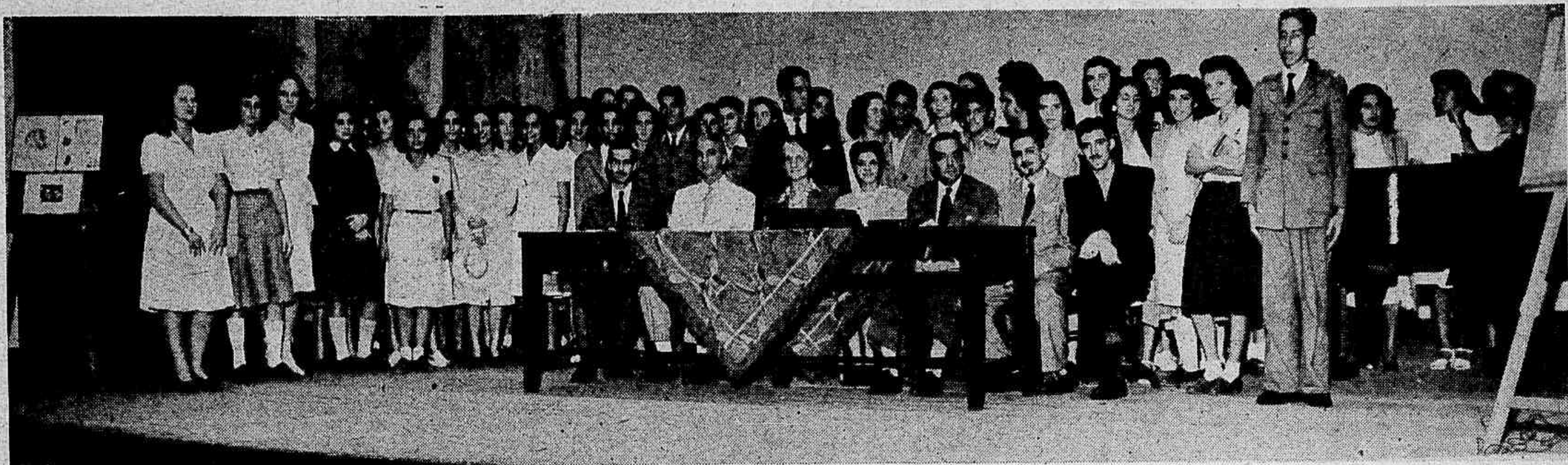
BELZEMA

para Erupções da Eczema

O Pomada não gordurosa, antissética, que combate as coceiras e erupções da pele. Não requer ataduras.



O "Programa dos Nôvos" no Colégio Bennett



Por iniciativa da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, amplamente vitoriosa, vem sendo regularmente irradiado, com grande sucesso, nos nossos estabelecimentos de ensino secundário, o "Programa dos Nôvos". A propósito, damos aqui dois aspectos da última reunião, realizada no Colégio Bennett, figurando na fotografia de cima a entrega dos prêmios do Torneio Cultural, feita por ocasião da irradiação do dia 11 deste mês. Na foto de baixo vê-se o grupo de alunos daquele estabelecimento que tomaram parte na irradiação.

Não tinha dinheiro para comer. Lembro-me de tê-la encontrado assim, uma vez, e ela recusou ajuda.

— Comovente! exclamou Tony, muito sério, e eu não pude saber si era realmente este o seu pensamento ou si estava fazendo ironia.

— Bem, foi assim que começou...

— E, pouco depois, você sentiu a flexada...

Apaixonei-me!

— Lindo! disse Betty, e desta vez eu estava certo de que era ironia. Não gostei da atitude dela.

— Bem, foi assim. Mais alguma pergunta?

— Não. Queria vê-la.

— Mas a esta hora?

— Por que não? Acho melhor você vir conosco, entretanto.

— Está claro que irei.

— O que? Com medo de que o detetive lhe vá molestar a flôr delicada?

— Que detetive?

— Ah! E' verdade, você não sabe de nada. Eu sou detetive.

— Você?!

— Sim, eu. Afinal de contas a coisa não é assim tão surpreendente. Será que eu pareço muito burro para ser detetive?

— Não. Claro que não. Mas a notícia é tão inesperada...

— E' isso, meu amigo. Hoje é o dia das coisas inesperadas! Vamos.

— Vamos.

Stella ficou muito surpreendida.

— Ben! Você aqui, a esta hora?

— E'.

— Mas, que há?

— Nada de importante, Stella. Não se assuste. E' um assunto urgente. Precisamos fazer algumas perguntas a você.

— Mas a respeito de que?

— Bem, é melhor você nos deixar entrar. Aqui na porta não é local muito conveniente, não acha?

Ela hesitou um pouco. Mas afinal decidiu-se. Abriu a porta e fê-los entrar.

Tony passou os olhos pelo quarto da môça.

Tudo desarrumado. Sobre uma mesinha havia uma árvore de Natal, debaixo da qual estavam dois embrulhos. Uma garrafa vazia de whiskey e pontas de cigarro por todos os lados.

Tony esperou que Stella fechasse a porta e depois, virando-se para ela, anunciou:

— William Blake está morto. Envenenado.

— Meu Deus!

A môça empalideceu.

— Ele não se suicidou, não é verdade?

— Não sei ainda. Parece mais assassinato, devido às extraordinárias circunstâncias da morte. Em todo o caso, ainda não posso falar com segurança.

— Homicídio?! Meu Deus! Mas não é possível. Quem haveria de querer matá-lo?

— E' isso que espero saber de você.

— Mas eu não sei de nada. Há muito tempo que eu não via William. Estávamos separados há muito tempo.

Vi você atravessar o quarto, lentamente, Tony. Você pegou os dois embrulhos que estavam debaixo da árvore de Natal.

— Para Ben... Para William...

— Para mim?

— Sim, para você, respondeu, jogando-me o embrulho.

Era um lindo presente. Eu não esperava que Stella comprasse alguma coisa para mim. Fiquei contentíssimo.

— Stella, meu amor, muito obrigado!

Mas Tony interrompeu as minhas efusões.

— Este outro presente era para seu marido, não é verdade?

— Eu... isto é, quer dizer...

— Você... isto é... quer dizer que era mesmo... Quando o viu pela última vez? Qual foi a última vez que se encontraram?

O QUE SE DEVE EVITAR

SILVIA ROGER

COMPANHEIRISMO E CAMARADAGEM

ELAINE — Leme. O sentimento de companheirismo é qualquer coisa entre amor fraterno e amizade séria; é um pacto de mútua compreensão, uma partilha igual dos haveres subjetivos da alma, do coração e do espírito, sem as renúncias e os egoísmos do amor, sem as exigências, por vezes, subversivas da amizade.

O companheirismo pede e dá na mesma proporção, é todo feito de "meias-medidas", nada de extremos em seus sentimentos afetivos, ou em sua exigência de pedir.

Ha nele naturalidade, espontaneidade, ausência de malícia, de inveja, ou desejo de ir mais além da simples afectividade e compreensão; é a camaradagem, um bom e sincero anseio de ser útil e solidário ao outro. Mas, minha amiguinha, companheirismo ou camaradagem não é bem isso que você explica em sua carta, isso que está havendo, em alta dosagem, entre as nossas jovens, sobretudo as que engolam um pouco de inglês, com os nossos hóspedes e amigos os yankees; isso vai além, e às vezes bastante além da simples camaradagem ou companheirismo para ser levandade, imperdoável levandade de cabecinhas de vento para as quaes a vida não passa de uma imitação dos filmes baratos de cinema.

O cinema devia ser uma imitação da vida, para ser uma generosa e clara lição de espíritos bem orientados e generosos mas, infelizmente, o cinema é cada vez mais comercial, descaramente comercial, com um fito único: dinheiro. O sucesso de bilheteria, para os senhores da industria do celuloide em filmes, não é a expansão da cultura, a elevação da arte ou a direcção moral de um povo mas tão somente a maior ou menor quantidade de bilhetes vendidos. Assim, minha amiguinha, as cabecinhas de catavento, que não pensam no ridiculo dessa tola imitação do cinema, estão alienando as suas mais belas virtudes, herança das nossas illustres avós brasileiras, que sempre foram um padrão de orgulho para o povo.



Anne Gwynne, da Universal, preparando a maquilagem dos marujos para uma festa de arte...

Procure ser útil, se puder, aos nossos amigos americanos, em bom espirito de camaradagem ou companheirismo sem ser futil, frívola, uma caricatura dos filmes.

SENSITIVA — Petropolis. Não conheço o caso a que se refere, mas em qualquer caso é um ato não só condenável, mas absolutamente incompreensível, o da mãe que abandona seus filhos menores para poupar-se sofrimentos, ou para não ser estorvada por eles em sua vida. E' esse um ato tão inhumano que nem pôde ser classificado. Como compreender tal mãe no genero humano, quando entre os animais ha exemplos admiráveis de maternidade, cuja grandeza ultrapassa a morte?

Acho minha amiga que a mãe da qual fala em sua carta deve ser uma pobre creatura moralmente inferior, uma infeliz de quem devemos ter dó, uma vez que lhe negou Deus o mais natural e poderoso dos sentimentos humanos.

CHINESINHA — Compreendo o seu sentimento patriótico, minha doce musumê: a sua revolta vendo essa senhora gastar alguns contos de réis em trabalhos de seda e plumas em f rima de chapéu, quando na terra dela há fome, miseria, perseguição e infamia. Mas como quer você que uma creatura feita de moleculas e átomos, que, se desagrega em pó, se prive dessas ninharias bonitas quando a sua bolsa está cheia, como a barriga, quando o coração está vazio como o cerebro? Quando um pobre mortal consegue livrar-se de uma fogueira, foge desabaladamente, sem olhar para trás, com medo que lhe aconteça o que sucedeu a mulher de Lot.

Minha doce Chinesinha, você tem razão, sua carta é linda e comovente; ha em você o espírito heroico dessa China secular e sabia, estoica e gregaria, mas uma moça como você, querida, é uma pérola azul perdida num ostrario. Quem conseguiu fugir da guerra e gozar a paz da patria alheia não tem patria, ou pelo menos não a tem no coração. Terei muito prazer em receber todas as cartas que quizer escrever-me.



Paraiso encomendado

POR muito estafada que esteja a velha anedota do homem que, em meio da multidão convencida da existencia de um quadro, não conseguia vê-lo, desconheço paralelo mais pitoresco para o estado de espírito do individuo amante de radio, cuja preocupação consista em confrontar suas observações e a dos criticos especializados no assunto. Somente ele, escuta, desconfiado, não pode compreender tanta belesal! Folheando jornais, manuseando revistas, seus olhos invariavelmente encontram elogios onde pensava haver censuras; e incenso de turbulo em torno dos que lhe pareciam credores certos de violenta colera punitiva. Aniquilado pela idea de sua impotencia para discernir entre o bom e o mau, torna-se vitima de um terrivel complexo de inferioridade. E, daí em diante, escolhe um dos dois caminhos: — deixa de ouvir rádio ou toma ódio de morte a todos os criticos.

Admito, com a maior displicencia deste mundo, que os inimigos me acusem de todos os defeitos profissionais, menos de ter sido, em qualquer época, premeditadamente desonesto para com os meus hipoteticos leitores. Por isso, em prejuizo de interesses economicos, jamais aceitei — nem aceitarei — emprego no radio e na critica, ao mesmo tempo. Que autoridade, que força moral, de convicção publica pode revestir a função de um critico, se este é forçado, por conveniencia, por temor ou por simples cortezia a elogiar ou, na melhor das hipoteses, a fazer vista grossa sobre as falhas da organização a que pertence como assalariado? A vida anda cara; a crise, realmente, é tremenda; não existe ruido mais amavel do que o estalar das cedulas grandes; mas, tambem, não há pior coisa neste mundo do que morder a lingua... De minha parte, confesso que jamais a morderia, como não a tenho mordido. E sei de muitos que tambem, por não a morderem de maneira nenhuma, convenceram-se, afinal, da sabedoria do apologo da cana e do assobio.

Assim como a maior acusação que se pode fazer a um pedreiro não é a sua ignorancia na colocação dos tijolos e sim colocá-los propositadamente, de forma a construir o muro torto, creio não existir, para o critico, apodo mais eloquente do que esse de arquitetar paraísos artisticos por capricho mercenario. Sonegar a verdade por prazer é vicio; mentir remuneradamente deve ser crime. Principalmente quando essas mentiras podem levar um homem á situação de desconfiar da propria progenitora, não vendo o quadro que todos os entendidos viam.

Djalma Maciel

— Já lhe expliquei que faz muito tempo não o vejo...

— Interessante esse caso. Faz muito tempo não o vê e manda-lhe presentes todo Natal? Brigou com o marido mas mantém com ele relações cordiais. Escute aqui, eu estou disposto a acreditar em muita coisa da maluquice de uma americana, mas tudo tem limites, minha querida Stella. Você afirma que não gostava do seu marido mas que lhe mandava presentes; que não o via; que não sabia onde ele andava; mas eu vejo, precisamente, sobre aquela mesa, um cachimbo...

— Um cachimbo?

— Sim, ei-lo aqui. Então, que me responde a isso? Seria você a fumante? Afirme-me que o amor de Ben ficará muito abalado si ele descobrir que a amada fuma cachimbo...

Nesse momento Betty resolveu, meter sua colher torta na conversa.

— Pode haver uma outra alternativa nada agradável, mas que, em vista das declarações de Stella, é muito mais plausível.

— Qual?

— Talvez este cachimbo não seja do marido. Que não é de Ben, eu sei. Entretanto nada nos diz que não é de um terceiro...

— Betty! protestei...

Mas Stella interrompeu-me.

— Ela tem razão. Este cachimbo não é de meu marido, que há muito não vejo. Pertence a Roger West.

O meu espanto foi tão grande que abri a boca, como um idiota.

Tony riu.

— Ben, parece que nós em vez de descobrirmos um criminoso descobrimos uma...

— Tony!

— Não ia dizer nada de mais, Betty. Ia usar o termo namorada, que sem dúvida é um eufemismo...

— Meu caro senhor, peço-lhe que se lembre de que está em minha casa e não tem absolutamente o direito de insultar-me.

— Desculpe, Stella. Realmente eu não deveria ter dito isso. Mas você compreende, minha filha, há coisas que nos repugnam de tal modo, que não podemos deixar de expressar a nossa desaprovção por elas. Você compreende, não é?

E, antes que ela pudesse responder, saímos todos.

— Com que então, ela recebe visitas de galãs cinematográficos? Não há dúvida que esse quarto é muito frequentado...

— Tony, por favor...

— Desculpe, Ben...

— Escute, Tony, o que nós descobrimos me abalou muito. Eu estava querendo andar um pouco sozinho, para espairecer. Mais tarde você me encontrará em casa.

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CIGARETAS
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SAO PAULO - 1071 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTIFICOS DA CUTIS
Pode servir-se propósitos:
BOM...
INTERESSADO...

— Está combinado.

— Bem, então até mais tarde.

— Até mais tarde Ben.

— Boa noite, Ben.

Tony chegou, com Betty, às dez horas da manhã, mais ou menos.

— Boa noite, Tony.

Entraram os dois. Eu fui buscar o whiskey para oferecer-lhes um drink.

— West confessou que está apaixonado por Stella. Mas foi só. Nada mais que interessasse ao caso.

— Ele esteve realmente na casa dela ontem à noite?

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS
Papéis
BANKETS

PRISÃO de VENTRE?
Pílulas
ALOICAS
REGULAM O INTESTINO
SEM TORMENTA-LOS.



— Tinha saído de lá quando chegámos.
— Ah!

— Pois é.

Houve uma pausa. Eu me sentia tão constrangido como eles. Foi Tony quem finalmente falou:

— Há um outro suspeito, sabe?

— Quem?

— Um inimigo de Blake.

— Ah! Escute, Tony, você trabalha para quem?

— Para o estúdio, está claro. Eu nada tenho a ver com a polícia.

— Ah! Quer dizer que você não sabe qual foi o testemunho desse tal inimigo de Blake.

— Bem, não sei mas vou saber muito breve.

— Como?

— Vamos à casa dele. A polícia limitou-se a interrogá-lo e mandou-o embora.

— Quando é que você vai lá?

— Lá aonde?

— Ver este camarada.

— Assim que sair daqui.

— Posso ir com você?

— Pois, não.

— Então vamos já, você não acha melhor?

— Pode ser.

— Bem, eu vou mudar a camisa. Quando você me telefonou de madrugada, eu fiquei tão assustado que me esqueci de mudar a camisa.

— Está bem... Vá que eu espero.

Minutos depois, estávamos a caminho da casa de Jim Davies.

Era uma casa de cômodos escura e mal cheirosa.

— E' aqui que mora Jim Davies? perguntou Tony à megera que nos veio abrir a porta.

— E'.



— Ele está?

— Quem é você?

— Não interessa. Ele não me conhece, mas eu preciso falar com ele.

Tony sempre teve um tom imperioso muito eficaz. A velha, intimidada, afastou-se e deixou-nos entrar. Apontou para uma porta no fundo do corredor.

— Ele mora ali.

— Está bem. Pode retirar-se.

Ela afastou-se, olhando para nós com ar desconfiado.

Tony bateu na porta.

— Quem é?

— Abra.

Houve um ruído de cadeira afastada e uma cabeça apareceu na porta.

— Escutem, eu já disse tudo o que sabia. Por que vão me levar de novo?

— Ninguém vai levá-lo. Queremos somente fazer algumas perguntas.

— Quem é o senhor?

— Sou detective do estúdio.

— Ah! Que deseja saber?

— Quería que me dissesse onde esteve ontem à noite.

— Fui a várias festas. Embebedei-me.

— A que festas?

— Primeiramente à do estúdio. Depois, nem sei mais. Estava bêbado.

— Não nos ajudou muito, comentei.

— Quem sabe?

— Quem sabe o que, Tony?

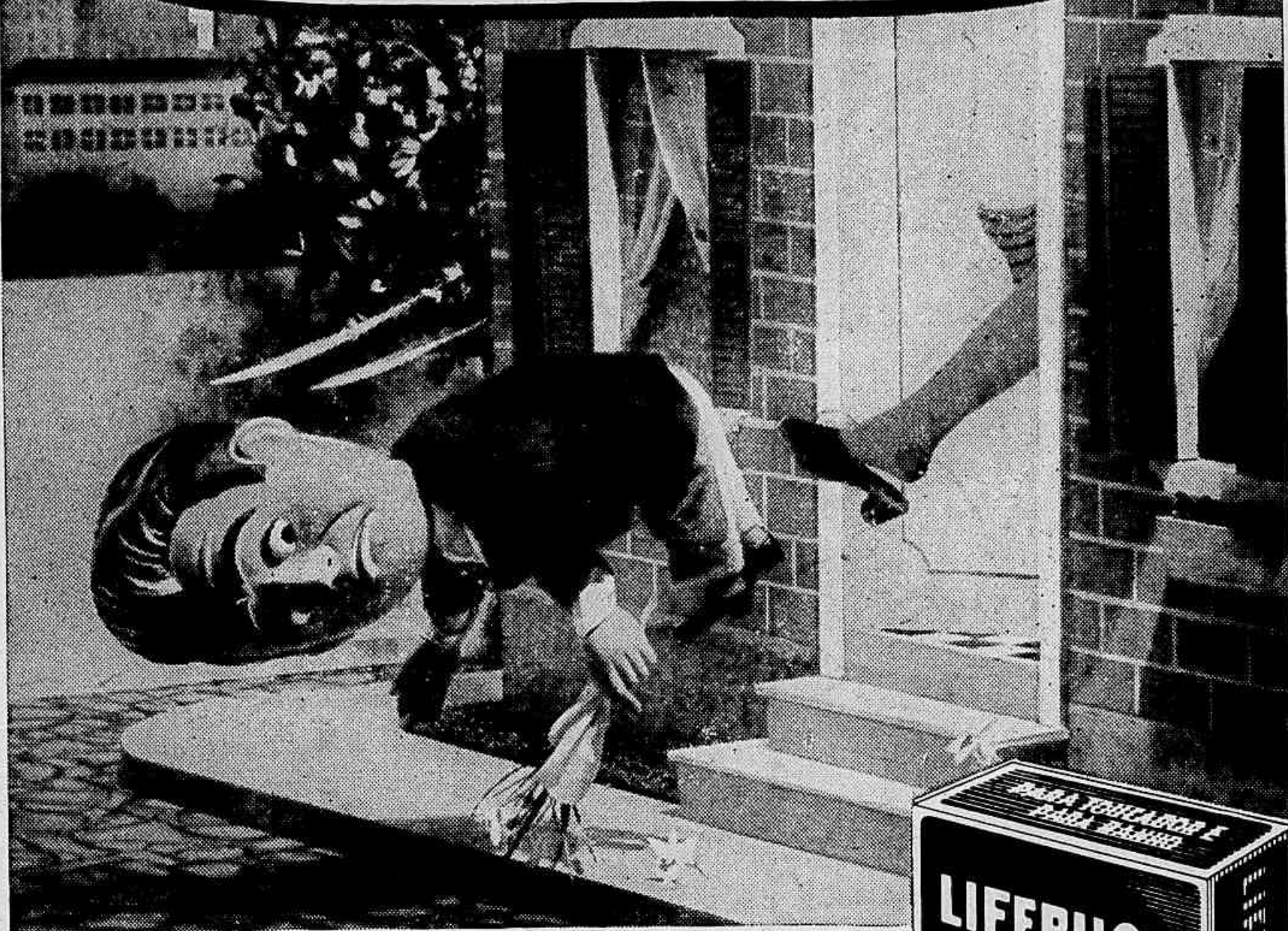
— Nada. Vamos tomar um café?

— Não tenho a mínima vontade.

— Mas eu quero. Venham fazer-me companhia, pelo menos.

Fomos a um restaurante defronte. Um desses restaurantes como há muitos em Hollywood. O freguês ao entrar apanha uma ficha das que estão empilhadas na porta. Ao sair, traz na ficha carimbada pelo garçon a importância que deve pagar; a porta de saída é ao lado da caixa. Ali passam todos para sair e pagar. Cada dia a ficha é de uma cor diferente, para evitar fraude.

O "tal" que não usa **LIFEBUOY**



Cuidado! Se as coisas não lhe correm bem, tudo pode ser devido a odores desagradáveis, que Você não sente, mas os outros sim! Comece a usar Lifebuoy, cujo elemento purificador especial...

ASSEGURA SEU "ASSEIO CORPORAL"!

LINTAS LHS 75-0220 A

Entrámos. Depois de tomar o café, Tony pediu licença e desapareceu. Minutos depois voltava.

— Peço-lhe que fique calmo, Ben. Não há meio de fugir. Já mandei chamar a polícia.

— Não compreendo.

— Mandei chamar a polícia, Ben, para levar o assassino de William Blake.

— E quem é ele?

— E' você.

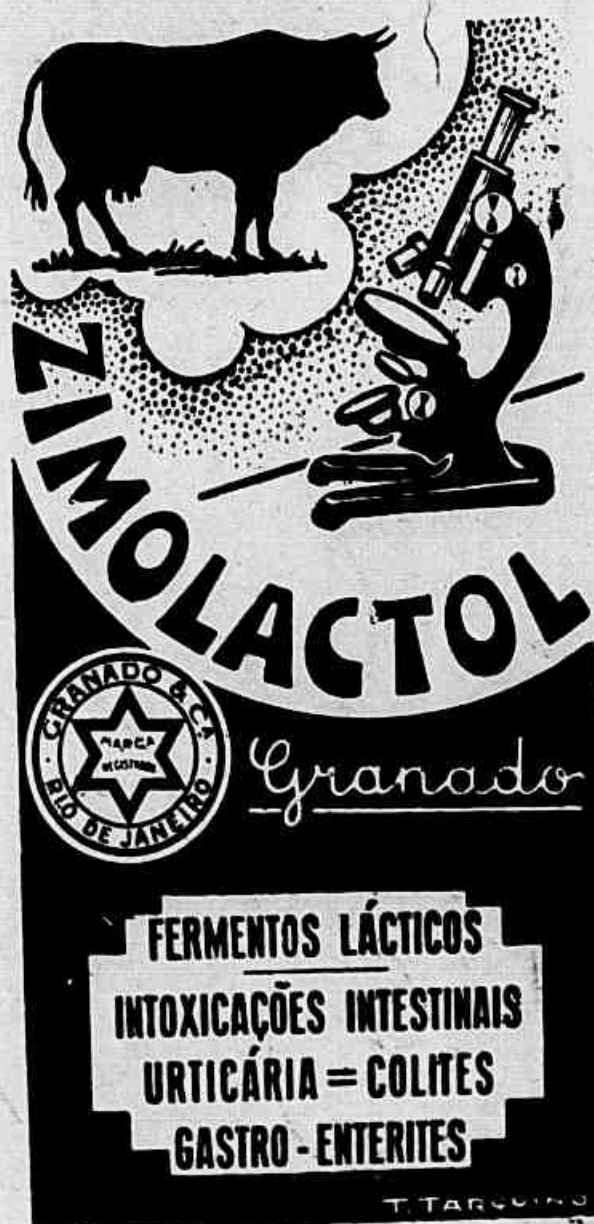
— Você está louco!

— Nada disso. Você matou o marido de Stella porque ele se recusava a dar o divórcio sem que 'você pagasse a ele uma quantia. Triste economia, meu amigo! Descobri em cima do armário de sua casa uma ficha de ontem, do restaurante. Soubemos que foi daqui que Blake saiu para ir à farmácia. Há vestígios de que alguém pulou pela janela do lavatório. Por que fugir? Porque envenenara o café do outro, tendo vindo aqui junto com ele, a pretexto de discutir o assunto. Quem fugiu? O assassino, para não ser obrigado a mostrar a ficha. Na entrada não há controle. Havia esperanças de que não tivessem reparado em você. Mas à saída você seria forçado a pagar e o "caixa" se lembraria da sua fisionomia. Quem seria o assassino? Só poderia ser a pessoa que guardasse uma ficha do dia de ontem, já que todas as fichas são recolhidas à saída, quando se paga. Onde estava essa ficha? Na sua casa. Que motivos tinha você para matar Blake? O fato dele ser marido de Stella e exigir elevada quantia pelo divórcio. Isso basta para mim e creio que bastará para o júri.

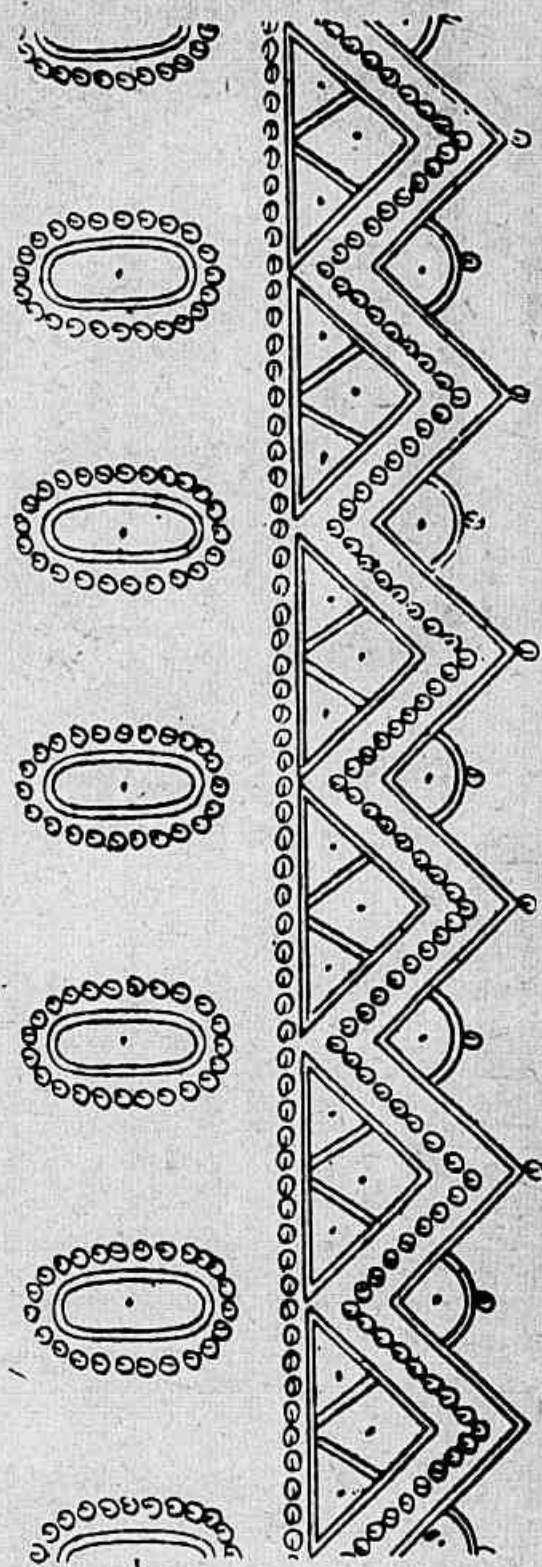
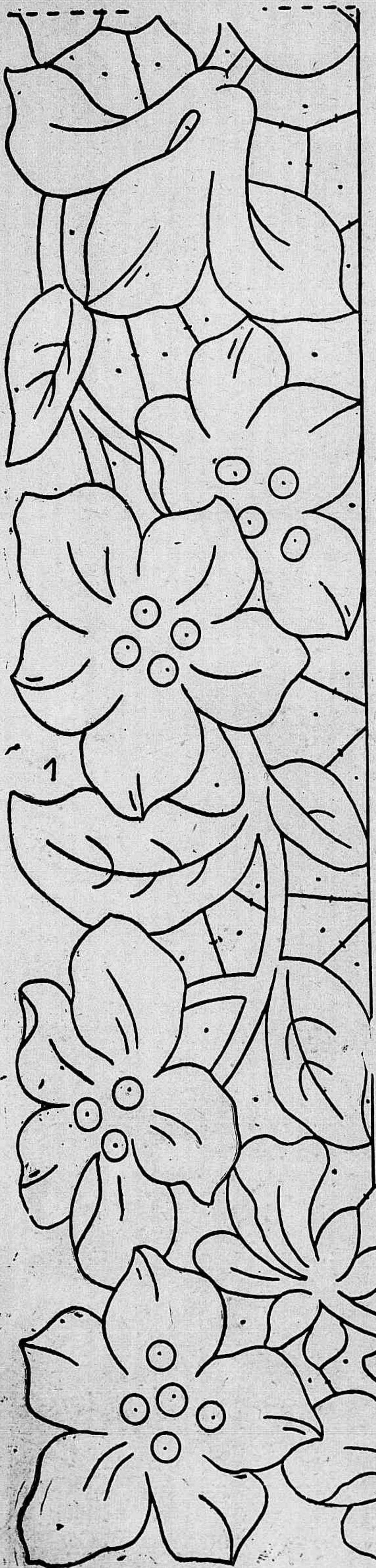
Fui condenado. Enquanto escrevo as horas correm. Serei executado por crime de morte. Receberei o perdão do presidente, para quem apelei, antes da hora da execução? Não sei. De nada vale torturar-se, Tony. Mas, si acaso eu não voltar, quando vier outro Natal, dê um passeio pela Avenida Hollywood para mim, por favor.

Um abraço do seu amigo,

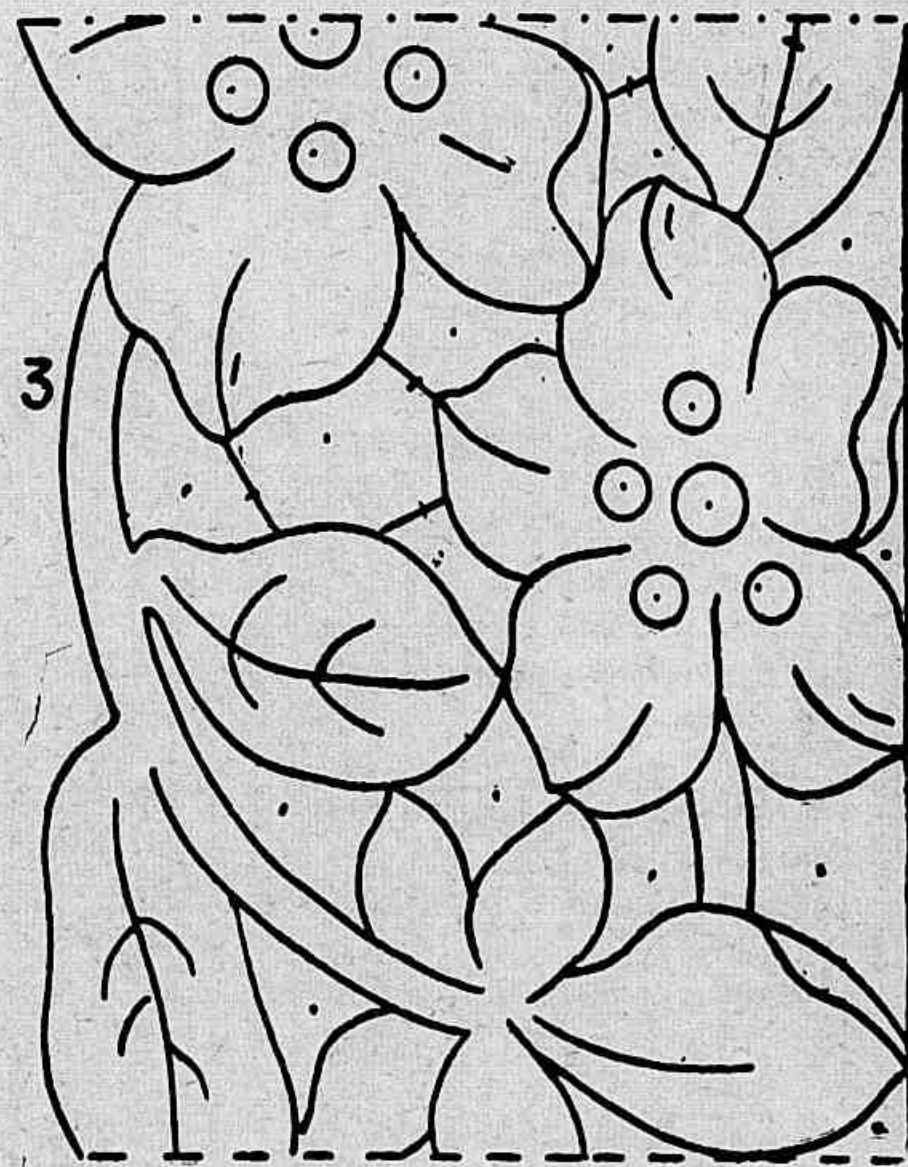
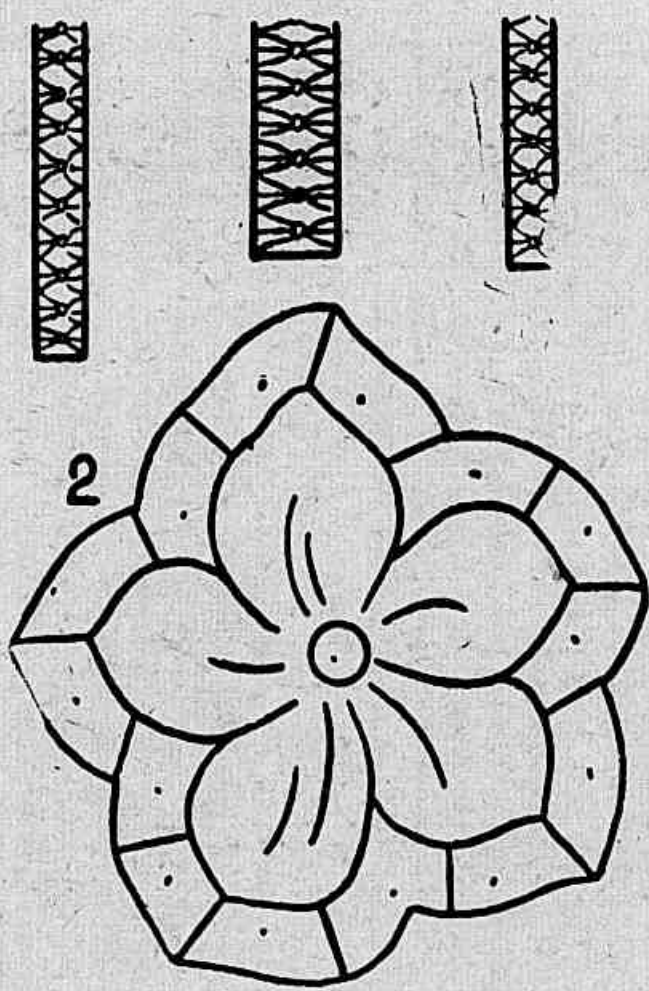
Ben Thompson."



TRABALHO MANUAL



- 1 — Bordado Richelieu de *barr.tle*, para uma toalha de linho;
 2 — Um detalhe da aplicação para o centro, entre bainha aberta
 de três tamanhos.
 3 — Detalhe do desenho.
 4 — A toalha pronta.



**SABONETE
HIGIENIC** HIGIENIZA
O CORPO E AS MÃOS
CR\$ 1,90

OUTROS MODELOS

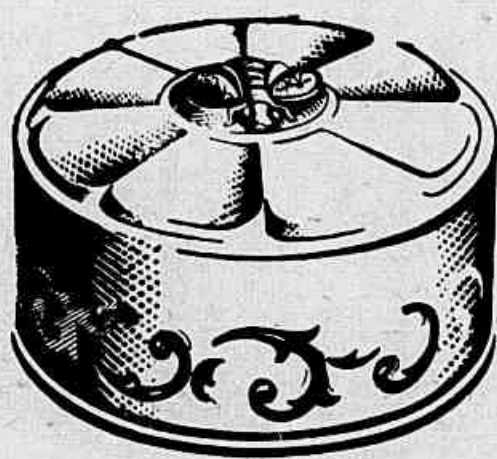
Como está mais bonita!...



Pura lã ou
seda grossa.



Descubra uma nova beleza com o pó de arroz Bond Street, de Yardley, tão macio, tão fiel à tonalidade da sua cutis, tão maravilhosamente fino. Goze a lisonja motivada pela beleza natural, a espontaneidade sutil que é arte especial do fabricante — o presente de Yardley ao encanto e a você!



Yardley
de Londres

Lembre-se: ainda chegam às lojas pequenos fornecimentos de Cremes de Beleza Yardley e Tálco Lavender. Assim, veja se obtem o seu quinhão!

88 OLD BOND STREET — LONDON — ENGLAND

A moda continua a mesma. Foi o que já escrevemos na nossa secção de modas. Os vestidos em uso seguem as mesmas linhas mudando somente o tecido, que deve ser de seda mais grossa ou lã e flanela com mangas $\frac{3}{4}$ ou longas de preferencia, como vemos nos modelos ao lado. O inverno traz necessariamente o uso do chapéu e os sapatos mais fechados.

Estes detalhes da indumentaria feminina estão certamente dependentes da logica de toda mulher chic.

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 350
FONE 7-7669 — S. PAULO

JUVENTUDE

ALEXANDRE

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro

12K

**ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE**

De máu hươu...



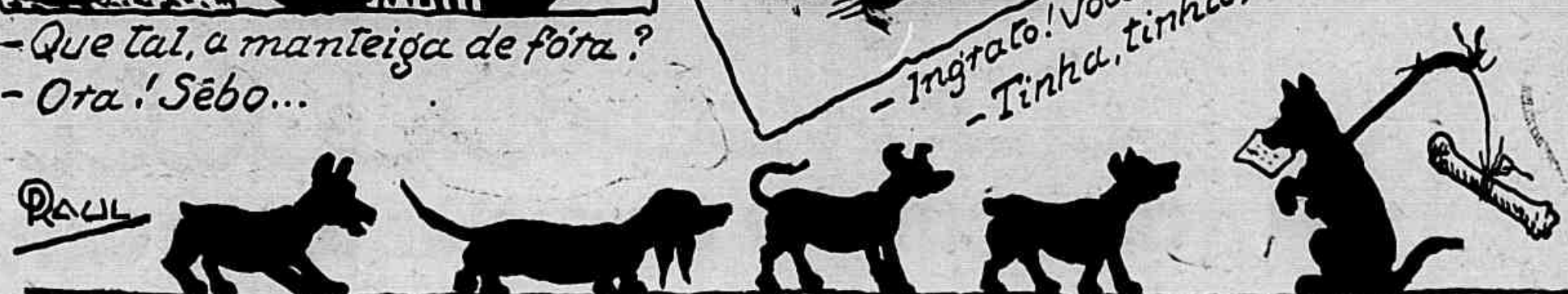
- O estilo atual do sapato feminino, parece, está manco.



-Ai,ai! A vida, no tempo antigo era um doce de leite!...



- Ingrato! Você não tem coração!
Tinha, tinha, mas acabou-se...





MOBILIARIOS LUIZ XV ESTILIZADO

Neste luxuoso e amplo dormitório de casal, aproveitando-se das linhas e motivos Luiz XV, o técnico em decoração conseguiu — introduzindo no estilo tôdos os requisitos modernos de conforto e higiene — ornamentar a peça de maneira a não torná-la ridícula e vária, obtendo antes uma homogeneidade perfeita, apesar da adaptação de modelos antigos.

Êste é um exemplo da estilização praticada com arte e discreção, embora o estilo se afaste bastante da sua pureza original.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

**Aproveitem os preços reduzidos durante
a TRADICIONAL VENDA ANUAL**

DA



65 -- RUA DA CARIOCA -- 67 -- RIO

Jôgo LADY SHEAFFER
Lifetime com pena
"Feathertouch" de ouro
de 14 ks.

Jôgo CREST "TRIUMPH"
Lifetime com pena
"Feathertouch" de ouro
de 14 ks.

Uma Sheaffer's

TRADUZ MELHOR E PARA SEMPRE O SEU AFETO...

Grafite SHEAFFER'S
Fineline de comprimen-
to duplo. Fina, macia e
de maior durabilidade.



CUBA-TINTEIRO SKRIP
usável até a última gota.

A tinta SKRIP fa-
bricada especia-
lmente para as ca-
netas SHEAFFER
é de fluidez e ni-
tidez absolutas.
Resiste à ação do
tempo e da água.

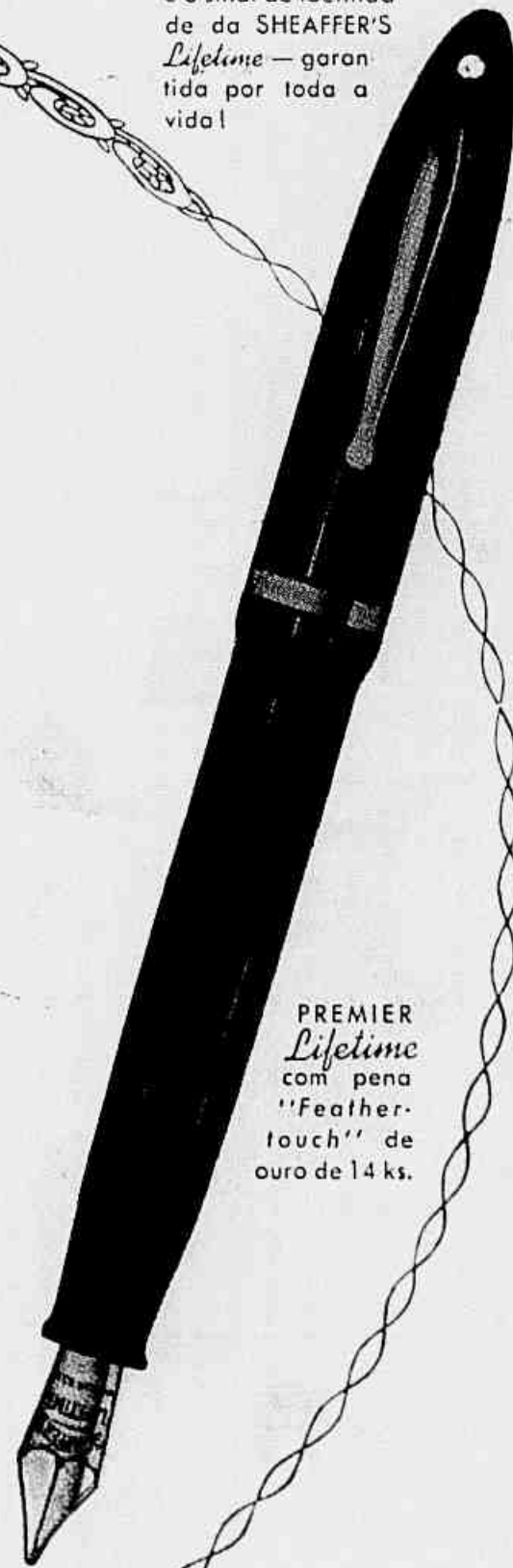


TRABALHADA com o requinte e o cuidado de uma verdadeira joia, a SHEAFFER'S Lifetime* garantida por toda a vida — no desenho moderno das suas linhas e na beleza harmoniosa das suas cores, oferece a quem a possui o máximo de perfeição técnica e utilidade para... a vida inteira! O super-alimentador Flo-Rite faz com que a tinta esorra num fluxo constante e exato, sem borrões nem falhas na escrita. A pena "Feathertouch" (toque de pluma) feita à mão — de ouro de 14 ks, platina na ranhura, patente exclusiva da SHEAFFER e ponta de irídio, escreve de dois modos diferentes, com a leveza de uma pluma. Dê aos seus amigos, aos seus parentes e às pessoas que mais estima, uma SHEAFFER'S Lifetime, acompanhada de linda lapiseira "Fineline" — de ponta sempre afiada — em luxuosos estojos para senhoras e cavalheiros. Comemore um aniversário ou uma data festiva com o presente que mantém viva, através do tempo, a lembrança de um momento feliz!

* Todas as canetas SHEAFFER'S Lifetime são incondicionalmente garantidas para a vida inteira do possuidor, excepto nos casos de perda, roubo ou dano proposital. Para qualquer conserto a caneta deve ser entregue ou remetida completa aos representantes locais da SHEAFFER'S Pen Co., acompanhada da importância de CR\$ 10,00

O PONTO BRANCO
é o sinal de identida-
de da SHEAFFER'S
Lifetime — garan-
tida por toda a
vida!

PREMIER
Lifetime
com pena
"Feather-
touch" de
ouro de 14 ks.



SHEAFFER'S
Lifetime

UMA JOIA QUE ESCRIVE

Representantes exclusivos no Brasil: M. AGOSTINI & CIA. LTDA.
RIO DE JANEIRO: AV. RIO BRANCO, 47-1.º - S. PAULO: ANCHIETA, 35-8.º AND. - SALAS 803/5

Standard - S 9